

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Maria Gabriela Dias

Relações afetivas e violência entre adolescentes em ambiente escolar:  
uma análise crítica.

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade.

SÃO PAULO - SP  
2021

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Maria Gabriela Dias

Relações afetivas e violência entre adolescentes em ambiente escolar:  
uma análise crítica.

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados – Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Professor Doutor Odair Sass.

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade.

SÃO PAULO – SP  
2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

Dedico às minhas ancestrais  
que não conseguiram ter acesso à educação formal  
e, hoje, me inspiram e fortalecem.

## **AGRADECIMENTO ÀS AGÊNCIAS DE FOMENTO**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 88887.339973/2019-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 88887.339973/2019-00.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Código de Financiamento 130322/2020-2.

This study was financed in part by the Coordenação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Finance Code 130322/2020-2.

## AGRADECIMENTOS

Realizar uma pesquisa diante de uma pandemia foi um grande desafio, pois, muitas vezes, o luto e o medo me invadiram, bloqueando a criatividade e fluidez das reflexões. Entretanto, mesmo perante as adversidades, a realização desta pesquisa foi possível graças ao apoio de pessoas que me instruíram e fortaleceram, as quais destacarei minha gratidão à algumas delas:

Ao orientador Dr. Odair Sass, pela condução precisa e esclarecedora durante o desenvolvimento desta pesquisa, bem como pelas aulas e conversas, que proporcionaram aprendizagem e formação voltadas à crítica e reflexão.

Ao professor Dr. Carlos Giovinazzo, por me acompanhar desde o início desta pesquisa sempre com muita cautela, respeito e acolhimento, inclusive, nos momentos difíceis. Agradeço, ainda, pela valiosa contribuição como membro da banca mediante pertinentes apontamentos.

À Dra. Pâmela Tezzele, pela disponibilidade em participar da banca e pelas preciosas observações, crítica e respeitosa, a qual fizeram grande diferença na presente pesquisa.

Aos funcionários, professores e colegas do Programa Educação: História, Política, Sociedade, por me acompanharem nesse processo. Gostaria de destacar a Betinha, quem desde o primeiro dia no programa me acolheu em todas as angústias e dúvidas; resalto também as queridas colegas Thatiane e Cristiane, por me ampararem e ajudarem a desbravar os caminhos da vida acadêmica.

Ao meu amor Kaua, por ser meu aconchego seguro e tranquilo, me fortalecendo e caminhando ao meu lado diante de todos os desafios.

Aos meus pais, José Claudio e Jovina, e ao meu irmão José Sergio, por sempre acreditarem em mim e não medirem esforços para que eu tivesse acesso à educação de qualidade e enfrentasse todas as dificuldades.

À minha família mineira: aos avós Fausto, Maria do Carmo, Lurdes e Josué (em memória), por serem minhas raízes; aos tios Maria de Lurdes e José Maria, pelo imensurável carinho e apoio; aos primos/irmãos José Lineu e Camila, pela parceria de vida.

À minha família paulista: aos sogros/amigos Rosangela e Reginaldo, pelo acolhimento; aos cunhados/amigos Suellen, Raul, Kaique e Paulo, pelas boas conversas e afeto.

Aos meus anjos Lucas, Flavio e Yasmim, crianças que constantemente me alegram e fazem lembrar a leveza e simplicidade da vida.

## RESUMO

DIAS, Maria Gabriela. *Relações afetivas e violência entre adolescentes em ambiente escola: uma análise crítica*. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Esta pesquisa discutiu a violência nas relações afetivas entre os adolescentes em ambiente escolar baseada na teoria crítica da sociedade, elaborada, principalmente, por Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse. Trata-se de uma pesquisa *ex post facto*, que teve por fonte dados empíricos de outras produções científicas. Os principais objetivos do presente estudo foram: investigar o que os dados das pesquisas selecionadas como fontes apontam a respeito da percepção dos adolescentes sobre a violência nas relações afetivas; analisar as principais características identificadas pelas produções acadêmicas sobre as relações violentas entre os adolescentes; averiguar o que as pesquisas indicam sobre o ambiente escolar perante o cenário da violência nas relações afetivas. A busca foi realizada nas plataformas digitais: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Periódico CAPES, Biblioteca Digital da USP, PUC/SP e UNICAMP, ANPEd e BVS, em que foram selecionadas oito pesquisas, três teses e cinco dissertações, que melhor serviram como fonte de informações aos objetivos da presente dissertação. Os dados foram organizados e agrupados em cinco categorias de análise de acordo com os temas que se destacaram em aparição e frequência nos dados empíricos das oito pesquisas: naturalização e banalização da violência; amor e violência; normas de gênero; ciúme e controle; ambiente escolar: adaptação e resistência. Os principais resultados obtidos apontaram para a invisibilidade da violência nas relações afetivas entre os adolescentes, que, por sua vez, estão submersos na estrutura social vigente, fomentada pela repressão, dominação e individualismo, agindo da mesma forma uns com os outros. O ambiente escolar foi retratado sob duas tendências, uma que apresentou a instituição como apenas reprodutora do aparato vigente, e outra que indicou como um local propício à crítica e reflexão, visando reduzir a violência nas relações afetivas.

**Palavras-chave:** Violência na escola; Relações afetivas; Adolescente.

## ABSTRACT

DIAS, Maria Gabriela. *Affective relationships and violence among adolescents in school environment: a critical analysis*. Dissertation (Master in Education: History, Politics, Society). Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2021.

This research discussed violence in affective relationships among adolescents in a school environment based on the critical theory of society, elaborated mainly by Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, and Herbert Marcuse. This is an ex post facto research, which had as its source empirical data from other scientific productions. The main objectives of this study were: to investigate what the data from the research selected as sources indicate about the perception of adolescents about violence in affective relationships; to analyze the main characteristics identified by academic productions about violent relationships among adolescents; to find out what the research indicates about the school environment in the face of violence in affective relationships. The search was conducted on digital platforms: Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations, CAPES Periodicals, Digital Library of USP, PUC/SP and UNICAMP, ANPEd and BVS, in which eight researches were selected, three theses and five dissertations, which best served as a source of information to the objectives of this dissertation. The data were organized and grouped into five categories of analysis according to the themes that stood out in appearance and frequency in the empirical data of the eight studies: naturalization and trivialization of violence; love and violence; gender norms; jealousy and control; school environment: adaptation and resistance. The main results obtained pointed to the invisibility of violence in affective relationships among adolescents, who, in turn, are submerged in the prevailing social structure, fostered by repression, domination and individualism, acting the same way with each other. The school environment was portrayed under two trends, one that presented the institution as only a reproducer of the current apparatus, and another that indicated as a place conducive to criticism and reflection, aiming to reduce violence in affective relationships.

**Keywords:** Violence in school; Affective relationships; Adolescent.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1. VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA</b> .....	20
1.1. A violência na escola e nas relações afetivas entre adolescentes .....	20
1.2. Revisão bibliográfica .....	32
<b>2. VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVAS EM AMBIENTE ESCOLAR..</b> 41	
2.1. Problema e objetivo de pesquisa.....	41
2.2. O tipo de estudo .....	41
2.3. As fontes de pesquisa.....	42
2.4. Instrumentos de pesquisa .....	44
2.5. Categorias de análise .....	45
2.6. Análise dos dados .....	47
2.6.1. Naturalização e banalização da violência.....	47
2.6.2. Amor e violência .....	52
2.6.3. Normas de gênero.....	57
2.6.4. Ciúme e controle.....	64
2.6.5. Ambiente escolar: adaptação e resistência .....	70
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	79
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	82
<b>ANEXO</b> .....	88

## LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

- ANPEd** – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
- BDTD** – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- BVS** – Biblioteca Virtual em Saúde
- CADRI** – *Conflict in adolescent dating relationships inventory*
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq** – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CLAVES** – Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli
- ENSP** – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
- ESEnfC** – Escola Superior de Enfermagem de Coimbra
- FIOCRUZ** – Fundação Oswaldo Cruz
- OPAS** – Organização Pan-Americana da Saúde
- PUC/SP** – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- USP** – Universidade de São Paulo
- UNICAMP** – Universidade Estadual de Campinas

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1** – Produção acadêmica – teses e dissertações – que apresentam dados referentes à violência nas relações afetivas entre adolescentes em ambiente escolar.....44

**Quadro 2** – Categorias de análise sobre a violência nas relações afetivas em ambiente escolar.....45

## INTRODUÇÃO

O interesse em investigar a violência, especificamente nas relações afetivas entre adolescentes em ambiente escolar, é proveniente da minha atuação profissional como psicóloga social em duas instituições: uma casa de acolhimento provisório para mulheres em situação de violência e uma escola pública do Estado de São Paulo. Apesar de esta última ter sido em encontros pontuais durante o segundo semestre de 2018, tal experiência foi essencial para a reflexão e delineamento da presente pesquisa.

Na casa de acolhimento provisório, foi possível entrar em intenso contato com diversas formas de violência mediante as histórias narradas pelas mulheres, bem como pelas brigas dentro da própria casa, que muitas vezes levaram à agressão física, as quais tive que mediar. As histórias narradas pelas mulheres que lá chegavam eram configuradas por uma trama de conflitos relacionais, que desencadeavam em violências extremas, em sua maioria sob ameaça de morte, por isso eram acolhidas num local de endereço sigiloso.

Em relação à experiência na escola pública do Estado de São Paulo, a prática se deu por convivência, conversas e palestras com os alunos sobre relacionamentos abusivos. Os encontros foram organizados pelo grêmio estudantil, que era formado por representantes de cada período (manhã, tarde e noite), os quais informaram que os encontros foram uma das poucas conquistas que alcançaram, pois não tinham apoio e suas propostas eram barradas pelo diretor; a direção e alguns funcionários se fizeram presentes apenas para controlar os horários, entrada e saída dos alunos na sala escolhida para os encontros, entretanto, alguns professores participaram ativamente das conversas. Nesse contato, me deparei com relatos de adolescentes que tinham suas relações marcadas por violência, estereotipia, controle e, inclusive, ameaças desde as primeiras relações afetivas. Portanto, essa experiência me deixou muito intrigada, pois, ouvindo diariamente histórias de mulheres adultas que viviam extrema violência em suas relações, notei que, desde seus primeiros encontros e paquera, essas relações podem já ser permeadas por violências. Assim, diversos questionamentos me impulsionaram: Como a violência está presente nas relações afetivas entre os adolescentes? Qual a visão do próprio adolescente sobre suas relações violentas? Como a escola tem atuado perante esse fato?

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa é investigar, baseada em produções científicas, a violência nas relações afetivas entre adolescentes em ambiente escolar, de modo a analisar o que os dados apontam a respeito da percepção dos adolescentes sobre

as situações de violência, as principais características dessas relações e como é retratada a instituição escolar perante o cenário da violência nas relações afetivas.

A fim de alcançar os objetivos e perante a proximidade com as produções científicas sobre o tema, notou-se que os dados para compor a presente pesquisa poderiam ser baseados em outras produções que analisaram e discutiram a violência nas relações afetivas entre adolescentes, uma vez que estas retratam a realidade de determinadas relações perante dados outrora colhidos e tratados criteriosamente, que permitem analisar e discutir os objetivos da presente pesquisa. Então, trata-se, aqui, de uma pesquisa empírica que tem como fonte produções científicas, caracterizado de *ex post facto*.

A busca das produções científicas foi realizada nas plataformas digitais: Portal de Periódicos da CAPES<sup>1</sup>, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações<sup>2</sup>, Biblioteca Digital da USP, PUC/SP e UNICAMP<sup>3</sup>, ANPEd<sup>4</sup> e BVS<sup>5</sup>. Para a seleção dos trabalhos que compõem os dados desta pesquisa, utilizou-se os seguintes critérios: 1) pesquisas que tratassem da percepção dos adolescentes sobre as violências nas relações afetivas – os métodos utilizados seriam preferencialmente os que coletaram as informações diretamente com os adolescentes, de suas concepções (faladas ou escritas) mediante entrevistas, grupos focais, resposta de escalas, observação; 2) pesquisas que incluíssem o ponto de vista de ambos os sexos sobre suas experiências; 3) estudos que estivessem relacionadas à escola, bem como os profissionais que lá atuam e discutissem sobre esse espaço perante a violência nas relações afetivas; 4) estudos realizados em território nacional, entre 2009 e 2019.

Desta seleção, resultaram oito produções científicas, divididas entre cinco dissertações e três teses, as quais apresentaram dados pertinentes e que correspondiam aos critérios descritos, subsidiando a análise e discussão da presente pesquisa a fim de alcançar os objetivos propostos. O procedimento dessa seleção será detalhado no capítulo 2, especificamente no item 2.3.

---

<sup>1</sup> É um portal virtual de periódicos pertencente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), que reúne produções nacionais e internacionais.

<sup>2</sup> Biblioteca digital que integra os sistemas de informações de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa no Brasil.

<sup>3</sup> Bibliotecas digitais específicas das instituições: Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade Estadual de Campinas.

<sup>4</sup> Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação congrega programas de pós-graduação *strictu sensu* em educação, dispondo uma biblioteca digital de livre acesso.

<sup>5</sup> Biblioteca Virtual em Saúde é um espaço que integra produções científicas da área da saúde na América Latina e Caribe mediante cooperação técnica da Organização Pan-Americana da saúde (OPAS).

A organização e análise dos dados obtidos foi elaborada mediante leitura atenta e minuciosa das oito produções científicas devidamente registrada por intermédio de fichamentos para garantir a sistematização de cada obra em particular. Em seguida, buscou-se encontrar os núcleos de sentido (BARDIN, 2002) mediante os temas que se destacavam em comum nos dados empíricos das produções científicas, sendo organizados e agrupados em categorias, as quais subsidiaram a análise. Deste modo, foram encontradas cinco categorias de análise: Naturalização e banalização da violência; Amor e violência; Normas de gênero; Ciúme e controle; Ambiente escolar: adaptação e resistência.

A fundamentação e análise tem como referência a teoria crítica da sociedade, uma vez que ela se propõe a considerar o caráter histórico do objeto percebido, assim como o caráter histórico do órgão perceptivo, não como naturais, mas sendo fruto da atividade humana e práxis social, em que o indivíduo e o mundo exterior determinam-se mutuamente. A teoria crítica é movida pela tentativa de compreender o fenômeno mediante suas contradições, negações e cisões entre o objeto e a sociedade, indivíduo e coletivo, permeados pelo processo histórico concreto, que modifica tanto a estrutura social como o sujeito (HORKHEIMER, 1980). À vista disso, nesta pesquisa, compreende-se que a estrutura vigente, fomentada pela dominação, repressão e individualismo, forma os indivíduos nela presentes, que assim também agem uns com os outros.

A concepção de violência adotada está fundamentada em Marcuse (1975), para quem o próprio processo da civilização produz e conduz a liberação de forças cada vez mais destrutivas, reprimindo as possibilidades de vida e prazer, ao mesmo tempo que, em contrapartida, a civilização necessita de determinadas pulsões para se reproduzir, redirecionando-os para os interesses de dominação e exploração econômica. Nesse sentido, as forças destrutivas e agressivas são enaltecidas, ressaltando os comportamentos violentos dos indivíduos nela presentes, em que, a fim de que determinadas forças sejam extravasadas, são estabelecidos alvos socialmente aceitos como, por exemplo, os judeus, as mulheres e demais minorias. O processo civilizatório modifica o sujeito psicologicamente, controla, manipula e molda sua personalidade de acordo com a estrutura social dominante.

Tendo em vista que o processo da civilização modela a personalidade dos sujeitos, ela é compreendida como tendências profundas, formadas mediante a socialização por convicções sociais, políticas e econômicas, que repousam atrás do comportamento,

podendo ser atuadas abertamente ou não (ADORNO, 2019). A constituição do sujeito não se reduz, mas é fortemente definida por fatores sociais nos quais estiver imerso, em que, atualmente, a personalidade corresponde a características narcisistas (CROCHÍK, 1999), uma vez que o ego é constantemente atacado, afastando o homem de si mesmo e o regredindo a um estado indiferenciado entre o eu e o mundo, o interno e o externo, que torna o sujeito cada vez mais vulnerável ao controle e manipulação de sistema organizado, padronizado e tecnicista.

Sobre a fase da adolescência, a pesquisa apoiou na concepção de Wallon (1979), compreendendo que o desenvolvimento está relacionado ao meio social em que o adolescente se encontra imerso. Juntamente com o meio social, nesta fase, ocorrem modificações físicas denominadas de puberdade, bem como psíquicas, com o desenvolvimento de novas atividades psicológicas a fim de acompanhar e dar suporte a todas as modificações características dessa fase, assim, social, biológico e psíquico estão vinculadas entre si e em constante movimento durante o desenvolvimento do indivíduo mediante avanços, recuos e conflitos, sendo caracterizado por um processo de desenvolvimento aberto e em contínuas modificações. A adolescência é marcada pela transição da criança para a etapa adulta, podendo ocorrer crises decorrentes desse processo. Deste modo, diante dos conflitos internos, uma característica significativa dessa fase é a ambivalência de atitudes e emoções, afetando inclusive as suas relações afetivas, em que o desejo de posse, de absorver o outro para si, convive com o desejo de sacrificar-se por ele.

Nesse sentido, perante determinada ambivalência, quando o adolescente tende ao desejo de posse do outro, pode ocorrer a fusão entre os enamorados devido à fragilidade e confusão de seu ego ainda em constituição e sem uma clara delimitação entre o eu e o outro, o interno e o externo, caracterizada pela crise de intimidade (ERIKSON, 1987). Em face disso, bem como perante as constantes disseminações do aparato vigente, o adolescente pode lançar-se às relações afetivas permeadas por traços narcisistas, pautadas na dependência e controle devido ao não auto delineamento de seu ego, bem como uma não limitação entre o eu e o outro, podendo levar os adolescentes a relações violentas, em que prevaleça a dominação e controle de um sobre o outro.

Perante as relações violentas entre os adolescentes, pesquisas nacionais e internacionais têm apontado para uma alta prevalência de determinado fenômeno. Minayo, Assis e Njaine (2011) apontam que, em específico no Brasil, 86% dos adolescentes já sofreram e perpetraram algum tipo de violência, com maior destaque à

violência psicológica, caracterizada por agressões verbais, xingamentos, gritos, insultos, humilhações, chantagens emocionais, ameaças e comportamento de vigia e controle sobre a vida do parceiro.

Ao se tratar de violência nas relações afetivas, se faz necessário destacar os altos índices de violência contra as adolescentes e as jovens. A segunda edição da pesquisa “Visível e Invisível: a vitimização das mulheres no Brasil” pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Instituto Data Folha (BRASIL, 2019), realizada em Fevereiro de 2019<sup>6</sup>, aponta que a cada minuto nove mulheres foram vítimas de alguma agressão; 12,5 milhões foram vítimas de ofensa verbal; 4,6 milhões foram tocadas ou agredidas fisicamente por motivos sexuais; 1,7 milhão foi ameaçada com facas ou armas de fogo e 1,6 milhão sofreu espancamento ou tentativa de estrangulamento. A pesquisa destaca a população jovem de 16 a 24 anos, chegando a 77,6% do total de casos, em que 76,4% indicaram que os autores da violência eram conhecidos, dentre eles, os mais citados foram: namorado, cônjuge, companheiro, ex-namorado e ex-companheiro, sendo a própria casa citada com maior prevalência das agressões. Deste modo, é possível constatar que a violência ocorre em sua maioria contra as adolescentes e jovens, em suas relações afetivas e no âmbito privado de suas casas.

Quanto aos índices de feminicídio, compreendido como a morte de uma mulher pela condição de ser do sexo feminino, recentemente houve um aumento significativo no número de ocorrências de acordo com os dados divulgados pelo observatório da mulher contra a violência do Senado Federal “Boletim mulheres e seus temas emergentes: violência doméstica em tempos de COVID-19” (BRASIL, 2020), devido a emergência em se olhar para determinada questão, uma vez que foi corroborada mediante ao isolamento social em decorrência da pandemia do COVID-19, pois a vítima passou a conviver mais tempo com o agressor, além de reduzir as possibilidades de apoio externo. Comparando o período de 24 de março (início do isolamento social) a 13 de abril de 2020 (ano do início da pandemia), ao mesmo período no ano de 2019, observa-se um aumento do feminicídio, em que o ano de 2019 foram registrados 9 casos, já em 2020, 16 casos, indicando, assim, a urgência em ser debatido.

---

<sup>6</sup> Os dados foram coletados com entrevista estruturada (2.084 entrevistas) e um módulo específico de autopreenchimento (897 respondentes) com questões sobre vitimização para mulheres acima de 16 anos. A abordagem pessoal ocorreu em locais de grande fluxo populacional em todas as regiões do país e de todas as classes sociais. A margem de erro é de 2 pontos para a amostra nacional e 3 pontos para o módulo de autopreenchimento. As projeções populacionais consideram os valores mínimos previstos com base na margem de erro.

Ainda sobre os altos índices de feminicídio, outra pesquisa realizada pelo núcleo de gênero do Ministério Público do Estado de São Paulo “Raio X do feminicídio em SP” (SÃO PAULO, 2018), que analisou 364 denúncias de feminicídio, consumado ou tentado, em 121 Comarcas do Estado de São Paulo, evidenciou que os principais motivos dos crimes relatados nas denúncias foram: o pedido de rompimento ou separação, ciúmes e sentimento de posse. Deste modo, mediante determinados dados, nota-se o quão presente e atual ainda se encontra a discussão sobre a violência, podendo chegar à morte, em especial na adolescência e juventude, as quais as motivações para os atos estão no desejo de controle e poder sobre as companheiras, conforme aponta a pesquisa.

Diante do exposto, compreendendo que o sexo feminino é o que mais sofre perante a violência em seus relacionamentos, o conceito de gênero fez-se imprescindível para a discussão. A concepção de gênero (SCOTT, 1995) enfatiza a constituição de ideias sociais sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres, as quais organizam, constituem e legitimam formas pré-estabelecidas de relações, não apenas pautadas em ideias naturalizadas e generalizadas, mas compreendendo que a concepção de gênero está relacionada a perspectivas sociais e históricas de poder, opressão e violência de um sexo sobre o outro, criando normas de gênero (BUTLER, 2014) implícitas, que modelam e condicionam maneiras de ser e agir, visando a normalização e padronização sobre o masculino, o feminino e suas relações.

Em relação ao ambiente escolar, é relevante discutir sobre a violência tal como ela se manifesta nessa instituição, uma vez que é reconhecido como um importante local de socialização e formação, formal e informal. À vista disso, a educação escolar tem o potencial de se opor a estrutura vigente e formar indivíduos críticos e reflexivos, e, em contrapartida, também pode se posicionar a favor da ordem e perpetuar apenas a adaptação dos adolescentes, propensa à opressão e violência (ADORNO, 1995). Nesse sentido, a presente pesquisa tem o intuito de refletir e compreender as bases que regem a estrutura social em seu processo histórico, propondo-se à crítica e à desnaturalização da violência, as quais podem ter efeitos significativos nas questões educacionais, caso se proponha a reflexão, assim como perante os profissionais que atuam com o público adolescente.

Alguns autores, como por exemplo Charlot (2002), distinguem ‘violência na escola’ de ‘violência da escola’, em que a primeira se refere à violência que tem origem fora dos muros da escola, mas nela se apresenta, já a segunda se refere a violência própria à instituição escola e suas regras. Portanto, nesta pesquisa, tem-se por referência a

violência na escola, como aquela que acontece dentro do ambiente escolar sem necessariamente estar ligado à atividade institucional, uma vez que a violência nas relações afetivas entre adolescentes não tem sua origem dentro desta instituição, mas que dentro dela se apresenta por ser um importante local de socialização entre os adolescentes. Além de compreender a escola como um local de formação, que por sua vez, pode fomentar a violência, reproduzindo os mecanismos de repressão, manipulação e adaptação, ou se opor a ela, promovendo a reflexão, crítica e autonomia.

Diante do exposto, esta dissertação apresenta dois capítulos, cada qual buscando aprofundar e discutir a complexidade da violência nas relações afetivas entre adolescentes em ambiente escolar. O primeiro capítulo se propõe a discorrer sobre a violência e sua reprodução no ambiente escolar, bem como entre os adolescentes nela presentes e suas relações afetivas. Este capítulo está subdividido em dois subitens, inicialmente descrevendo o referencial teórico adotado, delimitando e articulando os principais conceitos, depois trazendo pesquisas científicas relevantes sobre o tema. O segundo capítulo, consiste em apresentar os dados empíricos obtidos sobre a violência nas relações afetivas em ambiente escolar, que também está subdividido em seis subitens: o problema e objetivo de pesquisa; o tipo de pesquisa; as fontes de pesquisa; instrumentos de pesquisa; categorias de análise; análise dos dados: naturalização e banalização da violência, amor e violência, normas de gênero, ciúme e controle, ambiente escolar: adaptação e resistência, seguido, por fim, das considerações finais.

## **1. VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Neste capítulo, é discutido o conceito de violência na sociedade contemporânea e, conseqüentemente, seus desdobramentos sobre a instituição escolar e as relações afetivas estabelecidas entre os adolescentes nela presentes, compreendendo a violência na escola conforme definida por Charlot (2002), como aquela que ocorre dentro da escola, mas está relacionada ao ambiente externo, ao modelo socialmente imposto e disseminado, que forma e instrui todos os que neles estiverem presentes. Deste modo, a violência na sociedade contemporânea ultrapassa os muros da escola e encontra-se difundida entre os alunos adolescentes e suas relações.

Inicialmente, será feita uma análise conceitual, seguida da apresentação de pesquisas científicas relevantes ao tema com o objetivo de compreender e caracterizar o estudo da presente pesquisa.

### **1.1. A violência na escola e nas relações afetivas entre adolescentes**

Em 1932, período pós-Primeira Guerra Mundial, com interesse predominante de frear e limitar as violentas relações internacionais, além das inovações das técnicas e aperfeiçoamento dos instrumentos de destruição, Einstein e Freud (*Apud*, SEITENFUS e VENTURA, 2005) trocaram cartas sobre o 'Porquê da guerra'. Einstein envia para Freud, a quem considera como um conhecedor dos instintos e da mente humana, suas indagações sobre se existiria alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra. Freud, então, diz a Einstein que o uso da violência para a resolução de conflitos de interesses perpassa por todo reino animal, portanto não teria como ser diferente com o homem. No início, nas hordas humanas, a superioridade para decidir quem teria a posse de coisas ou faria valer a sua vontade, era definida de acordo com a força muscular. Depois foi substituída pelo uso de instrumentos, em que vencida quem tinha a posse de maior arma ou maior habilidade de manejo, passando o poder da força brutal para o poder intelectual. Para uma maior satisfação instintual, a eliminação por completo do adversário seria mais satisfatória ao predador, além de que o adversário não poderia restabelecer sua posição. Entretanto, essa atitude se opõe à reflexão de que o inimigo poderia ser utilizado na realização de serviços úteis sob estado de intimidação. Nesse sentido, se contentava em subjugar em vez de matar.

De acordo com Freud (2014), em sua forma mais primitiva, a realização das pulsões seria gratificante aos indivíduos, lhes traria satisfação e felicidade. Porém, durante o processo de civilização, para que os sujeitos pudessem conviver em coletivos, foi preciso impor restrições aos impulsos, tanto aos que direcionam a vida quanto aos que direcionam a morte, trazendo aos sujeitos que participam do processo civilizatório grande angústia e mal-estar por serem constantemente reprimidos e moldados. O poder é passado do indivíduo para a comunidade com o intuito de regulamentar as relações e ter maior controle. Assim, o processo civilizatório desloca e redireciona as pulsões libidinais para outros fins socialmente aceitos. Esse processo é denominado de sublimação. Tendo em vista que o homem é uma criatura com pulsões agressivas e pode a qualquer momento se voltar contra o outro com o intuito de satisfazer determinada pulsão, a civilização, então, impõe a qualquer custo severas restrições e uso de métodos para instigar identificações a outros fins. Contudo, compreendendo que para o homem não é uma tarefa fácil inibir os instintos agressivos, há escapes socialmente aceitos para esses instintos, como exemplo a hostilização dos indivíduos não pertencentes ao mesmo grupo – chamado de narcisismo das pequenas diferenças –, que traz ao eu a satisfação de desejos originais anteriormente inibidos em sua meta.

Por outro lado, vale reconhecer que o processo civilizatório foi importante para que os sujeitos pudessem conviver uns com os outros e respeitar-se. O que, na verdade, causa angústia no ser humano é o excesso de restrições e a promessa não cumprida de que a evolução da civilização traria segurança e felicidade, mas, ao contrário, trouxe ainda mais violência e ameaça aos seus cidadãos. Portanto, o processo cultural domestica e modifica os homens psiquicamente, fortalecendo o intelecto e regulamentando seus instintos mediante a repressão e dominação. Esse mesmo processo de dominação da cultura sobre o homem, necessário para o desenvolvimento da civilização, também se volta para o domínio do homem sobre si mesmo e sobre os outros, ocasionando a luta entre eles. A repressão externa é apoiada pela repressão interna, bem como a interna se sustenta na externa.

Nesse sentido, Marcuse (1975) aponta que o atual estágio da civilização se encontra diante de uma sociedade industrial avançada e altamente administrada, que mediante o uso de métodos e técnicas, são produzidos e divulgados conhecimentos em larga extensão a fim de influenciar e manipular as massas, inclusive sobre a concepção de liberdade. É vendida uma falsa ideia de que seus indivíduos são livres para fazer escolhas, porém, por trás está o controle e direcionamento do que se deve ou não escolher.

A liberdade humana torna-se alvo de manipulação uma vez que, mediante aos constantes ataques, os indivíduos sentem-se ameaçados e, assim, aderem facilmente aos manejos da sociedade movidos pelo desejo de obterem a segurança prometida, porém não cumprida. A unidade entre liberdade e servidão fez-se natural e imprescindível para o processo de civilização, pois, para que ela possa progredir e sobreviver, também depende da atuação, submissa e incontestável, dos sujeitos que nela estão presentes. Os interesses, desejos e objetivos que pertenciam ao próprio indivíduo, passam a ser organizados e administrados pela sociedade. A experiência é substituída pelo clichê, pelas técnicas e meras informações, ocorrendo regressão a um pensamento desprovido de reflexão e discriminação, bem como os indivíduos são considerados coisas, pois assim, mediante total indiferença, são facilmente manipulados e administrados. Os sujeitos não precisam mais refletir sobre suas decisões, pois já são pré-estabelecidas e disseminadas pela cultura de massas, nas quais, em contrapartida, os sujeitos deixam-se modelar visto que sua autonomia foi retirada, encontrando-se perdidos em busca de definições e de um modelo a qual seguir sem que haja esforço de sua parte.

O sistema de autoridade da sociedade industrial administrada está cada vez mais impessoal e objetivo, passando de espontâneo e individual para organizado e coletivo. Do mesmo modo, atualmente, a organização repressiva se estabelece coletivamente por agências extrafamiliares como a escola, internet, televisão, que induzem e fixam o padrão desejado, fazendo com que os sujeitos regridam, impossibilitando-os de terem autonomia não somente pelo fato da padronização, mas também pela falsa ideia de liberdade e individualidade, que agrava a irracionalidade e a manipulação. A consciência tende a reduzir-se e regular-se a tal ponto, que todas as outras possibilidades e ideias são excluídas. Portanto, ao indivíduo cabe o sacrifício de seus desejos, sonhos e consciência, e à sociedade a promessa – não cumprida – de liberdade, paz e justiça.

O princípio da realidade é caracterizado como o amparo do mundo externo, então, o ego defronta com uma organização específica, histórica e social da realidade, que afeta diretamente o indivíduo e seus instintos. Diante da sociedade industrial administrada, Marcuse (1975) apresenta dois conceitos, que correspondem a atual estrutura: mais-repressão e princípio do desempenho.

De acordo com as modificações históricas, são criadas instituições específicas do princípio de realidade, que propagam os interesses característicos de dominação. Essas instituições adicionais para o domínio e controle são denominadas de mais-repressão. Como exemplo, estão as instituições que auxiliam no redirecionamento de energia

instintual para a perpetuação da família patriarcal monogâmica, à divisão hierárquica do trabalho e o controle sobre a vida particular do indivíduo. Foi necessário o acréscimo da mais-repressão sobre o homem para que cada vez mais o princípio de realidade obtivesse forças sobre o princípio de prazer e sobressaísse o progresso da civilização, perpetuando a dominação e o trabalho penoso.

O princípio de desempenho, por sua vez, corresponde à dominação e controle sobre o trabalho, a fim de alcançar cada vez mais a progressão da civilização, chegando ao ponto de os interesses da manipulação coincidirem aos do indivíduo, uma vez que a maioria deles obtém sua satisfação determinada pelo trabalho. Porém, esse modo de trabalho é alienante, funciona independentemente da vontade do trabalhador, que precisa submeter-se caso queira viver. Mesmo que essa dinâmica não corresponda à própria maneira de viver e satisfazer-se do trabalhador, mas sim da civilização, que o torna em mera máquina e instrumento de produção, ele se vê obrigado a permanecer e perpetuar determinada dinâmica. O corpo e a mente são instrumentos de trabalho diante do domínio do princípio de desempenho, todo seu tempo, até mesmo o do ócio, é determinado de acordo com sua labuta penosa.

A repressão, indissociável dos princípios de desempenho e de mais-repressão, atinge tanto as pulsões de vida, propensa ao prazer, quanto as de morte, propensa à destruição, em que determinadas organizações limitam e modelam as necessidades instintivas de acordo com os interesses da dominação. A defesa contra a destruição faz-se necessária, porém, para que seja eficiente, teria de se enaltecer as possibilidades de prazer e é exatamente isso que a civilização é incapaz de proporcionar, visto que ela ataca e reprime constantemente os indivíduos, além de depender dessa condição de submissão e fragilidade para existir, se reproduzir e autoconservar. Deste modo, quando a severidade do princípio de realidade ameaça o equilíbrio entre ambos os impulsos, preponderando o de destruição e enfraquecendo o de prazer, as tendências agressivas dos indivíduos ganham vez e força, intensificando as forças destrutivas. Logo, “se encontra a dialética fatal da civilização: o próprio progresso da civilização conduz a liberação de forças cada vez mais destrutivas.” (MARCUSE, 1975, p.65).

Diante disso, compreende-se que o conceito de violência na perspectiva da teoria crítica da sociedade está fundamentado no processo de civilização, que mantém em suas bases a repressão, dominação e manipulação, intensificando as forças destrutivas nos indivíduos ao mesmo tempo que, em contrapartida, a civilização também necessita dessas forças destrutivas para se reproduzir, uma vez que é mediante essas pulsões que o sistema

se sustenta, os redirecionando e conduzindo de acordo com os próprios interesses de dominação e exploração econômica conforme os princípios de mais-repressão e desempenho definidos por Marcuse (1975). Determinada estrutura desloca os impulsos de suas reais finalidades para a perpetuação da família monogâmica, controle sobre o indivíduo e trabalho penoso, tornando o homem uma máquina entre outras a fim de produzir e gerar o lucro, alienando-o e fazendo-o regredir.

Nas instituições sociais, determinadas forças destrutivas manifestam-se na medida em que os homens são classificados e ordenados em hierarquias sociais, coerente com uma sociedade que constantemente qualifica os homens entre bons e maus, ricos e pobres, fortes e fracos, perpetuando a dominação, a luta e disputa entre eles. Do mesmo modo, a instituição escolar reproduz as hierarquias sociais ao classificar os alunos entre os melhores e os piores de acordo com o rendimento escolar, definida como hierarquia oficial, e de acordo com as habilidades físico-corporais, definida como hierarquia não oficial (ADORNO, 1995), refletindo a ordem social de dominação do indivíduo considerado mais forte sobre o mais frágil e incitando a agressão e disputa entre eles. Assim, analisar a violência em ambiente escolar, representa reconhecê-la como um fenômeno social, que não se inicia e termina dentro da sala de aula ou dentro dos muros das instituições, mas que está envolvida dentro de uma estrutura social específica e objetiva, que modela tudo o que nela estiver contido de acordo com seus interesses de dominação. Deste modo, a escola, como em outras instituições sociais que reproduzem hierarquias e fomentam a disputa e agressão, não poderia ser diferente: a violência está presente.

Nesse sentido, Crochík (2015) discute sobre duas formas de violência escolar: preconceito e bullying. Ainda que não se limitem ao ambiente escolar, são resultados das estruturas sociais e se relacionam às necessidades psíquicas envolvidas, em que a base da manutenção social está na ameaça constante, fragilizando o eu e regredindo o indivíduo, que por sua vez se identifica imediatamente com determinadas configurações, não havendo espaço para a reflexão, a experiência e a diferenciação entre o eu e o mundo. O bullying é praticado por indivíduos menos diferenciados e justificativas quanto ao alvo pouco elaboradas. Seu objetivo é demonstrar poder sobre o mais frágil, o que pode se direcionar a uma violência difusa de alvos não específicos: contra obesos, os que usam óculos. Já o preconceito diz respeito a alvos bem definidos, que justificam e sustentam sua existência na dominação de sujeitos específicos e associados a movimentos coletivos das minorias: negros, judeus, mulheres. Entretanto não significa que o bullying e

preconceito não possam ocorrer conjuntamente, pois, o bullying pode acontecer devido ao preconceito, mas correspondem a necessidades psíquicas distintas. O indivíduo preconceituoso, por exemplo, tende a desenvolver preconceito em relação a diversos objetos, o que indica uma formação que independe das características do alvo, dizendo mais respeito às necessidades do preconceituoso do que do objeto.

Porém, a escola também é reconhecida como um espaço de formação e educação, que aparenta ser o oposto da violência e barbárie. À vista disso, a educação escolar se encontra diante de uma contradição, que aponta para duas possibilidades: se de um lado ela adapta o indivíduo à sociedade, propensa à dominação e violência, de outro ela deve incentivar a reflexão, emancipação e autonomia. Acerca disso, Adorno (1995) afirma:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisso, produzindo nada além de *wellad justed people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. (ADORNO, 1995, p.143-144).

A adaptação do indivíduo à sociedade se faz necessária, mas para a formação de um sujeito autônomo e crítico, ela não é suficiente, também há de estar presente a reflexão para a autonomia e emancipação. A educação deveria unir a adaptação e a resistência, entretanto, mesmo diante dessa ambiguidade, quando a escola se encontra em apenas um polo, afastando do seu objetivo de promover reflexão e não consegue resistir às pressões das estruturas sociais, ela se submete apenas à reprodução da dominação e adaptação. Deste modo, ao aderir passivamente uma sociedade opressora e desigual, a escola admite uma postura conformista e omissa diante de seus conflitos e tensões, mascarando as relações violentas e impedindo uma formação crítica e autônoma. Nesta perspectiva, Marcuse (2007) aponta para a tolerância passiva como aquela que é ilimitada, pacífica e indiscriminada, em que, além de fazer com os indivíduos tolerarem determinados atos agressivos, também incita a violência e a legítima. Assim, para resistir minimamente a uma sociedade que se sustenta na tolerância perante a dominação e opressão, é preciso uma educação que não se limite ao conformismo das estruturas sociais e caminhe em seu oposto, com uma educação voltada para tolerância discriminatória, ativa e crítica, que não tolere a desigualdade, discriminação e violência.

A indiferença e omissão com a violência no ambiente escolar é um obstáculo para seu rompimento e reflexão crítica, pois, ao não ser compreendido e refletido sobre as reais estruturas que regem a sociedade, a violência aparece como algo dado e natural. O

impedimento da reflexão crítica com finalidade apenas de conformação e adaptação, é caracterizado por uma pseudoformação (ADORNO, 1996), que visa uma formação regressiva, corroborando para a coisificação da consciência. Quando a escola adota uma postura autoritária, normativa e adaptativa, ela regride seus alunos, enfraquecendo seu ego e tornando-os coisas entre outros objetos, deixando-os ainda mais suscetíveis às normas externas e manipulação.

Nesse sentido, na sociedade administrada, e com o apoio das instituições sociais como no exemplo da escola quando se propõe a uma pseudoformação, o ego é constantemente atacado, regredido e atrofiado, sendo apenas mais um entre outros a ser domado e manipulado. De acordo com Adorno (2015) tal regressão se dá devido ao bloqueio da reflexão e diferenciação, em que a relação indivíduo e sociedade ocorre de forma direta “A dinâmica psicológica individual é substituída pela adaptação, em parte consciente, em parte regressiva, do indivíduo na sociedade” (ADORNO, 2015, p.124). A sociedade age uniformemente, seguindo um ritmo compulsivo de adaptação, regressão e destruição do ego, negando qualquer possibilidade de individuação e diferenciação entre o mundo interno e externo, que leva a uma indistinção e não delimitação, na qual o sujeito se encontra ainda mais vulnerável as determinações externas.

Assim, perante a comunicação direta entre indivíduo e sociedade devido à regressão e destruição do ego, as convicções sociais, políticas e econômicas de um indivíduo formam um padrão que é expresso nas tendências profundas de sua personalidade, repousando atrás do comportamento, podendo ser atuadas abertamente ou não (ADORNO, 2019). As influências se apresentam não apenas no círculo familiar, mas nos grupos sociais, étnicos e religiosos dos quais participam. Portanto, as condições sociais e institucionais têm relações diretas com o tipo de personalidade que se desenvolve dentro de uma sociedade, atuando na formação de representações psicológicas do indivíduo. Crochík (1999) identificou que, de acordo com a estrutura social atual, a personalidade apresenta características narcisistas, uma vez que determinada ideologia afasta o homem de si mesmo, utilizando-se de mecanismos que o impeçam de perceber a irracionalidade presente nela e, então, regride o indivíduo a um estado não diferenciado entre o eu e o mundo, enfraquecendo seu ego e retirando sua autonomia.

Dentre as mudanças na configuração social que criaram condições para a personalidade narcisista, está a diminuição do poder de socialização relacionado à família, passando às mídias e à comunicação de massa, pois, desta forma, os indivíduos estão entregues ao sistema organizado e padronizado para exercerem o controle direto ao

ego. Deste modo, o avanço tecnológico é um importante aliado no processo de formação de hábitos, valores e (pré)conceitos, pois organiza e divulga os modelos em massa a fim de serem introjetados e assimilados. Crochík (1999) relaciona a personalidade narcisista com a ideologia da racionalidade tecnológica, pois esta última se caracteriza por utilizar da técnica para a padronização e manipulação das massas, transformando e reduzindo questões políticas e contradições sociais em questões apenas técnicas, não se tratando de refletir e modificá-la, mas sim adaptá-la e aperfeiçoá-la. Então, sua eficácia está nos fins, se importando apenas que os resultados estejam a seu favor. Conforme essa dinâmica, o indivíduo perde o contato com o todo e o outro em seus processos históricos, sendo enfraquecido e tornando-se cada vez mais susceptível.

O processo de desenvolvimento social, voltado à acumulação do capital e representado pela administração da racionalidade tecnológica, tem um fim em si mesmo, levando a um controle extremo sobre a natureza que impede a individuação do sujeito, pois ele é alienado de si mesmo e do mundo ao não conseguir diferenciar-se. A sociedade forma sujeitos infantilizados e indiferenciados, que se fecham em si mesmos, além de não conseguirem refletir nem terem forças para se opor a ordem estabelecida, estando submersos a estrutura da ideologia dominante.

Diante do exposto, os sujeitos que se encontram ainda mais submersos e vulneráveis à estrutura da ideologia dominante, são os adolescentes (ERIKSON, 1987), pois, em específico na fase da adolescência, eles estão em busca de definições e reconhecimento. Em contrapartida, a organização industrial, política e econômica apresenta oportunidades para os adolescentes se agarrarem e ajustarem, conforme definido por Erikson: “Com efeito, é o potencial ideológico de uma sociedade que fala mais claramente ao adolescente, que está tão ansioso por ser afirmado pelos seus pares, confirmado pelos professores e inspirados por “modos de vida” que valham ser vividos” (ERIKSON, 1987, p.130). Os adolescentes são invadidos por imagens, ideias e ideais de um mundo altamente estruturado perante técnicas de padronização e manipulação de massas, agora, não mais pautadas pelo ambiente familiar, mas por outros agentes externos, como os amigos, a mídia, redes sociais, as comunidades e a escola, uma vez que seu processo de desenvolvimento começou a lhe revelar um novo mundo de possibilidades, que vai se revelando e invadindo-o.

A compreensão do desenvolvimento dos indivíduos em suas etapas está intimamente ligada ao meio social em que estes se desenvolvem. A criança, desde seu nascimento, é permeada por relações humanas orientadas pela estrutura social. A sua

ligação com o meio ainda não é baseada na racionalidade lógica, mas está submersa, dependente e vulnerável à sociedade e suas disseminações. Inicialmente, nas primeiras etapas, a principal forma de contágio são as emoções, infiltrando o meio psíquico e fundindo-se, sendo capaz de mobilizar reações semelhantes. Assim, conforme o indivíduo vai crescendo e se desenvolvendo, aos poucos ele vai conseguindo diferenciar-se do outro e buscar sua autonomia, bem como vai aumentando o número de ambientes em que ele tem a possibilidade de frequentar, como a escola, os amigos e a comunidade, diversificando a relação destes com o meio. Para que ocorra um desenvolvimento saudável, o sujeito “precisa de se individualizar a si próprio a partir das reações e impressões que começam por misturar com o seu meio humano.” (WALLON, 1979, p.195) diferenciando-se do meio e organizando as informações que recebe. Entretanto, o desenvolvimento não ocorre de maneira linear, contínua e uniforme, mas permeadas por conflitos, avanços e recuos, que precisam ser analisadas em sua complexidade e totalidade envolvendo a evolução e maturação dos sujeitos. De acordo com o autor, o desenvolvimento é pensado dialeticamente, alternando momentos de introspecção e extroversão em constante movimento em direção à autonomia e que permanece ao longo da vida do sujeito, alternando sobre diferentes aprendizagens, experiências e elaborações perante um processo aberto e em constante modificação – não como fechado e acabado.

Além dos fatores do ambiente social, há os fatores biológicos que acompanham o desenvolvimento em suas etapas. Os órgãos vão maturando até conseguirem desenvolver sua função correspondente às necessidades do crescimento interligado ao psíquico. Na adolescência, a maturação é denominada de puberdade, em que ocorrem grandes mudanças físicas: seu corpo modifica, os órgãos sexuais amadurecem, a voz altera ao mesmo tempo em que a atividade psíquica acompanha essa evolução e também sofre alterações, inicialmente encontrando-se confusa e desorientada, uma vez que grandes mudanças, físicas, psíquicas e sociais, a invadem. Deste modo, a adolescência é uma etapa composta por fatores biológicos com modificações físicas; psíquicos com o desenvolvimento de atividades psicológicas; e sociais perante disseminação da estrutura vigente, que atuam em conjunto, vinculadas entre si e em constante movimento.

A adolescência é caracterizada pela etapa de transição da criança para a fase adulta, podendo ocorrer uma crise devido aos conflitos decorrentes dessa transição. Portanto é exigido do adolescente uma reorganização de si mesmo, tanto da própria imagem corporal, quanto dos conflitos psíquicos e dos novos grupos sociais que está conhecendo. Diante desse desequilíbrio interno, a vida afetiva torna-se muito intensa, em

que, nessa fase, uma característica marcante é a ambivalência de atitudes e emoções, alternando-se o desejo de oposição e conformismo, posse e sacrifício, renúncia e aventura. O desejo de posse, de ter o outro para si, convive com o desejo de sacrificar-se plenamente pelo outro, buscando no enamorado o ser ideal, dotado de atributos que considere interessante, conforme descrito por Wallon (1979):

O que é o amor? É o desejo de posse, o desejo de ter para si, de absorver em si o ser amado. É ao mesmo tempo o desejo de se sacrificar totalmente a ele. Há aqui dois sentimentos que são conexos, que são muitas vezes simultâneos, sobressaindo mais ou menos ora um ora outro, mas nunca um sendo estranho ao outro. (WALLON, 1979, p.215)

Nesse sentido, perante os conflitos dos adolescentes e sua ambivalência em relação ao outro, podendo tender-se à posse, desejo de ter para si e absorver em si o amado, Erickson (1987) relata que na adolescência, devido à fragilidade do ego em formação e de sua identidade ainda em construção, há a crise de intimidade, pois, uma verdadeira intimidade requer um firme auto delineamento de seu ego, que não se confunda e misture com o eu do outro. Então, perante essa tensão, quando o adolescente se lançar em relação ao outro poderá ocorrer a sensação de perda de si mesmo e uma fusão entre os enamorados, levando as relações afetivas a tendência por traços narcisistas, em que o outro se torna apenas uma extensão de si próprio.

Essa tendência dos adolescentes apresentarem traços narcisistas em seus relacionamentos afetivos, descrita por Erickson, autor de estudos sobre o desenvolvimento individual, pode ser complementada mediante o que foi identificado por Crochík (1999), de que conforme a ideologia vigente – fechada, administrada e tecnicista –, atualmente, a personalidade se encontra com características narcisistas, as quais, por não serem delineadas pela diferenciação entre o interno e o externo, tornam-se propensas à regressão, ao enfraquecimento do ego e à indiferenciação. Assim, vale ressaltar que a tendência dos relacionamentos afetivos entre adolescentes apresentarem traços narcisistas é fomentada pelo aparato vigente e, apesar de constituir, não se restringe apenas às características individuais do desenvolvimento, à medida que indivíduo e sociedade mutuamente se influenciam.

Portanto, nessa perspectiva, os adolescentes fortemente expostos às determinações e manipulações do meio externo, podem apresentar características narcisistas expressas em seus relacionamentos, em que a frágil constituição do ego é caracterizada por ainda se encontrarem em formação e desenvolvimento, bem como as

constantes disseminações da estrutura vigente os impedem de se desenvolverem e superarem as tendências narcisistas, os regredindo.

Crochík (2011) relaciona a razão instrumental (HORKHEIMER, 2000) ao amor narcisista, compreendendo este último como predominantemente o amor por si mesmo, de se reencontrar no objeto desejado. Enquanto a razão, na era industrial, tornou-se um instrumento que sobrevive por seu caráter subjetivo, servindo a qualquer tipo de interesse, não se conectando mais a interesses objetivos do ser humano, mas às formas de poder. Deste modo, tanto na razão instrumental como no amor narcisista, há a necessidade de autoconservação, que depende do controle externo e interno de acordo com os próprios interesses, para prever, manipular e conter as situações de perigo e ameaça que o outro pode causar, aniquilando assim o que existe além de si próprio.

Ainda sobre o poder e controle diante das relações afetivas, nas atuais sociedades administradas há uma liberação controlada (MARCUSE, 1975) dos costumes sexuais e das relações sociais perante uma menor repressão sobre determinados impulsos. Entretanto, a satisfação pode ser obtida apenas naquilo que a sociedade oferece, que considera dentro da normalidade e não coloque em risco a ordem social. Então, não foi ampliada a liberdade individual, mas o controle sobre o indivíduo. O conflito entre a sexualidade e a civilização é dirigido e administrado com a ajuda de instituições atuando sobre o controle dos indivíduos, como exemplo da escola, que vão moldando e direcionando a psique individual para costumes e modos considerados normais.

Nessa direção, Butler (2014) afirma que as normas não são leis e regras, mas práticas sociais sob um padrão comum implícito que visa a normalização. As normas nem sempre são claramente explícitas sobre seus reais objetivos, mas constantemente atualizada nas práticas sociais cotidianas sobre os sujeitos a fim de modelar e condicionar seus ideais, comportamentos e atos de acordo com um padrão comum. Assim, ao ditar e controlar normas de sexualidade e de gênero, se produz e normaliza noções de masculino e feminino, como se fossem naturais e universais, ocultando que, na realidade, são convicções reguladoras de poder, excluindo possibilidades de pensar e agir diferente da norma padrão comum para um maior controle e manipulação.

As normas de gênero e sexualidade estão diretamente relacionadas às formas de viver os relacionamentos afetivos. Pensar as relações como concepções modeladas socialmente implica em investigar além de suas referências naturais, mas compreender que inclusive os afetos, emoções e os amores estão em conexão com as normas e as políticas subjetivadas pelos indivíduos, em que determinadas normas produzem uma

lógica dicotômica e hierárquica entre homem versus mulher, forte versus fraco, dominante versus submisso, traçando relações desiguais, hierárquicas e pautadas no poder. Nesse sentido, Scott (1995) descreve que gênero “é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (SCOTT, 1995, p.86).

Deste modo, o termo gênero tem sua ênfase na constituição de ideias sociais sobre os papéis próprios aos homens e mulheres, sem ser diretamente determinado pelo sexo biológico nem a sexualidade, mas sendo uma categoria social imposta sobre o sujeito, que organiza, constitui e legitima formas de relações sociais. Entretanto, determinadas imposições geram relações de poder, pois seguem uma ordem hierarquia, pautada em compreensões naturalizadas e generalizadas de que as mulheres seriam frágeis e subordinadas, enquanto os homens fortes e dominadores. Assim, as próprias definições constituem em si a opressão e violência de um sexo sobre o outro.

Quanto aos elementos constitutivos de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, conforme definido por Scott (1995), a autora subdivide em quatro elementos, que relacionam entre si, para uma melhor compreensão e análise sobre gênero, que são: os símbolos culturalmente disponíveis sobre os sexos; conceitos normativos expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas e jurídicas sobre uma oposição binária, que colocam em evidência interpretações dos símbolos e limitam novas possibilidades; a influência da organização política, econômica, social; as identidades subjetivas, investigando como realmente são construídas as identidades em relação a organização social e processos históricos. Perante a definição desses elementos, a autora alerta para uma análise de gênero não apenas pautadas na biologia e psicologia, mediante concepções naturais e individuais, mas compreendendo que as concepções de gênero são organizadas, constituídas e legitimadas de acordo com perspectivas sociais e históricas, perpassando por homens e mulheres em suas relações hetero ou homossexuais.

Por fim, diante do exposto nesse item, compreende-se que as tendências agressivas são fruto do processo da civilização, que, na contemporaneidade, corresponde a uma sociedade administrada e altamente industrial, reprimindo, dominando e modelando, com o apoio das instituições, os indivíduos nela presentes. No caso da presente pesquisa, a instituição escolar, apesar de encontrar-se diante da contradição entre formação e resistência versus pseudoformação e adaptação, quando se presta apenas a essa última, contribui com a coisificação, regressão e enfraquecimento do ego perante os adolescentes que a ela estão expostos. Assim, os adolescentes, além de estarem passando

por crises em seu processo de desenvolvimento com um ego ainda em formação, estão submetidos à essa estrutura expressa, também, pela instituição escolar, intensificando a tendência a características narcisistas e trazendo consequências negativas às relações afetivas estabelecidas devido a um não delineamento entre o eu e o outro, o interno e o externo. Portanto, considerando que toda a estrutura social forma e modifica psicologicamente os sujeitos, é possível observar que, assim como a sociedade, os indivíduos também têm suas bases calcadas na repressão, dominação e manipulação tanto consigo mesmos como com os outros indivíduos que o permeiam.

## **1.2. Revisão bibliográfica**

Neste item são destacadas as pesquisas científicas, identificadas nos bancos de dados consultados, sobre a violência nas relações afetivas em ambiente escolar, com o intuito apreender como o tema tem sido abordado e analisado em determinadas produções para, então, nortear a presente pesquisa. Vale ressaltar que as pesquisas aqui discutidas não são as mesmas que irão compor os dados empíricos, pois divergem dos critérios definidos para a seleção, mas são relevantes para a compreensão do tema. Portanto, o objetivo deste item é discorrer sobre pesquisas científicas pertinentes, a fim de ampliar a discussão sobre o universo pesquisado. Para tal, foi realizada a busca das pesquisas nas plataformas digitais: Portal de Periódicos da CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Biblioteca Digital da USP, PUC/SP e UNICAMP, ANPEd e BVS.

Na contemporaneidade, os relacionamentos entre os adolescentes ganharam novas configurações, pois, conforme as estruturas sociais se modificam, assim também suas personalidades se transformam e influenciam as relações afetivas. No final do século XIX e início do XX, os arranjos matrimoniais eram feitos de acordo com os interesses econômicos, morais e tradicionais das famílias interessadas em unir os filhos ainda jovens. O sentimento amoroso não era levado em consideração, nem antes nem depois do casamento, pois era considerado indissolúvel. Essa forma de constituição foi se modificando gradativamente e o amor romântico, as características afetivas e físicas começaram a ser reconhecidos, dando maior visibilidade às emoções pessoais. Porém, a escolha do parceiro continuou pautada nos valores econômicos e sociais do grupo e da classe social dos sujeitos envolvidos, agora, não necessariamente ditadas pelos familiares, mas fortemente influenciados pelas regras do mercado e estereótipos propagados pela

mídia (SILVA, 2002), conforme características da atual sociedade altamente industrial e administrada (MARCUSE, 1975), que padroniza e divulga informações em massa a fim de modelar e controlar os sujeitos.

Nesse sentido, os relacionamentos afetivos entre os adolescentes têm influências sociais, culturais e econômicas, sendo modeladas e experienciadas em decorrência disso. Apesar de ser vendida a ideia de que a escolha de parceiros amorosos é pessoal e livre, é possível observar nesse processo a interferência de questões econômicas, políticas e ideológicas de cada período, que dita sobre como deve se constituir esse relacionamento. Na contemporaneidade, de acordo com Justo (2005), as relações são ocasionais e episódicas, predominando o prazer, a sensorialidade, ausência de compromisso e não obrigatoriedade de sentimentos, como comumente denominado pelos adolescentes de “ficar”. Relacionados à experiência do ficar, Ribeiro *et al* (2011) aponta que existem outras nomenclaturas utilizadas pelos adolescentes conforme sua região, como o ‘colar’ no Nordeste, ‘breth’ no Sul, ‘paquera’ no Centro Oeste, ‘rolo’ no Sudeste, nas regiões mais frias, os adolescentes citam o ‘ficar juntinhos’ como uma ‘curtição de inverno’ em que no verão, essas relações naturalmente terminariam. Ainda mais recentemente, com o crescente uso de meio eletrônico e o surgimento dos aplicativos e redes sociais, há a denominação ‘*crush*’ (NOGUEIRA, SILVA, SILVA, 2017). Este é um termo em inglês utilizado nas redes sociais e significa que uma pessoa tem atração pelo outro e denomina o indivíduo em que se está interessado, que se tem uma paixão, uma ‘queda’, porém não necessariamente as pessoas envolvidas tiveram algum tipo de contato real.

Entretanto, embora existam diversas nomenclaturas e maneiras de tentar definir as relações afetivas entre os adolescentes, de modo geral, em ocasionais, episódicas e de pouco envolvimento, em contrapartida, elas também são configuradas por situação de violência decorrentes de intenso envolvimento entre os enamorados, demonstrando que determinadas relações são permeadas por tensões e ambiguidades: longa duração e pouca duração, intimidade sexual e superficialidade sexual, envolvimento afetivo e não envolvimento afetivo. Determinado fenômeno pode ser compreendido perante o que aponta Wallon (1979) sobre a ambivalência de atitudes e emoções presente nos adolescentes, podendo alternar entre posse e sacrifício, união e afastamento. Porém, quando ele se encontra tencionado para o desejo de posse e se lança à intimidade, pode ocorrer uma fusão entre os enamorados devido à fragilidade do ego e a uma não delimitação clara entre si e o outro, ocasionando, então, a crise de intimidade (ERICKSON, 1987). A não delimitação entre o interno e externo, entre o eu e o outro,

conforme característica narcisista, pode levar a um controle externo e interno de acordo com os próprios interesses, a fim de manipular e dominar as situações de perigo que o outro pode causar.

Diante disso, as pesquisas nesta área são de histórico recente, a dificuldade para definir as novas formas de relacionamento, o conceito de violência e sua operacionalização, o acesso à população juvenil, a necessidade de autorização dos responsáveis e a inexistência de um estatuto que legitimasse a violência fora das situações maritais, foram alguns impedimentos que contribuíram para a invisibilidade dessa questão. Até então, o principal objeto de estudo eram as relações de casamento, estáveis e duradouras. O reconhecimento de que as violências, nas primeiras relações afetivas, poderiam ser um preditor de futuras violências nas relações maritais foi importante para a validação de pesquisas sobre o tema, além de averiguar a elevada prevalência de condutas agressivas nessas relações superiores às relações conjugais (CARIDADE e MACHADO, 2013).

A recente pesquisa “Violência nas relações de intimidade envolvendo adolescentes à luz de gênero e geração: estudo multicêntrico luso-hispano-brasileiro-caboverdiano” (LEITÃO *et al*, 2019) organizada pela escola superior de enfermagem de Coimbra (ESEnfC), trouxe relevantes contribuições sobre o tema. O seu objetivo foi analisar a violência nas relações de intimidade entre os adolescentes sobre a perspectiva de gênero e geração em quatro países<sup>7</sup>. Em linhas gerais, os dados apontam para a baixa percepção dos participantes quanto às práticas abusivas nas relações de namoro e para elevados índices de propagação da violência, em que 94,8% dos adolescentes já foram vítimas de algum tipo de violência em Cabo Verde, 93,3% em Portugal, 91,0% do Brasil e 87,6% na Espanha. Quanto à perpetração de atos violentos contra o parceiro(a), 94,8% dos adolescentes de Cabo Verde declararam já ter praticado algum ato agressivo, 92,7% em Portugal, 91,5% em Espanha e 90,1% no Brasil. Os resultados também apontam que, nessa fase, o tipo de violência que mais se destacou em vitimização e perpetração foi a

---

<sup>7</sup> No Brasil a investigação foi no Município de Curitiba|PR com 111 adolescentes de uma escola pública. Em Cabo Verde a investigação foi realizada na Ilha de São Vicente com 211 adolescentes de uma escola secundária pública. Na Espanha a pesquisa ocorreu na Comunidade Autônoma da Região de Murcia com 202 adolescentes de três escolas secundárias. Em Portugal, foi realizada nos Municípios de Ancião e Ourém com 152 adolescentes de três instituições de ensino. A investigação se deu com abordagem metodológica de natureza qualitativa, descritiva e exploratória. A coleta de dados foi realizada com um instrumento anônimo e autoaplicável. Este instrumento foi construído em quatro partes: caracterização dos fatores sociodemográficos, acadêmicos e familiares; caracterização das relações afetivo-sexuais; inventário de conflitos nos relacionamentos de namoro entre adolescentes (CADRI); escala de conhecimentos sobre violência nas relações de intimidade.

psicológica, caracterizada por ameaças, insultos, humilhações, comportamentos hostis e controle. Outro ponto a se destacar, é que entre os adolescentes há a bidirecionalidade dos comportamentos violentos, em que os dois sexos são vítimas e perpetradores, diferenciando quanto à frequência e o tipo. A perspectiva de geração apontou que a diferença de idade entre os parceiros, aumenta a desigualdade de poder, conduzindo a uma maior vulnerabilidade à violência.

No âmbito nacional, foi realizada a pesquisa “Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros” (MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011), organizada pela equipe de investigadores do Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli, da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, da Fundação Oswaldo Cruz (Claves/Ensp/Fiocruz). Tal pesquisa teve como objetivo investigar a violência nas relações afetivas sexuais de ‘ficar’ ou namorar entre estudantes de escolas públicas e particulares de dez capitais brasileiras: Manaus (AM) e Porto Velho (RO) – região Norte; Recife (PE) e Teresina (PI) – região Nordeste; Brasília (DF) e Cuiabá (MT) – região Centro-Oeste; Rio de Janeiro (RJ) e Belo Horizonte (MG) – região Sudeste; Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS) – região Sul<sup>8</sup>. De acordo com os autores, eles buscaram suprir uma lacuna de conhecimento na literatura nacional sobre a violência nessas relações, uma vez que este estudo foi um dos pioneiros no Brasil. Em linhas gerais, os dados apontam que 86% dos adolescentes já sofreram e perpetraram algum tipo de violência nas relações, destacando três tipos predominantes dessa fase: em primeiro a violência psicológica, seguida da sexual e física. Embora se compreenda que essa divisão entre os tipos de violência nem sempre ocorram deste modo, pois, por exemplo, a violência sexual também acomete o físico e o psicológico, os pesquisadores assim a definem: a violência psicológica é entendida pelas agressões verbais, xingamentos, gritos, insultos, humilhações, as tentativas de vigiar e controlar a vida do parceiro, chantagens emocionais e ameaças. A violência física, por agressões que ferem o corpo com tapas, chutes, socos, puxões de cabelo, empurrões. A violência sexual, em tocar os órgãos sexuais do parceiro sem consentimento, forçar ter relação sexual, usar de ameaça para conquistar sexualmente o parceiro. Os dados também apontam para a

---

<sup>8</sup> Para a participação foram selecionados os estudantes do 2º ano do Ensino Médio de 61 escolas públicas e 43 particulares das dez cidades brasileiras, resultando ao total 3205 adolescentes. Para a coleta de dados foi realizado um questionário com dados epistemológicos e aplicação da escala CADRI adaptada para o português, com todos os participantes, além de duas entrevistas individuais com meninas e duas com meninos em escolas públicas e privadas e seis grupos focais (dois femininos, dois masculinos e dois mistos) em escolas públicas e privadas.

bidirecionalidade das violências, em que tanto meninas quanto rapazes são vítimas e perpetradores, demonstrando a banalização dos atos violentos, que são considerados ‘normais’ como parte constituinte das relações, sendo aceito, incorporado e reproduzido por ambas as partes, variando de acordo com a frequência, intensidade e tipo.

Deste modo, tanto a pesquisa internacional como a nacional indicam dados similares sobre a violência nas relações afetivas entre adolescentes, demonstrando sua invisibilidade e banalização dos atos agressivos por ambos os sexos, com maior frequência a violência psicológica, sendo compreendida pelas agressões verbais, xingamentos, gritos, insultos, humilhações, chantagens emocionais, ameaças e comportamento de vigia e controle sobre a vida do parceiro. Notando-se, então, mediante esses comportamentos, que as bases dessas relações estão pautadas na repressão, indiferenciação e controle, anulando o que existe além de si mesmo.

Quanto aos dados, internacionais e nacionais, apontam que na fase da adolescência tanto meninos quanto meninas praticam atos de violência nas relações afetivas, chama a atenção, uma vez que dados atuais apontam para o alto índice de violência e feminicídio contra as adolescentes e jovens, bem como compreende-se a constituição de papéis socialmente estabelecidos sobre os homens e mulheres propensas ao poder, opressão e violência de um sexo sobre o outro. Nesse sentido, Caridade e Machado (2006) traçam alguns apontamentos sobre esses estudos e seus dados, relatando que nas pesquisas quantitativas, a violência nas relações não é analisada em sua complexidade, pois não são considerados o contexto, motivações, consequências, intenções e reações. Os métodos de estudos, em maioria, utilizam a escala CADRI (*Conflict in adolescent dating relationships inventory*)<sup>9</sup>, apontando em seus resultados apenas a frequência da violência, sem conhecimento da etiologia dos atos, intensidade, intenção e consequências em suas vítimas. Portanto, as análises das condutas violentas nas relações afetivas devem ser compreendidas em sua amplitude social, histórica e econômica, assim como perante os papéis socialmente estabelecidos, que são propensos a violência, pois, conforme descrito por Saffioti (2011), colocar a dominação masculina

---

<sup>9</sup> Esta escala, originalmente desenvolvida e validada em 2001 por uma equipe de investigadores coordenada por David Wolfe, foi adaptada e validada para o português em 2011 por Minayo, Assis e Njaine. Consiste num questionário constituído por 70 itens que procura avaliar estratégias de resolução de conflitos positivas ou abusivas nas relações de namoro entre os adolescentes, distinguindo entre os próprios comportamentos e do parceiro(a) especificamente sobre comportamento ameaçador, abuso relacional, físico, sexual, emocional e verbal. (MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011).

na sombra, significa operar de acordo com a lógica que propaga a naturalização do processo de dominação e exploração de um sexo sobre o outro.

Diante dos resultados obtidos, foi possível observar que a violência nas relações afetivas é analisada sobre duas perspectivas: uma que compreende a violência de forma pessoal, atribuindo sua causa a fatores psicológicos dos envolvidos, a situações particulares de violência sofrida pelos responsáveis na fase da infância, a relacionamentos anteriores, questões de desequilíbrios psíquicos e ao uso álcool e drogas ilícitas; outra perspectiva compreende a violência nas relações de forma impessoal, designando sua causa a fatores sociais, nas quais analisam as situações de conflito como decorrentes de uma estrutura machista, propensa à divisão e normatização de gênero. Deste modo, mediante o apoio da teoria crítica da sociedade, nota-se a pertinência em analisar a violência perante a relação entre indivíduo e sociedade, buscando analisá-los em seu processo histórico, em que tanto o sujeito quanto a civilização modificam-se mutuamente (HORKHEIMER, 1980). Não se trata de negar ou desconsiderar as perspectivas, mas ressaltar que o olhar sobre determinado fenômeno pode ser ampliado quando analisado de modo relacional entre o social e o psíquico, considerando que o próprio processo da civilização modifica o sujeito psiquicamente.

Outra questão que se destaca sobre o tema é a invisibilidade da violência na fase da adolescência (GOMES, 2011), uma vez que as relações afetivas são idealizadas como espaço de afeto e prazer, ocultando tudo o que se opõe a essa lógica, como os casos em que ocorrem violência e sofrimento. Determinada invisibilidade se sobressai na fase da adolescência, pois os relacionamentos são considerados instáveis, breves e de satisfação imediata. Assim, são desconsideradas e despercebidas aos olhos dos adultos, tanto pelos profissionais que trabalham com esse público, quanto pelos próprios responsáveis.

Em relação ao ambiente escolar perante a violência nas relações afetivas entre os adolescentes, foi possível observar que a escola aparece em grande maioria das produções apenas como um local de investigação, em que as pesquisas são realizadas neste espaço, mas pouco discutido sobre seu papel e impacto perante as situações de violência nas relações. Também se observou que as pesquisas que citavam a escola, em maior parte, apareciam como recomendações para que o assunto fosse mais discutido em forma de prevenção, mas não realizadas de fato. Deste modo, percebe-se que é minimamente reconhecida a importância de discutir a questão da violência em espaços formativos como a escola, porém ainda não relatado como uma prática comum e habitual nas instituições escolares.

O fato supra mencionado vai ao encontro do que aponta Santos (2019), sobre o quanto as questões de gênero e sexualidade tem sido alvo de grandes ataques e repressão dentro do ambiente escolar, havendo uma grande tensão para que esses assuntos sejam silenciados e apagados, inclusive da legislação. Entretanto, diante desse silenciamento, tende-se a dar abertura para que as manifestações de violência continuem sendo relativizadas e omitidas, quando não vistas como justificáveis e aceitas. A pesquisadora também cita o controle que a escola, como uma representante do poder, exerce sobre seus alunos, reproduzindo estereótipos, regulando e reprimindo qualquer tipo de manifestação que expresse sexualidade, ainda mais daqueles que fogem à dita normalidade heterossexual. Assim, a escola atua disciplinando e perpetuando normas de um modelo vigente, pautadas em papéis definidos e delimitados, em que, quando essas normas são silenciadas e não discutidas, refletidas e criticadas, podem ser consideradas como normais e naturais, as quais tudo que foge dela, torne-se suscetível de opressão e rechaço.

Santos (2019) investigou as relações de poder que se colocaram em cena nos debates sobre gênero nas políticas públicas educacionais contemporâneas. Ela destacou os recentes movimentos denominados contra a ‘ideologia de gênero’, ‘escola sem partido’ e as discussões para retirada da palavra ‘gênero’ e ‘orientação sexual’ dos planos nacionais e municipais de educação. Em linhas gerais, esses movimentos traziam à tona tradições conservadoras, que queriam apagar os pequenos avanços em direção aos direitos, à liberdade e à diversidade. A preocupação se dava perante o modelo tradicional de família, alegando que ao se falar de ‘gênero’ e ‘orientação sexual’ dentro do ambiente escolar estariam ‘doutrinando’ as crianças e adolescentes, os afastando dos bons costumes tradicionais familiares, então, alegavam que a escola deveria ser neutra e não falar de gênero e sexualidade, deixando esse papel apenas para a família. A autora afirma que “foi possível observar, portanto, que as violências perpassam o dito e o não dito, parecendo sentirem-se mais à vontade para consolidar-se onde o não dito é a regra, e passam a ser incômodas quando são observadas e ditas”. (SANTOS, 2019, p.10).

Deste modo, observa-se a repressão, silenciamento e apagamento perante as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar a fim de seguir e obedecer à estrutura social vigente, o que gera ainda mais violência, desigualdades e incômodo quando são ditas e discutidas, conforme descrito por Marcuse (2007) sobre a tolerância passiva, indiscriminada e acrítica, que serve à adaptação dos sujeitos à estrutura social, validando e legitimando as formas de opressão, desigualdade e violência.

Nesse sentido, Ferreira (2016), ao entrevistar os professores sobre as situações de violência contra a mulher, dentro do ambiente escolar, destaca a fala de um professor diante de uma cena de assédio sexual em sua aula “nossa, é terrível, eu fico muito mal quando acontece essas coisas, é muito difícil reagir, porque quando você reage dá pra ver nos olhos da pessoa que ela não sabe que isso é uma violência.” (FERREIRA, 2016, p.125). Vale destacar essa frase, pois é interessante notar que apesar do professor perceber a situação e se sentir mal, ele não consegue reagir alegando que o aluno não sabe que é violência, mas ele, por sua vez, ao invés de nomear e exemplificar que aquela situação é uma violência, se silencia e assiste passivamente a cena. A pesquisadora também traz que dois professores se propuseram a realizar uma atividade para discutir desigualdade de gênero e violência contra a mulher e, ainda, outra atividade para discutir o aborto, entretanto, os relatos dos professores trazem que, apesar de suas iniciativas, alguns alunos “tumultuaram” a aula toda por sentirem-se incomodados com o tema, assim como, por outro lado, a própria escola, denominada de “policialesca” pelos professores, não dá abertura para determinadas atividades, justificando que os responsáveis não gostam que sejam discutidos certos assuntos em sala de aula. Apesar de determinados relatos, eles compreendiam a importância de se discutir esses assuntos em ambiente escolar, em especial uma professora que é procurada por algumas alunas para tirar dúvidas que não podem ser falados em casa como casos de sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, preservativos e violência sexual.

Diante do relato de Ferreira (2016) perante a fala dos professores, nota-se os conflitos em que se encontram, pois, se por um lado reconhecem a importância de discutir sobre gênero, sexualidade e violência dentro do ambiente escolar, por outro se deparam com o controle “policialesco” e as repressões tanto da intuição, quanto dos responsáveis e, inclusive, por vezes dos próprios alunos, que se sentem incomodados e “tumultuam” a aula. Assim, conforme descrito por Adorno (1995), a escola encontra-se diante de suas contradições entre a resistência e a adaptação, porém, quando as instituições escolares não conseguem se opor à ordem vigente devido às inúmeras pressões e repressões, se voltam apenas à adaptação e à pseudoformação.

Por fim, diante do exposto neste item, a violência é compreendida mediante a tentativa de superar a oposição entre indivíduo e sociedade para analisá-la em relação, no qual sujeito e a sociedade são mutuamente transformados de acordo com os processos históricos as quais estiverem emersos. Deste modo, a violência nas relações afetivas entre os adolescentes tem influências da estrutura social vigente, as quais pesquisas recentes,

nacionais e internacionais, apontam para a um elevado índice de comportamentos agressivos entre os adolescentes. Perante isso, a instituição escolar encontra-se diante de uma contradição, podendo estar a serviço da reflexão e crítica, ou se destacando como mais um local que reprime e modela os adolescentes, visando a adaptação e, portanto, estando a serviço da opressão e violência.

As discussões descritas neste primeiro capítulo, que tiveram como objetivo a compreensão e delimitação do tema adotado para esta pesquisa, serão retomadas no próximo capítulo a fim de subsidiar a análise dos dados obtidos.

## **2. VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES AFETIVAS EM AMBIENTE ESCOLAR**

Com base no referencial adotado para a presente pesquisa, bem como a discussão realizada no primeiro capítulo acerca da violência nas relações afetivas entre adolescentes em ambiente escolar, neste capítulo, são descritos os procedimentos metodológicos utilizados para a busca, seleção e análise dos dados que compõem a base empírica desta pesquisa.

Assim, nos itens a seguir são descritos o problema e os objetivos de pesquisa, o tipo de estudo adotado, as fontes de pesquisa, o instrumento de pesquisa, as categorias de análise e a análise dos dados.

### **2.1. Problema e objetivo de pesquisa**

Tendo como perspectiva o desenvolvimento da sociedade contemporânea, altamente administrada, irracional e violenta, que forma a personalidade dos indivíduos nela presentes conforme a estrutura vigente, o problema de pesquisa foi assim formulado: **O que os dados das produções científicas acadêmicas apresentam sobre a violência nas relações afetivas entre os adolescentes em ambiente escolar?**

Dos desdobramentos do problema de pesquisa sucedem os seguintes objetivos:

- Investigar o que os dados das pesquisas acadêmicas apontam a respeito da percepção dos adolescentes sobre a violência nas relações afetivas.
- Analisar as principais características apontadas nas produções acadêmicas sobre as relações violentas entre os adolescentes.
- Averiguar o que as pesquisas indicam sobre o ambiente escolar perante o cenário da violência nas relações afetivas.

### **2.2. O tipo de estudo**

A fim de atingir os objetivos do presente estudo, as fontes de pesquisa para a obtenção de dados empíricos são outras pesquisas científicas que permitam analisar a violência nas relações afetivas entre adolescentes em ambiente escolar. Pesquisas desse tipo, que se propõem a discutir os dados apontados por outro pesquisador sem nenhuma

possibilidade de interferência, são caracterizadas por estudo *ex post facto*. Este método se caracteriza por ocorrer após o fato, possibilitando analisar os dados de outras pesquisas mesmo que estas tenham objetivo e referencial teórico diferente dos seus. Assim, de acordo com Angell e Fredmann (1974) nos estudos *ex post facto*, as análises posteriores podem divergir das iniciais, conforme o objetivo das pesquisas e as respostas que se deseja encontrar. O material obtido deve ser selecionado e reorganizado pelo pesquisador de acordo com a finalidade de sua pesquisa e permita alcançar os objetivos propostos.

Portanto, a presente pesquisa é conduzida sob essa perspectiva. Nos próximos itens serão detalhados os percursos percorridos para a seleção e organização dos dados empíricos apresentados por outros pesquisadores que se ajustaram aos objetivos e referencial teórico adotado para o atual estudo. Embora os dados encontrados não sejam brutos, pois já foram trabalhados por outros pesquisadores, buscou-se excertos em que os pesquisadores descreveram com detalhes os relatos apresentados pelos adolescentes.

### **2.3. As fontes de pesquisa**

Para a busca de produções científicas nas bases de dados, foram utilizados os descritores: violência no namoro, adolescente e escola. Apesar de compreender, como já descrito, que existem diversas nomenclaturas e formas de definir as relações estabelecidas entre os adolescentes como o ‘ficar’, esse termo como descritor foi inviável, uma vez que o termo ‘ficar’ é muito amplo e dá margem a muitos sentidos. Foram testados alguns outros termos como relacionamento afetivo, relacionamento amoroso, relacionamento abusivo, porém, igualmente ao termo ‘ficar’, o termo ‘relacionamento’, deu margem a um vasto número de resultados envolvendo relações entre pais, alunos, professores. Portanto, nesse caso, o termo namoro foi o que mais se adequou à busca, apresentando resultados objetivos, uma vez que ele permitiu delimitar e especificar o tipo de relacionamento de interesse. Além de que, a junção ‘violência namoro’ se fez mais eficaz e corresponde ao termo utilizado na literatura para facilitar a comunicação entre os pesquisadores do tema (OLIVEIRA, 2014). Quanto aos termos “adolescente” e “escola”, foram utilizados com o objetivo de refinar a busca, delimitando os sujeitos e o ambiente.

Quanto aos portais digitais para a busca das produções acadêmicas foram utilizados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Periódico CAPES, BVS,

Bibliotecas Digitais da USP, PUC/SP e UNICAMP, ANPEd. A escolha dos portais BDTD e CAPES se deu devido à sua abrangência na busca de produções, pois engloba o território nacional; as bibliotecas digitais específicas das universidades USP, PUC/SP e UNICAMP, em virtude de serem instituições reconhecidas em suas pesquisas; a BVS por apontar resultados pertinentes específicos da área da saúde e ANPEd, específico da área da educação. Apesar de cada portal obter seu modo próprio de busca, os descritores foram mantidos. Nos portais que permaneciam apenas dois campos de busca, se optou por ‘violência no namoro e escola’, nos que permitiam apenas um campo, apenas ‘violência no namoro’. Em alguns portais foi preciso utilizar filtro para refinar a busca, como no caso da Biblioteca Digital da PUC/SP, que se utilizou a delimitação ‘Áreas do CNPq: educação’ e da UNICAMP, em que o próprio site agrupa as obras em ‘assunto’, então foram analisados os ‘assuntos: educação e violência contra a mulher’. Quanto ao tipo de material, foram considerados apenas dissertações e teses. Na tabela abaixo está descrito o número de produções acadêmicas apresentadas em cada portal digital:

**Tabela 1** – Produções acadêmicas – dissertações e teses – encontrados nos portais digitais sobre violência nas relações afetivas entre adolescente em ambiente escolar.

	BDTD	CAPES	BVS	USP	PUC/SP	UNICAMP	ANPEd	TOTAL
<b>Nº de produções</b>	19	2	3	410	98	47	Ø	579
<b>Porcentagem em relação ao total</b>	3,28%	0,35%	0,52%	70,81%	16,93%	8,12%	Ø	100%

**Fonte:** Elaborado tendo como referência os dados coletados nos portais digitais BDTD, Periódico CAPES, BVS, USP, PUC/SP, UNICAMP e ANPEd.

Os resultados obtidos nos portais digitais apontam para 579 pesquisas, que de alguma forma abordam a violência nas relações afetivas entre adolescentes em ambiente escolar de acordo com os descritores selecionados para a busca, concentrando grande número de pesquisas na USP, seguida da PUC/SP. Em contrapartida, o periódico da CAPES apontou para apenas duas teses sobre o tema, seguida da BVS com três teses.

Neste primeiro momento, devido ao amplo resultado, foi realizada a seleção de acordo com os títulos e resumos das obras. Os critérios para a seleção foram: a) pesquisas que apresentam a percepção dos adolescentes sobre as violências nas relações afetivas; b) incluam o ponto de vista de ambos os sexos; c) estejam relacionadas à escola; d) realizadas em território nacional, entre 2009 e 2019. Assim, resultaram 15 pesquisas.

Diante dessa primeira seleção, foi realizada uma leitura minuciosa, na íntegra, das 15 pesquisas, sempre apoiada nos critérios definidos para a seleção, além de, nessa fase,

analisar criteriosamente os métodos utilizados – de preferência os que coletaram as informações diretamente com os adolescentes –, suas concepções (faladas ou escritas) mediante entrevistas, grupos focais, resposta de escalas, observação. Outro critério foi que as pesquisas discutissem sobre o ambiente escolar e seus profissionais, ou ao menos apontassem sua visão sobre esse espaço perante a violência nas relações afetivas, pois, em sua maioria, a escola era apenas o local de investigação.

Por fim, desta seleção foram descartadas sete pesquisas, que não discutiam sobre o ambiente escolar ou os dados não foram coletados diretamente com os adolescentes, resultando, então, oito pesquisas acadêmicas, três teses e cinco dissertações, que melhor se adequaram aos objetivos deste estudo, conforme descritas no quadro baixo:

**Quadro 1** – Produção acadêmica – teses e dissertações – que apresentam dados referentes à violência nas relações afetivas entre adolescentes em ambiente escolar.

Ano	Autor	Título	Tipo	Área
2009	CASTRO, Ricardo José de Souza.	Violência no namoro entre adolescentes do Recife: em busca de sentido.	Dissertação	Saúde Pública
2014	OLIVEIRA, Queiti Batista Morreira.	Violência de gênero no namoro entre adolescentes sob a ótica dos adolescentes, educadores e profissionais de saúde.	Tese	Saúde Pública
2015	BITTAR, Daniela Borges.	Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro e a rede de apoio social.	Tese	Enfermagem
2016	BRANCAGLIONI, Bianca de Cassia Alvarez.	Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise na perspectiva de categorias de gênero, violência de gênero e geração.	Dissertação	Enfermagem
2017	REZENDE, Ana Márcia de Almeida.	Violência contra a mulher nas relações íntimas de afeto: representações sociais dos adolescentes.	Dissertação	Psicologia Social
2018	CAMPEIZ, Ana Beatriz.	Violência nas relações íntimas entre os adolescentes sob a perspectiva do Paradigma de Complexidade.	Dissertação	Enfermagem
2018	MELO, Rosana Alves de.	Violência nas relações de namoro na adolescência.	Tese	Ciências da Saúde
2019	CARVALHAES, Renata de Souza.	Entre laços e nós: narrativas de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência de uma escola na região de Costa Verde (RJ).	Dissertação	Saúde Coletiva

**Fonte:** Elaborado tendo como referência dados coletados nos bancos de dados BDTD, Periódico CAPES, BVS, USP, PUC/SP, UNICAMP e ANPEd.

## 2.4. Instrumentos de pesquisa

A fim de organizar, descrever e discutir os dados obtidos das oito produções acadêmicas, foi realizada leitura atenta e os dados foram registrados mediante um

fichamento, que buscou analisar minuciosamente e sistematizar cada obra em particular, destacando o título, autor, ano/instituição, tipo/área, objetivo, método, principais resultados sobre violência nas relações afetivas e sobre o ambiente escolar.

Após a organização inicial dos dados, buscou-se, então, encontrar os temas que se destacaram nas produções encontradas com o intuito de obter uma representação do conteúdo presente nos dados empíricos dos oito trabalhos. De acordo com Bardin (2002), “fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõe a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2002, p.105). Assim, com o apoio do fichamento, foi realizada leitura em específico do tópico ‘principais resultados sobre violências nas relações afetivas e sobre o ambiente escolar’, bem como as próprias teses e dissertações foram analisadas integralmente a fim de investigar, mediante a aparição e frequência, os temas comuns nas oito produções acadêmicas e analisar quais categorias poderiam ser formadas *a posteriori*.

Diante disso, os temas que se destacaram foram organizados e agrupados em categorias conforme organizado e descrito no anexo.

## 2.5. Categorias de análise

As categorias de análise foram elaboradas *a posteriori* mediante os temas que se destacaram nos dados empíricos, conforme descrito no item anterior e detalhado em anexo, assim como tendo por base o referencial teórico adotado, discutido no primeiro capítulo e, ainda, norteadas de acordo com os objetivos desta pesquisa, conforme explicitadas no quadro a seguir:

**Quadro 2** – Categorias de análise sobre a violência nas relações afetivas em ambiente escolar

<b>Categorias</b>	<b>Objetivos</b>
A) Naturalização e banalização da violência	Investigar o que os dados das pesquisas acadêmicas apontam a respeito da percepção dos adolescentes sobre a violência nas relações afetivas.
B) Amor e violência	
C) Normas de gênero	Analisar as principais características dessas relações violentas entre os adolescentes de acordo com os dados das produções acadêmicas.
D) Ciúme e controle	
E) Ambiente escolar: adaptação e resistência	Averiguar o que as pesquisas apontam sobre o ambiente escolar diante do cenário da violência nas relações afetivas

**Definição das categorias:**

A) A categoria “Naturalização e banalização da violência” diz respeito à aceitação, passividade, silenciamento, negação e não percepção dos atos de violência, consideradas práticas comuns e normais nas relações. Deste modo, a violência passa a ser naturalizada e banalizada, pois, ao não ser compreendida e refletida sobre as reais estruturas que regem a sociedade, que visam a dominação e a adaptação, a violência parece como algo dado e natural, bem como a tendência a individualizar situações de grande complexidade, desconectando-a do todo em seu processo histórico, conduz o adolescente a compreender a violência como comum e intrínseca às relações afetivas.

B) A categoria “Amor e violência” analisa a não delimitação entre as manifestações de amor e violência, embora pareçam ideias opostas, perante o ideário romantizado das relações, a dor e o sofrimento são compreendidas como parte das manifestações de amor, uma vez que, perante a frieza e indiferença dos sujeitos formados nessa sociedade, as manifestações violentas são consideradas virtudes, ocorrendo, então, uma fusão entre amor e violência. As formas de violência podem aparecer como justificativas de um ‘amor incontrolável’ a fim de legitimar as agressões, demonstrando a irracionalidade presente nas relações, que está a serviço dos interesses individuais, de dominação e poder.

C) A categoria “Normas de gênero” refere-se às manifestações de violência nas relações afetivas, compreendendo que cada sexo é controlado e modelado sobre como deve comportar e agir pautados na desigualdade, em que: o sexo masculino é considerado o dominador e provedor, enquanto o feminino, frágil e dependente, tendendo, conseqüentemente, para a violência do masculino sobre o feminino. Embora os dados das produções científicas apontem para a bidirecionalidade da violência, em que tanto meninos quanto meninas são vítimas e perpetradores, nesta categoria, se analisa como as normas estão inseridas em cada sexo, distinguindo entre as motivações, intensidade e conseqüências dos comportamentos violentos.

D) A categoria “Ciúme e controle”, diz respeito ao ciúme excessivo e comportamentos controladores sobre o parceiro, como ditar com quem o outro vai sair, como se vestir, que lugares frequentar, como se portar diante dos amigos, monitorar os celulares e redes sociais, compreendendo que determinados comportamentos são formados em conexão ao processo da civilização, uma vez que tem suas bases calcadas na repressão, controle e dominação. Perante o fato de o controle ser a característica mais comum entre os relacionamentos adolescentes, ele também é considerado um

desencadeador de outras formas de violência quando o outro foge, real ou supostamente, desse domínio. Esta categoria analisa os mecanismos de controle utilizados para um parceiro conquistar do outro o que deseja, pois, diante da fragilidade do ego adolescente e suas características narcisistas sem um delineamento entre o eu e o outro, o sujeito visa o controle interno e externo para prever e dominar a si mesmo e ao outro.

E) A categoria “Ambiente escolar: adaptação e resistência”, discute os dados que apontam determinada instituição para duas direções: a adaptação, indicando o ambiente escolar como um local que visa reprimir os sujeitos nela presentes, bem como as manifestações de afeto, visando a normatização e adaptação dos adolescentes ao sistema vigente; a resistência, indicando o potencial formador e transformador da instituição escolar, como um espaço propício para a discussão e reflexão da violência como também da estrutura social a fim de opor e resistir aos modelos disseminados e impostos.

## **2.6. Análise dos dados**

Neste item, apresenta-se a situação da violência nas relações afetivas entre adolescentes em ambiente escolar a partir dos dados obtidos nas oito produções científicas selecionados, organizados e agrupados em categorias, que serão analisados sob a perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade, conforme descrito e discutido no primeiro capítulo.

### **2.6.1. Naturalização e banalização da violência**

Essa categoria permite discutir sobre o conteúdo que teve grande destaque em todos os trabalhos analisados no que se refere à percepção do adolescente sobre as situações de violência nas relações afetivas: a naturalização e banalização, evidenciando que, apesar estar presente no cotidiano dessas relações, a violência é invisível.

As dissertações e teses recorrem aos dois conceitos: naturalização e banalização, de forma indiferenciada, entretanto, compreende-se que é pertinente discriminá-los, pois, ainda que tenham sentidos parecidos, distinguem-se conceitualmente. Ao referir sobre o processo de naturalização, diz respeito a tornar o fenômeno analisado como dado, inato, atemporal e natural, desconsiderando o processo histórico, as dinâmicas culturais, bem

como a transitoriedade e as mudanças que ocorrem nas relações sociais no decorrer do tempo. Já a banalização é o processo que torna o fenômeno comum, normal e trivial, mesmo que sejam de grande complexidade e importância, podendo transformar situações trágicas e de sofrimento em entretenimento (NERI e NASCIMENTO, 2016). Deste modo, vale ressaltar, que apesar da discriminação conceitual, são processos que estão interligados e se complementam, em que a naturalização leva o fenômeno à banalização, bem como a constante banalização de uma situação pode transformá-la em natural. Ambos os processos ocultam e modificam os reais mecanismos de opressão e dominação, tornando-os naturais, triviais e atemporais.

Nos trabalhos analisados, os autores descrevem o processo de naturalização e banalização da violência nas relações afetivas expressos pela passividade, aceitação, normalização, por serem consideradas intrínsecas às relações humanas, inclusive, perante o não reconhecimento e negação da violência, como por exemplo:

Quando os adolescentes foram questionados sobre a ocorrência de violência no relacionamento íntimo, a passividade e a aceitação foram identificadas como fenômeno comum: “É normal, porque faz parte de um relacionamento”(P9/H-G3)<sup>10</sup>; “Eu acho que é normal, você tá nervoso. Acontece. Às vezes aperta o braço, segura o pescoço, na hora da raiva acontece, todo mundo sabe”(P4/H-G3); “Um beliscão faz parte, xingar faz parte”(E13/H). (CAMPEIZ, 2018, p.60 – grifo nosso).

Outro ponto importante destacar sobre a violência nas relações afetivas de adolescentes refere-se à sua banalização ou mesmo naturalização. Assim, na sociedade em geral, e especificamente entre os/as adolescentes, é comum o discurso de que não existe violência no namoro ou no ficar, ou de que esta é parte integrante da relação, como uma maneira de demonstrar carinho e cuidado. (REZENDE, 2017, p.59 – grifo nosso).

Deste modo, é possível observar que as relações afetivas entre os adolescentes, apesar de serem permeadas por violência, passam pelo processo de naturalização e banalização expressas de diversas formas que, de modo geral, simbolizam a invisibilidade e adesão irrefletida de determinado fenômeno. Entretanto, esse processo tem como consequência a legitimação e permissividade para que, cada vez mais, a violência seja propagada nas relações, pois, não sendo percebida, refletida e criticada, mas, ao contrário, considerada natural e intrínseca às relações humanas, seus atos são facilmente

---

<sup>10</sup> Visando manter as transcrições dos dados o mais fidedigno possível, foi mantida a forma como os autores identificaram os sujeitos em suas pesquisas. Neste caso, a pesquisadora adotou siglas: “E” para entrevistas, “M” para mulheres, “P” para participantes, “H” para homens, “G” para grupos focais.

disseminados e expressos cotidianamente, mesmo apresentando impactos negativos, sofrimento e dor.

Marcuse (2007) já havia relatado que a neutralidade perante a violência corrobora com a sua perpetuação e estimula a opressão, visto que, ao se aderir às tendências de violência e crueldade, são assimiladas e reproduzidas irrefletidamente. A violência ganha cada vez mais força e propagação conforme vai sendo naturalizada e banalizada, quando é aceita como comum e normal, não causando nenhum tipo de repulsa e conduzindo o sujeito à insensibilidade, frieza e destruição da própria humanidade. As condições para o desenvolvimento de resistência, crítica e oposição são impedidos perante os processos de naturalização e banalização ao tornar os fenômenos familiares, naturais e comuns.

Perante o enfraquecimento do ego, da reflexão e da crítica, as ações individuais são guiadas pelas normas externas, regredindo o sujeito a uma indiferenciação entre o interno e o externo, direcionando-o à adaptação e ao conformismo (ADORNO, 2015). Assim, o indivíduo fica vulnerável às determinações sociais, introjetando as formas de pensar, ser e agir, impedindo sua individuação e diferenciação. Conforme os conteúdos vão sendo introjetados e assimilados, o indivíduo também passa a projetar a barbárie e a agir a favor da opressão e dominação, uma vez que para o sistema se produzir e autoconservar, necessita, em contrapartida, da alienação e massificação de seus integrantes, bem como de sua submissão às ordens do aparato vigente para serem modelados.

No decorrer do tempo, são propagados conteúdos em larga escala, que mediante o avanço tecnológico da sociedade industrial administrada (MARCUSE, 1975) são divulgados e transmitidos rapidamente com a finalidade de controlar e manipular o processo de formação de valores, hábitos e (pré)conceitos, que vão sendo aceitos e incorporados, de modo que, conforme tornam-se familiares, naturais e comuns, são facilmente produzidos e reproduzidos. Nesse sentido, as relações afetivas entre os adolescentes são influenciadas e se constituem de acordo com os conteúdos massivamente disseminados ao longo do tempo pelas mídias, televisão, músicas, redes sociais e outras tecnologias. Os conteúdos comumente divulgados sobre os relacionamentos afetivos formam crenças, valores e hábitos, que mediante o passar do tempo e o constante bombardeio de informações, são assimilados e propagados irrefletidamente, corroborando para o processo de banalização da violência, visto que o indivíduo se encontra enfraquecido e não consegue se opor às imposições, nem refleti-las e diferenciar-se, apenas assimilar e reproduzir.

Deste modo, perante e adesão cega do indivíduo às imposições e a sua fragilidade, ele vai se tornando coisa entre outros objetos, uma vez que este é o local concedido a ele a fim de ser facilmente manipulado e administrado. O sujeito passa por um processo de reificação e coisificação da consciência, ele não precisa mais refletir sobre suas escolhas, apenas seguir o modelo e as definições impostas. A experiência foi convertida em técnica e informação, regredindo a reflexão e crítica ao pensamento estereotipado e mecânico, fazendo com que o indivíduo entre num processo de alienação e coisificação de si mesmo ao não conseguir diferenciar-se, agindo de acordo com o coletivo e abrindo mão de sua própria individualidade. As autoras Oliveira (2014) e Rezende (2017) relatam a propósito da alienação que os adolescentes se encontram no que se refere aos discursos sobre a violência, pois, embora alguns possam apresentar um “discurso politicamente correto”, eles reproduzem e experimentam situações de violência e desigualdade em seus relacionamentos:

No que diz respeito aos relacionamentos dos/as próprios/as adolescentes, a violência também aparece objetivada como uma prática comum, que faz parte de sua vivência afetiva. Desse modo, apesar de moças e rapazes representarem agressões e maus-tratos nas relações íntimas como algo inaceitável, eles/elas, muitas vezes, acabam vivenciando essas situações com seus/suas parceiros/as. Inclusive, são poucos/as os/as adolescentes que declaram a importância de se afastar do/a parceiro/a agressor/a e/ou prestar queixa formal contra o/a mesmo/a. Portanto, ainda que esses/as jovens apresentem um discurso politicamente correto em torno da violência, condenando-a como algo que nunca deve acontecer nos relacionamentos amorosos, suas representações sociais mostram-se contraditórias. Assim, a violência ao invés de ser um acontecimento distante da vivência afetiva, faz-se presente, sendo muitas vezes velada pelos/as jovens, que evitam reconhecê-la ou mesmo denunciá-la. (REZENDE, 2017, p.151).

Por mais que os adolescentes possam manter uma postura aparentemente crítica e um discurso politicamente correto contra a violência, suas experiências demonstram adesão e submissão às ordens vigentes, reproduzindo a opressão e dominação de um enamorado sobre o outro, dado que estão inseridos nesse sistema e expostos às imposições. Assim, podemos observar que a alienação do adolescente perante o sistema e para consigo mesmo o impede de refletir e olhar para si, suas relações e seu comportamento, corroborando com o processo de naturalização e banalização da violência, pois, quanto mais o indivíduo estiver alienado de si próprio, bem como das determinações sociais, não conseguindo diferenciar-se, mais facilmente ele irá se submeter cegamente as manipulações e interesses do aparato vigente, tornando situações graves e de grande complexidade em triviais e banais.

Essa cisão entre indivíduo e sociedade, sujeito e objeto, está relacionada ao reducionismo da razão e da ciência ao mero exercício técnico, distante da real reflexão e experiência dos objetos e seus próprios fins, nas quais o indivíduo é considerado um objeto coisificado, universal e manipulável mediante teorias duras e fechadas, que visam a propagação de ideias inatas, leis lógicas e calculistas. Na era industrial, o interesse pelo particular, individual e subjetivo predominou à mentalidade pública, no qual o privado ocupou o espaço do universal. O pensamento foi reduzido aos métodos e técnicas de reprodução do sistema, tornando-se instrumento a serviço da autoconservação, não havendo uma relação direta com os problemas concretos e seus objetos, mas seguindo princípios gerais de partes isoladas e excluindo sua totalidade e complexidade. Os conceitos foram reduzidos e abreviados, o próprio pensamento foi resumido ao processo industrial, subordinando-se à estreita parcela de uma produção com ideias automatizadas e impedidas de serem realizadas mediante experiência e independência de ideias e reflexões (HORKHEIMER, 2000).

Nesse sentido, há uma tendência em individualizar situações e conflitos sem analisá-las em sua complexidade e totalidade social. Os fenômenos são reduzidos a conceitos isolados, universais e a-históricos, ignorando a relação entre indivíduo e sociedade, bem como a importância das imposições e determinismos sociais sobre processo de formação e desenvolvimento do indivíduo. Portanto, perante a tendência a individualizar, situações de grande complexidade são considerados intactas, imutáveis e naturais, em que o sujeito é o único causador e responsável.

A este respeito, Castro (2009) relata sobre a tendência de tornar individual, natural e inerente ao sujeito e suas relações as situações de violência:

Essa impossibilidade dos rapazes de resistirem aos impulsos sexuais ao ponto de cometerem uma violência seria justificada pela presença dos “hormônios masculinos”, em outras palavras, o homem seria naturalmente propenso a cometer este tipo de violência a depender da situação. (CASTRO, 2009, p.79).

A violência nas relações afetivas é um fenômeno de grande complexidade e está fortemente relacionado ao processo de desenvolvimento da civilização e às imposições sociais sobre os modos de ser, pensar e agir perante cada sexo. Entretanto, quando determinado fenômeno é reduzido a questões individuais, atribuindo a violência sexual aos “hormônios masculinos”, se contribui com o processo de naturalização e banalização da violência, uma vez que os conflitos são limitados apenas a questões orgânicas e

naturais, ignorando qualquer relação com a totalidade social e seu processo histórico, inclusive, por se tratar de relações afetivas, anulam um fator essencial, que são as normas e padronização impostas sobre formas de viver a sexualidade e o gênero, conforme definido por Brancaglioni (2016):

As construções de gênero também podem determinar a naturalização e a legitimação das agressões sofridas e perpetradas entre parceiros íntimos adolescentes, uma vez que estereótipos de gênero sobre o papel de homens e mulheres nas relações de intimidade podem ser compreendidos como parte de uma suposta natureza feminina ou masculina, e não como determinados pela construção histórica e social das relações de poder entre os sexos. (BRANCAGLIONI, 2016, p.90).

Deste modo, ao impor formas de viver as relações afetivas pautadas em condições individuais e naturais sobre o masculino e o feminino, desconectadas dos processos históricos e sociais que a constituem, na verdade, está se propagando formas de relações pautadas no poder e dominação como se fossem normais e comuns, levando a banalização e normalização de relações pautadas na violência, estereotipia e desigualdade.

As situações de conflito e violência devem ser analisadas perante a relação indivíduo e sociedade, em específico as relações afetivas, que são pautadas em normas de gênero socialmente modeladas e impostas no decorrer da história, compreendendo que indivíduo e sociedade não se excluem, mas se influenciam mutuamente, sempre permeados pelo processo histórico. Assim, ao invés de reduzir situações a questões individuais tendendo à naturalização e banalização, se propõe a ampliar o debate mediante suas contradições, negações e cisão para então superar e reatar a conexão com a totalidade, levando em consideração as transformações históricas não como dada e natural, mas em que sujeito e sociedade se modificam mutuamente ao longo do tempo e das relações socialmente estabelecidas.

### **2.6.2. Amor e violência**

Esta categoria visa discutir a falta de delimitação entre as concepções de amor e violência. Embora sejam experiências aparentemente opostas, elas aparecem nas vivências das relações afetivas entre os adolescentes de maneira indefinida, confusa e sem uma clara limitação entre as expressões advindas de manifestações de amor, cuidado e carinho ou de violência, agressão e dor. Determinada indistinção pode trazer consequências negativas aos sujeitos e suas relações.

Compreende-se que o amor não é algo natural, nem apenas reflexo de impulsos orgânicos como as ditas palpitações e “borboletas no estômago”, mas é modelado de acordo com as normas e convicções sociais e culturais de determinada época, que delineiam suas formas de sentir, pensar e agir. Assim, até mesmo os sentimentos considerados individuais estão conectados ao ambiente social, não se restringindo a ordem biológica, natural e universal, mas os compreendendo como manifestações pessoais anteriormente introjetadas e assimiladas conforme as normas e determinações sociais. De acordo com Wallon (1979), desde o berço as influências afetivas que circundam a criança exercem função determinante sobre o seu desenvolvimento, uma vez que dirige e desperta mediante contato íntimo o desenvolvimento de estruturas nervosas capazes de mobilizar reações semelhantes e recíprocas, conectando-se, assim, o social e o orgânico. Deste modo, entende-se que os afetos, que também incluem reações orgânicas, estão em relação com o ambiente externo, humano e social.

A concepção de amor sofreu transformações ao longo do tempo de acordo com os interesses ideológicos, políticos e econômicos de cada momento. Giddens (1993) discorre sobre a transformação da intimidade e conclui que o amor romântico começou a trazer sua marca do final do século XVIII como aquele sentimento urgente, avassalador e invasivo, em que suas características tira o indivíduo das atividades mundanas perante o êxtase e a felicidade completa, acarretando tendências ao sacrifício e escolhas radicais baseadas numa idealização de um ser amado perfeito, que lhe concede a alegria plena e realização de seus desejos.

Nesse sentido, embora atualmente alguns autores apontem para novas configurações de relacionamentos, em que na prática predomina o prazer, a sensorialidade, ausência de compromisso e não obrigatoriedade de sentimentos, como o “ficar” (JUSTO, 2005), os adolescentes encontram-se submersos sobre o ideal de amor romantizado conforme aponta Campeiz (2018): “Constatou-se a existência da crença e da idealização do amor romântico, de que o outro é a “metade da laranja” ou a “cara metade”, de que a felicidade completa reside em estar junto do outro. (CAMPEIZ, 2018, p.64).

Entretanto, por trás de determinada visão idealizada e romantizada do amor, de que o outro o completará e trará a felicidade desejada, encontra-se o fato de que a própria concepção do amor romântico disseminado está calcado na opressão e dominação de um enamorado sobre o outro, uma vez que, de acordo com determinada concepção, a dor e o sofrimento fazem parte da relação e devem ser aceitos para se alcançar esse êxtase completo,

inclusive perante casos de violência, em que o ideário de amor dissemina que é aceitável sofrer em nome do amor e, conseqüentemente, da felicidade:

Os/as jovens que compreendem o amor com base nesse idealismo tendem a invisibilizar a violência presente em seus relacionamentos, pois partem da crença de que o amor requer sacrifícios, e por isso devem suportar tudo em nome desse sentimento maior. É devido a crença de que o amor é provação e supera todas as dificuldades, que muitas moças e rapazes veem o ciúme excessivo de seus/suas parceiros/as e o controle como demonstração de cuidado e atenção, enquanto os maus-tratos, ofensas e abusos físicos são entendidos como provações que precisam ser suportadas, a fim de que a felicidade plena seja alcançada (NASCIMENTO E CORDEIRO, 2011). (REZENDE, 2017, p.60).

A maneira de olhar para a ideia de amor também pode deixá-los suscetíveis a não interpretar atos de violência como tal. Alguns interlocutores, tantos rapazes como moças, relatam que o amor “tira todo o defeito”, “você ama pelo defeito”, assim, em “nome do amor” se aceitam e superam os problemas conforme a narrativa: “tipo assim, você aprende a gostar da pessoa dessa forma e o amor independente de tudo que aconteça na vida, a pessoa vai tá contigo e você vai estar com ela”. Essa afirmação pode fazer com que minimizem as experiências de violência, pois esse seria apenas mais um desafio a ultrapassar no relacionamento. (CARVALHAES, 2019, p.117-118).

Deste modo, é possível observar a ideia de um amor romantizado, avassalador e idealizado presente nas relações afetivas entre os adolescentes, nas quais, em suas concepções, amar consiste em sacrificar-se, suportar qualquer situação, inclusive de violência e dor, mediante o objetivo de alcançar a felicidade, a “outra metade” que estava lhe faltando, ocorrendo uma indistinção e fusão entre o amor e a violência. Determinada visão romantizada e idealizada oculta a pessoa real, seus defeitos e imperfeições, enxergando apenas a sua ideia e o intuito, outrora introjetado, de que o outro a completaria e traria a plena satisfação. Entretanto, determinada lógica, manipula e torna invisível a violência, enaltecendo o amor, a felicidade e encobrendo o sofrimento e a dor.

Diante dessa lógica irracional, que visa a manipulação e dominação do outro, Horkheimer (2000) aponta para a instrumentalização da razão, uma vez que o seu processo de formalização se torna cindida, deixando de representar um princípio objetivo e universal do bem comum, passando para o princípio de autoconservação em função da estrutura social, não se conectando mais a interesses objetivos do ser humano, mas às formas de poder. Desse modo, a razão sobrevive por seu caráter subjetivo, servindo a qualquer tipo de interesse, se desvinculando de conteúdos objetivos e subjetivando-se. Como consequência, nos deparamos não apenas com o relativismo, mas com a manipulação e suscetibilidade de servir para uma, ora outra finalidade, relacionando de qualquer forma com os fins. A racionalidade instrumental serve, na sociedade capitalista,

à dominação da natureza, a qual leva os homens a visar interesses individuais, estejam eles a serviço do bem ou do mal.

Frente ao relativismo e manipulação decorrentes da racionalidade instrumental, Adorno (2019) descreve sobre o tipo manipulador como sendo o indivíduo formado nesta sociedade, em que a percepção, o pensamento e a sensibilidade são restringidos em detrimento da técnica, produção e máquina. O manipulador, caracterizado pela consciência coisificada, sente prazer em manipular coisas e homens a fim de alcançar seus objetivos a qualquer custo mediante noções estereotipadas e rígidas, não se importando com os meios, apenas com os fins para atingir e satisfazer os próprios desejos.

Assim sendo, na era industrial, em que até mesmo a razão sofreu alterações e encontra-se instrumentalizada, servindo aos interesses próprios do manipulador para alcançar seus objetivos e desejos, nota-se que os conceitos e experiências de amor e de violência encontram-se nessa mesma lógica, pois, embora pareçam ser opostos, são relativizados e manipulados de acordo com os interesses individuais pautados na dominação e submissão do outro, a fim de alcançar os próprios desejos sem se importar com os meios para sua realização. Campeiz (2018) e Castro (2009) apontam que as situações de violência são racionalizadas e justificadas como expressões de cuidado e carinho:

Muitas formas de violências acabam sendo veladas, como por exemplo, a violência psicológica que, ao se disfarçar de cuidado, justifica a violência: “Mas ele não tá querendo controlar, ele está querendo prevenir a namorada dele de acontecer alguma coisa, pra evitar briga ou qualquer outra coisa” (P1/M-G1); “Às vezes é por causa do ciúme, é estranho um namorado estar com a namorada e não ter ciúme, aí insiste na senha, mas porque gosta né, porque gosta muito” (P4/H-G4). (CAMPEIZ, 2018, p.63-64)

Contudo a visão romântica do amor pode contribuir com relações asfixiantes entre adolescentes, o amor aparece como uma justificativa para o controle por parte do parceiro. Em situações mais graves o “amor” pode ser usado como estratégia para coagir a outra pessoa a fazer algo que ela realmente não queira, como ter relações sexuais. (CASTRO, 2009, p.70).

Assim, situações de violência são disfarçadas e justificadas perante argumentos subjetivos, que visam a manipulação, desviando expressões de violência, controle, ciúmes e coerções para cuidado, afetos e demonstração de amor, objetivando interesses e satisfação própria, independente do que o outro possa sentir, querer e almejar, o que está em jogo é o prazer em manipular para alcançar os próprios objetivos conforme o sistema vigente, que predomina a técnica, produção e frieza, limitando as experiências, sensibilidade e afetos.

Nessa perspectiva, a personagem Juliette do Marques de Sade, analisada por Adorno e Horkheimer (1985) é a personificação de um sujeito formado por esse sistema, sendo a própria representação da barbárie, “ela ama o sistema e a coerência, e maneja excelentemente o órgão do pensamento racional” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.81). A personagem simboliza a indiferença, frieza e apatia como autêntica forma de vida sob elementos da administração e manipulação. Sua crença encontra-se depositada apenas na ciência e na racionalidade, abominando tudo o que não possa ser calculado, planejado e controlado, em que Juliette disserta até mesmo sobre a autodisciplina de um criminoso que deve manter a calma e se livrar do remorso. Portanto, a dominação, opressão e a não demonstração de sentimentos, emoções e bondade, tornam-se virtudes. O prestígio encontra-se no fazer, na técnica e formalização da razão, que está de acordo com o processo industrial e a produção mecânica sob a dominação do poder econômico.

Do mesmo modo, as relações entre as pessoas assumem um caráter racional, calculador e indiferente, havendo uma grande cisão entre amor, ternura e atração física, sexualidade, em que, até mesmo as relações afetivas sofreram consequências de determinada divisão e foi atacado em seu núcleo. Desta forma, as relações com demonstração espontâneas de sentimentos dão lugar às relações frias, racionalizadas, visando a manipulação, em que a dominação e opressão tornam-se virtudes, qualidades e demonstração de afeto, conforme descrito por Campeiz (2018): “Saber onde o/a parceiro/a vai; autorizá-lo/a; mostrar-se obsessivo/a e agir sem pensar; obter a aceitação da pessoa amada; e firmar quem é o/a “dono/a” seriam demonstrações de amor, de provas de amor” (CAMPEIZ, 2018, p.66-67).

Situações de dominação e controle – como mostrar-se obsessivo e afirmar ser dono – passam a ser encaradas como demonstrações de amor, indicando uma inversão ou mesmo uma associação entre situações de violência, dominação e sofrimento, a situações de bondade, virtude e afeto, pois, na atual estrutura social, são disseminadas maneiras de ser e agir, sendo elas: a frieza, insensibilidade e indiferença, conduzindo as relações nessa direção.

Entretanto, diante dessa indiferenciação entre amor e violência, carinho e dor, advindos de uma mesma pessoa, a qual o adolescente tem um grande apreço, admiração e encontra-se enamorado, ele pode entrar num processo de adoecimento, devido a não limitação de situação, ações e expressões:

No presente estudo, a violência por parceiro na adolescência revelou-se como um potencial de desgaste à saúde dos adolescentes que vivenciam. Além das lesões e traumas, a violência por parceiro íntimo também pode determinar intenso sofrimento aos adolescentes uma vez que as diversas agressões perpetradas e sofridas nas relações de intimidade ocorrem em contexto nos quais eles também vivenciam prazer e amor, o que potencializa os sentimentos de decepção e desesperança e dificulta o desvencilhamento das relações violentas (THONGPRIWAN e MCELMURRY, 2009). (BRANCAGLIONI, 2016, p.91).

Expressões aparentemente opostas e incompatíveis: agressão e sofrimento versus prazer e amor, advindos de uma mesma fonte, de uma mesma pessoa, pode causar grande confusão, angústias e incertezas, principalmente quando a pessoa carrega fortes representações e idealizações. A indistinção e não limitação das manifestações de amor e violência impede o adolescente de ter clareza sobre sua relação, podendo levar à paralização e conformismo devido à confusão, acarretando a perpetuação da violência e um potencial de desgaste de sua saúde mental.

### **2.6.3. Normas de gênero**

Este item visa analisar as normas de gênero presentes nas relações afetivas entre os adolescentes, buscando discriminar os tipos de violências perpetradas, tanto pelos meninos, quanto pelas meninas, uma vez que as teses e dissertações analisadas apontam para uma bidirecionalidade da violência, em que meninos e meninas são perpetradores e vítimas. Entretanto, suscita a necessidade de diferenciar determinados atos agressivos para não correr o risco de igualar e banalizar os diferentes tipos de violência, sua frequência, motivação e consequência sobre os distintos sexos.

Gênero é o termo utilizado para caracterizar as relações sociais que foram produzidas e disseminadas sobre os sexos masculino e feminino e seus respectivos papéis a serem desempenhados. Contudo, tal investigação vai além de justificativas biológicas e individuais, pois compreende-se que determinadas imposições são históricas, sociais e culturais, que vão se modificando ao longo do tempo. Nesse sentido, as normas de gênero não são leis e regras explícitas, são práticas sociais implícitas que vão conduzindo, modelando e fixando maneiras de ser, pensar e agir sobre cada sexo, visando a normalização e um padrão comum (BUTLER, 2014).

Nas atuais sociedades administradas (MARCUSE, 1975), em que o processo de civilização trouxe grande repressão e controle sobre os impulsos sexuais, redirecionando-os para a produção econômica e a técnica, há uma liberação controlada das relações e

práticas sexuais, nas quais o confronto entre a sexualidade e civilização é controlado e administrado perante normas e costumes consideradas comuns e aceitáveis, que por sua vez são bombardeadas e disseminadas pelos meios de comunicação em massa. Assim, compreende-se que as normas de gênero são produzidas, administradas e controladas sobre a maneira em que cada sujeito deve se comportar e agir, influenciando diretamente os relacionamentos afetivos estabelecidos, pois determinada norma está pautado na desigualdade, opressão e dominação conforme o sistema vigente, que assim também age sobre seus indivíduos.

Portanto, perante a citada desigualdade, as relações humanas seguem essa lógica, perpetrando a ideia de que o sexo masculino é considerado forte, racional e provedor, enquanto o feminino é dependente, frágil e desprotegido, estabelecendo relações afetivas pautadas na opressão e dominação de um sexo sobre o outro. Nesse sentido, as relações afetivas entre os adolescentes também estão submersas nessa ordem, conforme aponta Oliveira (2014), em que, mesmo havendo um movimento de rompimento com as formas tradicionais e rígidas de se relacionarem, ainda assim seus relacionamentos são guiados pelas normas de gênero:

Há uma visão entre os profissionais entrevistados - tanto profissionais de saúde quanto educadores - de que nos relacionamentos afetivo-sexuais os adolescentes reproduzem normas tradicionais de gênero, ao mesmo tempo em que novas práticas de relacionar-se emergem, confrontando essas normas. Os relatos apontam para a coexistência de padrões de gênero sexistas, heteronormativos e de novas modalidades de vivenciar os afetos e a sexualidade. Se por um lado, reconhece-se que entre os adolescentes, há uma maior liberdade de vivenciar a sexualidade, de realizar experimentações, por outro, percebe-se certo tradicionalismo nas relações. Tais comportamentos afetivo-sexuais, baseados em normas rígidas de gênero, são percebidos também no ficar, que embora se defina como modalidade de relacionamento que expressa a possibilidade de experimentações, reproduz, mesmo que efemeramente, essas normas e valores morais sobre o feminino (OLIVEIRA, 2014, p.104).

Embora atualmente haja uma maior liberdade de se viver novas formas de relações e de expressão da sexualidade, essa liberação é controlada, conforme definida por Marcuse (1975), mediante as quais a sociedade administrada molda, dissemina e impõe normas a serem seguidas, assim, o adolescente encontra-se perante essa ambivalência (WALLON, 1979), ora experienciando relações pautadas no prazer imediato, ora experienciando relações pautadas no compromisso, dominação e controle com justificativas traçadas perante o sentimento do amor, prevalecendo normas rígidas e

tradicionais de gênero, uma vez que estão imersos nessa sociedade administrada, que visa o controle sobre seus indivíduos, inclusive sobre as maneiras de se comportar e relacionar.

Uma questão que se destacou nos trabalhos analisados, foi a bidirecionalidade da violência entre os adolescentes, em que a violência é sofrida e perpetrada por ambas as partes, tanto os meninos, quanto as meninas, conforme definido por Carvalhaes (2019):

Em suma, as histórias contadas pelas moças e pelos rapazes demonstram que ambos vivenciam e praticam uma série de violências nas relações afetivo-sexuais, sendo as interações afetivas uma rede atravessada de laços e nós, momentos prazerosos e incômodos e demarcados por desigualdade de gênero. (CARVALHAES, 2019, p.123).

Deste modo, analisar a violência nas relações afetivas é compreender que são compostas de tramas, ‘laços e nós’, momentos ‘prazerosos e incômodos’ pautados em contratos e regras permeadas pelas normas de gênero incorporados e aceitos por ambas as partes, em que meninos e meninas introjetam e reproduzem determinadas normas em seus relacionamentos, corroborando para que a desigualdade e a violência sejam manifestadas, embora cada um apresente dinâmicas, intensidade e objetivos diferentes. Portanto, torna-se imprescindível discriminar, de acordo com os trabalhos analisados, as normas de gênero presentes nos tipos de violência perpetrada e sofrida por meninos e meninas em seus relacionamentos afetivos. Embora se compreenda que a divisão dos tipos de violência não ocorra tão distintamente, pois físico e psíquico estão interligados, essa divisão é comumente utilizada tanto nos trabalhos analisados como na própria Lei Maria da Penha<sup>11</sup>, por exemplo.

Nessa perspectiva, a autora Oliveira (2014) aponta sobre a violência física perpetrada por ambos os sexos, mas distingue considerando a intensidade e a consequência para cada parte:

Embora percebidos como menos frequentes e como um recurso de defesa, a agressão das garotas contra seus parceiros é considerada banal por adolescentes de ambos os sexos, uma vez que não traz danos físicos graves. “A agressão de uma mulher para um homem é totalmente diferente (...) um tapa de uma mulher não dói! (Garota, GF misto)<sup>12</sup>. “Se uma mulher me dá um tapa, eu não vou fazer nada, porque se eu for dar nela, eu quebro ela no cacete. O que é uma mulher, por mais brava que ela seja? É uma pessoa sensível. Ela é feita de impulso, tem que saber levar.” (Garoto, GF Misto). (OLIVEIRA, 2014, p.67.)

---

<sup>11</sup> Lei nº 11.340, sancionada em 07 de agosto de 2006. É composta por 46 artigos, em que o Art. 7º define cinco tipos de violência contra a mulher: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. (BRASIL, 2006).

<sup>12</sup> De acordo com a autora, GF misto se refere ao grupo focal realizado com garotas e garotos.

A agressão feminina é desconsiderada por ser julgada como leve, banal, com o objetivo de se autodefender ou mesmo como expressão de sua sensibilidade. Enquanto a agressão masculina é vista como intensa, forte e mais grave “eu quebro ela no cacete”. Assim, mesmo diante de situações de violência física perpetradas por ambos os sexos, as normas de gênero estão presentes, colocando a menina num local de submissão, fragilidade e sensibilidade, enquanto o menino é o detentor do poder, da força e dominação.

Nessa perspectiva, as autoras Rezende (2017) e Oliveira (2014) apontam que a violência mais reconhecida como característica do sexo masculino é a física, enquanto a feminina é caracterizada pela psicológica, como as ameaças e a violência verbal:

Contudo, ainda nota-se a diferença de gravidade das agressões cometidas pelos dois sexos. Enquanto a violência masculina é objetivada em agressões físicas que deixam hematomas, a violência feminina é representada pela ameaça ao parceiro. Essa desvantagem possivelmente relaciona-se com o próprio processo de socialização, que oferece diferentes maneiras de comportamento para homens e mulheres. (REZENDE, 2017, p.113).

A agressão física aparece no discurso dos meninos como parte do ser homem: “... o homem é um pouquinho ignorante. A gente acha que é melhor do que as mulheres. Quer mostrar que tem mais força, que é superior a elas. E vai querer bater e não agredir verbalmente” (Garoto, EI)<sup>13</sup>. (OLIVEIRA, 2014, p.66).

A agressão física é considerada como uma forma de mostrar força e superioridade, vinculando-a, assim, ao sexo masculino como uma forma de demonstrar o seu poder perante a mulher, que por sua vez, sendo considerada frágil e sensível, é caracterizada por se utilizar mais comumente da violência psicológica. Deste modo, diante dos dados apontarem para bidirecionalidade da violência, é possível notar que suas expressões perpassam pelas normas de gênero e atuam de formas diferentes entre os meninos e as meninas, nas quais é disseminado a ideia de que o sexo masculino é o detentor da força e do poder, guiando os atos agressivos nesse sentido, enquanto ao sexo feminino, por ser reconhecido como frágil e submisso, as formas de violência são reconhecidas pelas agressões verbais e ameaças.

Mesmo quando o sexo masculino é atingido e encontra-se na posição de vítima, a forma como são afetados e como encaram determinada situação é diferente, quando comparado à menina que se encontra na posição de vítima, conforme detalhado por Castro (2009) e Melo (2018):

---

<sup>13</sup> De acordo com a autora, EI se refere a entrevista individual realizada, nesse caso, com um garoto.

Segundo os rapazes a possibilidade de o homem sofrer violência por parte de sua companheira é considerado algo ridículo, uma outra possibilidade é ele ignorar a violência cometida pela parceira. Como a mulher seria fisicamente mais fraca, seus atos de agressão não causariam dano significativo no homem, além disso os homens já se tratariam normalmente de forma violenta. (CASTRO, 2009, p.73)

Os indivíduos do sexo masculino, quando se encontram na posição de vítimas de agressões, por parte da companheira, não se sentem encorajados a assumirem que foram violentados por elas, para não ferir sua masculinidade, demonstrando que estão mais preocupados com a própria moral do que com os danos físicos e emocionais sofridos (KRUG et al., 2002; SEARS et al., 2006; CECCHETTO et al., 2016). (MELO, 2018, p.101).

Os atos agressivos das meninas sobre os meninos são desconsiderados e ignorados, bem como os meninos se veem como superiores a determinados atos, portanto, mesmo que em algumas situações eles sejam violentados, as consequências que sofrem são mínimas e consideradas ‘ridículas’, além de sua preocupação estar mais voltada sobre si, sua masculinidade e suas próprias convicções morais, pois, uma vez sendo reconhecido como dominador, rejeita e desconsidera situações que possam apresentar o contrário. Portanto, por mais que alguns meninos sejam vítimas, o efeito e consequência são totalmente diferentes dos atos cometidos contra as meninas.

Outro tipo de violência caracterizada como majoritariamente masculina, foi a violência sexual mediante insistência, chantagens e forçamento, conforme detalhado por Carvalhaes (2019):

Ingrid (19 anos, branca) relata que muitas vezes não queria ter relações sexuais com o parceiro e tentava resistir, mas diante à insistência e à mudança de humor do rapaz, por vezes, ela cedia a seus desejos para não chateá-lo “porque ele tá forçando e tal, aí começa a ficar bolado, não sei o que, e eu não gosto de ver ele assim. Aí acabo eu cedendo por causa disso”. Lidar com o descontentamento do parceiro pode trazer inseguranças e medos de término na relação, pois há uma crença de que o homem “não consegue controlar a vontade”, logo se ela não o satisfizesse seus desejos, ele poderia buscar outras mulheres. (CARVALHAES, 2019, p.109).

A ideia de que ‘o homem não consegue controlar sua vontade’ o coloca na posição de estar propenso a cometer esse tipo de violência, bem como de que a parceira tem o dever de satisfazê-lo a qualquer custo, seja por chantagem emocional mediante mudança de humor, insistência ou até mesmo forçar. É possível notar que determinada ideia de ‘não controle de sua vontade’ está tão disseminada, que a adolescente se sente na obrigação de agradar o parceiro para que ele não busque outras para o satisfazer devido ao não controle do homem de ‘suas vontades’, além de que, nos casos de violência sexual, geralmente há a culpabilização da mulher:

Os itens “os rapazes são violentos por natureza” e “os(as) namorados(as) provocam a violência devido à forma como se vestem” possuem evidente relação com construções de gênero que inocentam os homens e culpabilizam as mulheres pela violência sofrida. (BRANCAGLIONI, 2016, p.107).

Nota-se a ideia de que o sexo masculino é naturalmente propenso a cometer a violência sexual devido ao não controle de sua vontade, culpabilizando a forma como a mulher se veste, uma vez que estaria o provocando e despertando a sua ‘vontade incontrolável’. Assim, ao conceber a ideia de que o sexo masculino é naturalmente violento, há a culpabilização da mulher perante a ideia de que ela quem deveria pacificar a situação, ceder e compreender a ‘natureza’ de seu companheiro, demarcando fortemente os papéis de gênero a serem desenvolvido por cada um deles pautada na desigualdade e opressão.

Portanto, a bidirecionalidade da violência apontada nos trabalhos analisados é legítima, ambos os sexos perpetuam e sofrem a violência, porém cada um a seu modo, sobre diferentes motivações, intensidade e consequências, devido às normas de gênero presentes nessas relações. A violência física – mesmo que perpetrada por ambos os sexos – quando manifestada pelo sexo feminino, são desconsideradas devido às crenças de que o homem é o mais forte e dominante; a violência psicológica já é caracterizada pelo sexo feminino perante a crença de que a mulher é mais frágil e sensível, restando a ela as agressões verbais e ameaças; já a violência sexual é caracterizada por ser majoritariamente perpetrada pelo sexo masculino, devido a crença de que ‘não consegue controlar suas vontades’ e precisar satisfazer-se a qualquer custo. Deste modo, apesar da dita bidirecionalidade, é possível notar que devido às normas de gênero socialmente impostas, o sexo feminino é o que mais sofre os efeitos da violência:

Apesar dessas particularidades elencadas, que envolvem a bidirecionalidade da violência no namoro, enfatiza-se que as mulheres ainda são as maiores vítimas de violência de maior potencial agressivo, com maiores danos e sequelas, fruto de uma assimetria de relações de gênero e de processos históricos, culturais, políticos e ideológicos (NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011). (MELO, 2018, p.101).

Assim, embora a violência não seja perpetrada unicamente por homens, o sexo masculino tende a manifestar agressões mais graves e intensas quando comparado ao sexo feminino, que se utiliza de atos abusivos de menor intensidade. (REZENDE, 2017, p.136).

Diante de uma sociedade pautada na irracionalidade, manipulação e indistinção, que conduz os indivíduos à regressão, relações frias, calculistas e marcadas pela

dominação sobre o outro perante uma visão cindida e hierarquizada, predominando o poder de um sujeito considerado mais forte sobre o mais fraco, a mulher encontra-se no papel de inferior, submissa e alvo de ataque e fúria, em que o ódio e a agressividade, que se produzem e reproduzem nesta sociedade, estão em constante busca de atributos para serem descarregados. De acordo com Adorno e Horkheimer (1985), a mulher traz o estigma da fraqueza, do ser natural que precisa ser domado e controlado, bem como os indígenas, os judeus e outras minorias. Esses, ao lembrarem os homens da fragilidade, causam-lhe raiva e repulsa, em que a violência pode ser utilizada com finalidade a reafirmar a hierarquia social, a oprimir e dominar o outro considerado ainda frágil e não civilizado. A perseguição aos grupos minoritários, está intimamente ligada ao sistema vigente, que valida escapes socialmente aceitos para a descarga da fúria sobre aqueles considerados frágeis e desamparados.

A mulher, enquanto carrega a marca da fragilidade, é considerada passível de dominação, controle e violência. A fragilidade lembra ao homem, considerado forte e dominador, sua própria fraqueza e insegurança, coisas que despertam fúria e ódio, além do desejo de reafirmar sua posição de poder e dominação sobre a mulher que ainda se encontra imatura e não civilizada, de acordo com a sua percepção. Os conteúdos que os sujeitos não percebem como seu, apesar de pertencerem a ele, são projetados num outro, que será alvo de seu ódio e justificativa para possíveis ataques agressivos em legítima defesa, uma vez que determinados conteúdos lhe são ameaçadores.

O mecanismo de projeção está automatizado nos indivíduos e precisam desenvolver um controle perante isso, aprendendo a distinguir o que é seu e o que é do outro, o que é interno e o que é externo. Porém, o que ocorre nesse sistema, que impede determinada diferenciação, é a ausência de reflexão, pois, ao não conseguir refletir sobre o objeto que recebeu, também não consegue refletir sobre si nem se diferenciar, ocorrendo, então, uma cisão e indiferenciação.

Perante a não reflexão e impedimento da experiência com o outro, o indivíduo fica susceptível às manipulações e disseminação de ideias de acordo com os interesses do sistema vigente, em que uma das formas de propagar os produtos culturais são os estereótipos com definições claras, precisas e rígidas, que apoiadas em situações anteriores são apenas repetidas de maneira fixa e mecânica, enquanto a dúvida, reflexão e experiência são eliminadas a serviço da adaptação e dominação mediante enrijecimento dos conceitos e de seus objetos, a fim de serem inculcadas no sujeito e apenas repetidas. Os sujeitos não precisam mais refletir sobre suas decisões, sobre si, sobre o outro e suas

relações, pois já são pré-estabelecidas e disseminadas pela cultura de massas, nas quais, em contrapartida, os sujeitos deixam-se modelar, uma vez que sua autonomia foi retirada e se encontram perdidos, em busca de definições e de um modelo a qual seguir sem que haja esforço de sua parte.

Assim, as relações também são modeladas por estereótipos precisos e rígidos com o intuito de que sejam apenas seguidos e repetidos, perpetuando a lógica de manipulação do sistema vigente. Rezende (2017) aponta os estereótipos de gênero que são propensos a violência do homem sobre a mulher perante a ideia cindida e hierarquizada:

Inclusive, é devido aos padrões estereotipados de gênero e ao patriarcado, que muitas situações de violência acontecem nas relações amorosas, sendo justificadas pelo fato dos homens serem vistos, quase sempre, como aqueles que dão a última palavra no relacionamento, pois são considerados mais fortes, racionais e provedores. Já a representação da mulher ancorada no casamento e na maternidade, contribui para que ela continue a ser percebida como alguém que é dependente, amável e desprotegida, e que necessita do homem para sobreviver, sentir-se feliz e realizada. (REZENDE, 2017, p.149).

Nessa perspectiva, ao serem produzidas maneiras estereotipadas, normativas e estigmatizadoras sobre como ser e se relacionar pautados em noções rígidas, fixas e mecânicas, os indivíduos, impedidos de reflexão e experiência, são modelados e conduzidos sobre esses imperativos propensos à dominação e opressão do considerado mais forte, o homem, sobre a mais frágil, a mulher, conduzindo a relações violentas, permeadas por estereótipos, normas e regras que enrijecem o ser humano, seu pensamento e suas relações. Frente isso, a autora Scott (1995) ressalta a importância de se analisar o gênero mediante concepção histórica e social, compreendendo os símbolos culturalmente disseminados sobre os sexos, as imposições e influências expressas pelas doutrinas políticas, econômicas e educacionais, bem como as formações das identidades subjetivas decorrente disso. Pois, caso contrário, a constituição do gênero e sua atuação nas relações afetivas, tendem a visões individuais, naturalizadas e cindidas.

#### **2.6.4. Ciúme e controle**

Neste item será discutida a característica das relações violentas entre os adolescentes que se destacou nas teses e dissertações: o ciúme e o controle sobre o outro. Nesse sentido, faz-se pertinente compreender determinados conceitos.

O ciúme romântico, caracterizado como aquele que ocorre dentro das relações afetivas, possui ambiguidades e pode ser considerado como normal e inerente às relações, bem como prejudicial e negativo. Almeida, Rodrigues e Silva (2008) dissertam sobre essas percepções, apontando que para muitos autores o ciúme é conceituado como comum e constituinte da natureza humana, em que todas as pessoas cultivam certo grau de ciúme sobre a pessoa amada, sendo, portanto, visto como uma manifestação de amor. Nessa perspectiva, o ciúme surgiria quando determinado amor se vê ameaçado pela interferência de um rival, real ou imaginário, despertando o medo de ser abandonado, rejeitado e de não ser mais amado. Entretanto, há uma outra direção, que aponta para um ciúme considerado patológico, excessivo e doentio, expresso por “um grande desejo de controle total sobre os sentimentos e comportamentos do companheiro” (ALMEIDA, RODRIGUES, SILVA, 2008, p.86), fazendo emergir exacerbadas emoções, reações e atitudes sobre o parceiro a fim de alcançar seus próprios desejos. Nessas relações, os parceiros são tratados como objetos, uma vez que são desconsiderados como sujeitos autônomos para serem controlados e modelados de acordo com o que o outro deseja e espera. Nessa perspectiva, o ciúme é considerado egoísta à medida que leva o outro a satisfazer seus próprios desejos e a preservar a si mesmo de futuras frustrações, como o abandono e a rejeição.

Diante do exposto, nas teses e dissertações analisadas, pôde-se observar que as relações afetivas são permeadas pelo ciúme em sua característica destrutiva, que visa o controle sobre o parceiro, nas quais os termos “ciúmes” e “controle” se destacaram, algumas vezes relacionados entre si. Portanto, neste item, será analisado o ciúme que almeja a anulação do outro e a preservação de si próprio, desencadeando relações pautadas na desigualdade e dominação, conforme característica no sistema vigente, que tem suas bases calcadas na repressão e controle. Dessa forma, também se desvencilha da ideia de que o ciúme é um sentimento natural e comum, mas que é formado e modelado na relação indivíduo e sociedade.

O processo da civilização, de acordo com Freud (2014), trouxe severas restrições aos instintos dos indivíduos, acarretando grande mal-estar por serem constantemente reprimidos, além de não cumprir a promessa de que a civilização traria felicidade, mas ao contrário, trouxe ainda mais repressão e controle. Na atual sociedade industrial administrada (MARCUSE, 1975), a autoridade é estabelecida coletivamente, mediante técnicas e informações divulgadas em larga escala a fim de manipular as massas de acordo com os próprios interesses, bem como mediante instituições que atuam na repressão e

controle dos indivíduos, auxiliando a redirecionar a energia instintual para a perpetuação da família, o controle sobre a vida particular dos sujeitos e a divisão do trabalho, sobressaindo, assim, o trabalho penoso, nas quais a mente e o corpo são instrumentos da labuta com o objetivo de corresponder aos interesses da dominação e exploração econômica. Deste modo, o próprio processo da civilização tem suas bases na repressão, dominação e controle, modificando os homens psicologicamente, nas quais são instruídos a agirem da mesma forma consigo mesmo e com os outros.

Diante do exposto, compreendendo que os sujeitos são constituídos em conexão com o processo de civilização, a pesquisadora Carvalhaes (2019) aponta como o controle e o ciúme se apresentam nas relações entre os adolescentes:

Ingrid e Gustavo se relacionavam há quase 1 ano e, embora ambos fossem ciumentos, ela dizia que ele era pior por ser muito possessivo e desconfiado. Gustavo implicava com o tempo de demora nas respostas das mensagens, quando a menina não atendia suas ligações, verificava o celular e mensagens de Ingrid no WhatsApp e redes sociais, não gostava que ela saísse para festas e que andasse com os amigos e com as amigas. As cismas do rapaz fizeram com que Ingrid apagasse vários contatos do celular, evitasse conversar no WhatsApp e sair de casa para passeios e festas. Essas situações a deixavam estressada, com raiva, faziam-na chorar e discutir com Gustavo, que tendia a ficar mais irritado e “extrapolava”. (CARVALHAES, 2019, p.103)

A presença de ciúmes e controle nas relações afetivas entre os adolescentes é intensa e marcante. Embora possa estar presente em ambos os envolvidos, ela recai sobretudo sobre o sexo feminino, uma vez que é considerado passível e ainda não civilizado. Os comportamentos controladores perpassam por várias áreas da vida, desde o tempo de respostas das mensagens até com quem falar e onde ir, conforme citado pela pesquisadora no caso da Ingrid e do Gustavo, no qual ele tentava controlar o tempo de resposta das mensagens, o celular e suas funções de WhatsApp, redes sociais e contato com os amigos, o local onde iria, além de, quando era questionado, ele ficava irritado e “extrapolava”, dando a impressão que os ataques ultrapassam o controle para outras formas de violência quando o outro reage e foge, real ou supostamente, do comando.

Nota-se que, diante do constante controle sofrido, a adolescente Ingrid foi privada e isolada de algumas situações como passeios, festas e contato com alguns amigos. Nesse sentido, Bittar (2015) descreve sobre o isolamento social que determinadas relações podem causar sobre o parceiro que se encontra vulnerável aos controles do outro:

No segundo núcleo de sentido, isolamento social – “se você não pode o outro também não pode” - os significados presentes nas relações de namoro dos adolescentes são marcados pelo controle recíproco da vida do(a) parceiro(a), no sentido de desejar saber tudo o que ocorre em seu cotidiano e de se afastar de seus círculos sociais devido ao namoro e ao ciúme que ronda a relação permanentemente, como vemos pelas falas seguintes: “O que eu prezo é contar. Porque eu conto tudo pra ela, então eu quero tudo dela pra mim. Então, vamos supor, se ela conta por cima e eu pergunto por que ela não contou tudo pra mim, ela responde: Porque não, eu achei que você ia ficar bravo. Se eu falo que estou conversando com umas meninas lá na escola, ela já vira o capeta! Eu só posso ter amigo homem” (13 masculino – Grupo focal 1); “Eu acho que as amizades também levam a discussões no namoro. Porque o seu namorado não quer que você tenha amizade masculina, e a gente não quer que eles tenham feminina. Se você não pode o outro também não pode (...), a gente acaba que corta um pouco a amizade. Se quiser ter amizade, vamos sair entre casais...” (15 feminino – Grupo focal 1); “Eu só dava atenção pra minha namorada e estava esquecendo os amigos. Saía só com ela, não saía com os amigos, aí chegou um ponto que não dava mais. Estava esquecendo os amigos” (17 masculino – Grupo focal 2); “Eu e meu namorado, a gente estuda junto, final de semana a gente fica junto, a gente come junto, tudo junto! O certo é final de semana ficar junto. Se não, não tem respeito se você sair...” (18 feminino – Grupo focal 2). (BITTAR, 2015, p.79).

Os relatos destacados pela pesquisadora vão demonstrando como o controle e o ciúme privam e restringem a vida do parceiro, na qual tudo precisa ser relatado e supervisionado, como com quem o parceiro pode conversar e, inclusive, o sexo da pessoa que o outro tem amizade, a não ser que sejam amizades entre casais, pois, nesse caso, pode transmitir uma sensação de segurança, real ou supostamente, de não ser ameaçado por um terceiro que se interesse pela pessoa amada. As regras de controle e privação vão modelando as relações, nas quais as amizades e contatos precisam estar sobre a aprovação do parceiro e caso não seja aprovado, a convivência se restringe aos dois, em que fazem ‘tudo junto’, um sobre a supervisão do outro, bem como um sendo a extensão do outro “se você não pode, o outro também não pode”. Assim, nota-se que as relações vão se fechando e limitando apenas aos enamorados, privando e isolando de contatos, amizades, lugares e qualquer atividade externa que escape ao olhar e controle do outro, visando restringir e modelar o comportamento alheio de acordo com os próprios desejos, princípios e interesses.

Com o advento da internet e das redes sociais, o controle perante esse ambiente teve grande destaque nos trabalhos analisados, uma vez que é considerado um espaço da atualidade que possibilita formas de contato com grande número de pessoas que não apenas os enamorados e pode fugir ao controle um do outro, conforme aponta Campeiz (2018):

Por meio das redes sociais, a violência se manifestou através da insistência do/a parceiro/a em querer os acessos ao celular e às redes sociais digitais do outro, e obter a senha dos mesmos, ocasionando manipulação e controle sobre a outra pessoa, ou seja, a ausência da privacidade de uma das partes. “Quando fica insistindo muito é tipo violência né, por causa da senha... tem gente que quebra até celular por causa do Facebook e mensagem de WhatsApp... Ai eu acho violência, você está tirando espaço da pessoa e tirando a privacidade dela.” (E5/M); “O que gera violência é o ciúme por causa de celular, whatsapp, facebook e internet... todos os tipos de redes sociais que existe na vida, porque sempre tem coisa que um ou outro não gosta, ou que alguém faz, ai quer “ficar” controlando o celular do outro, olhando senha e o que faz” (P5/H-G4); “Meu ex era de outra cidade. Ele chegava a ligar pra minha mãe meia-noite, pra perguntar por que eu não estava respondendo mais ele. Ele não confiava e desgastava muito. Nossa, ele era muito doido, acho que possessivo. A gente se via de final de semana, a primeira coisa que ele fazia quando ia lá em casa, era pedir pra ver meu celular. E isso pra mim é a pior coisa num relacionamento” (P5/M-G1). (CAMPEIZ, 2018, p.71-72).

Os adolescentes relataram sobre a falta de privacidade e confiança em relação ao parceiro expresso pela insistência de ter que passar a sua senha comumente considerada como pessoal e particular, bem como ser monitorado perante as atividades que realizam nesse espaço. De acordo com determinados discursos apontados pela pesquisadora, o uso do celular e das redes sociais despertam ciúmes, desencadeando possíveis manifestações de violência ou até mesmo a destruição do próprio celular. O ciúme pode ser despertado devido às situações que o outro ‘não gostou’, que lhe despertou insegurança, desconfiança e medo de perder seu objeto amado e admirado, demonstrando uma confusão e indistinção entre si, seus desejos e medos e o outro como diferente de si, que tem sua própria autonomia e desejos.

Diante dessa indiferenciação entre o eu e o outro, Wallon (1979) relata que o ciúme se apresenta perante esse estado mal diferenciado e de não delimitação entre o eu e o outro, bem como uma alienação de si mesmo diante do desejo de substituir o rival, “é a impossibilidade de atribuir a outrem o que pertencem a outrem e a si mesmo o que pertence a si.” (WALLON, 1979, p.207). Embora determinada descrição diga respeito à criança, seu processo de desenvolvimento não é linear, mas permeadas por avanços e recuos, momentos de introspecção e extroversão, que vão se atualizando e reelaborando ao longo de seu processo rumo à autonomia. Nesse sentido, se o ciúme é caracterizado pela não diferenciação, sua elaboração poderá ocorrer conforme for possível maior discriminação entre o eu e o outro, o ambiente interno e o externo, mediante novas experiências e ampliação de relações estabelecidas com o meio.

Entretanto, perante uma sociedade altamente administrada, fechada e tecnicista, que ataca constantemente o ego dos indivíduos que nela vivem, levando-os à regressão e

indiferenciação entre o interno e o ambiente externo, uma vez que, desta maneira o sujeito é facilmente manipulado e regido, o processo de desenvolvimento em direção à autonomia e individuação fica fragilizado. Conforme apontado por Crochik (1999), atualmente a personalidade encontra-se com tendências narcisistas devido ao enfraquecimento e indiferenciação do eu. A estrutura vigente atua sobre os sujeitos nela presentes, instrui e forma suas personalidades de acordo com os seus interesses de autoconservação mediante técnicas de padronização e manipulação das massas que visam a conformação e adaptação, assim, determinada estrutura regride, enfraquece e controla os sujeitos nela presentes, que, por sua vez, agem igualmente com os outros devido à sua frágil organização interna e indiferenciação quanto ao externo.

Nesse sentido, as relações afetivas entre os adolescentes igualmente apresentam traços de tendência narcisista (ERIKSON, 1975), em que a fragilidade do eu, ainda em formação e sob constantes ataques sociais, leva a um relacionamento pautado na fusão e indiferenciação entre o eu e o outro, no qual o sujeito amado está suscetível aos controles do parceiro, visando a satisfação dos próprios desejos e anulando a existência de um sujeito que diferencie de si. Portanto, determinadas relações são pautadas no controle do tempo, das amizades, da roupa, do celular, de onde ir, com quem conversar e das redes sociais, objetivando realização própria e afastamento de situações que lhe causem angústia, insegurança e medo de ser abandonado, em que, caso se aproxime de determinadas situações, a ânsia por controle e retomada de posição será ainda mais intensificada, podendo chegar a casos de violência mais graves, conforme apontado por Campeiz (2018):

O sentimento de medo citado pelos adolescentes foi sempre referente ao rompimento, focado na situação e no medo da perda do/a parceiro/a e não na violência sofrida pela outra pessoa. Ou seja, os adolescentes apenas se concentram na dor e no sofrimento de não terem a pessoa amada por perto, explicitando assim uma forte dependência emocional. Em outros relatos, o sentimento de medo também surgiu quando o/a autor/a da violência, ao perceber que estava em risco o seu controle sobre a vida do outro, acabou agindo com mais violência ainda. Desse modo, muitos adolescentes que vivenciaram a violência permaneceram no relacionamento íntimo por medo da reação do/a parceiro/a caso decidissem pelo rompimento. (CAMPEIZ, 2018, p.82).

A fragilidade do sujeito, bem como a necessidade de um outro para satisfazer-se, pode levá-lo a uma dependência emocional do parceiro, devido ao medo de ser abandonado. Destarte, perante essa possibilidade, os ataques de controle e ciúme podem

ser intensificados, fazendo com que em muitos casos o parceiro permaneça na relação devido à reação do controlador.

Portanto, o ciúme e o controle, como características fortemente presentes nas relações afetivas entre os adolescentes, têm suas bases na estrutura da sociedade vigente, que os regride e enfraquece seus egos, instruindo suas personalidades e levando-os a relações pautadas no controle e ciúme ao mesmo tempo em que se encontram fortemente apaixonados e dispostos a sacrificarem-se pela pessoa desejada. Conforme definido por Wallon: “O que é o amor? É o desejo de posse, o desejo de ter para si, de absorver em si o ser amado. É ao mesmo tempo o desejo de se sacrificar totalmente a ele.” (WALLON, 1979, p.215).

### **2.6.5. Ambiente escolar: adaptação e resistência**

Esta categoria visa discutir a contradição escolar apontada nos trabalhos analisados. Se por um lado a escola é caracterizada como um local de adaptação, por outro é mencionada como um local de resistência. Embora seja mencionada uma resistência almejada e não necessariamente objetivada, compreende-se que vale destacar, uma vez que as pesquisas trouxeram à tona determinado aspecto.

Os dados obtidos apontaram para as duas direções, as quais, em relação à escola como espaço de adaptação se destacou os termos: reprodução da lógica normativa e padronizada; regras e rigidez, fiscalização, vigilância, controle e silenciamento (CARVALHAES, 2019); naturalização e legitimação da violência (BRANCAGLIONI, 2016); (violência no namoro) pouco percebida e debatida (CASTRO, 2009). Já em relação à escola como espaço de resistência, os termos que se destacaram foram: desnaturalização, prevenção, orientação, acolhimento e abertura ao diálogo, sensibilização, reflexão, intervenção (OLIVEIRA, 2014); prevenção, conscientização, reflexão, questionamento (REZENDE, 2017); desnaturalização e desconstrução (BITTAR, 2015).

Adorno (1995) já descrevera sobre a ambiguidade da escola, apontando que a instituição seria impotente e ideológica se descartasse a finalidade de adaptação e orientação dos sujeitos, porém, por outro lado, ela também seria ineficiente se ficasse presa nisso e não propusesse a reflexão, crítica e experiência, a fim de resistir às pressões e imposições sociais. Saber equilibrar e adequar essas duas funções é um grande desafio

a ser encarado, uma vez que a escola deve conduzir o indivíduo de modo que suas qualidades pessoais não sejam perdidas e invalidadas, tendendo apenas a uniformização, conformismo e repressão a fim de regredir, modelar e adaptar.

Portanto, analisar a violência nas relações afetivas em ambiente escolar, requer compreender as contradições e ambiguidades dessa instituição, conforme apontado nos trabalhos analisados, que ora se propõe a reprimir, legitimar e silenciar as situações de violência, ora indicam que a instituição é um local propício para a reflexão, conscientização e desnaturalização da violência entre os parceiros.

A violência na escola está intimamente ligada às imposições dos modelos hierarquizados de opressão e dominação da estrutura social, em que as situações de conflito que existem dentro dos muros da instituição não se restringem a este espaço, mas são determinados e influenciados pelo ambiente externo. Assim, a violência em ambiente escolar é um fenômeno social, que está incluído numa estrutura social específica, objetiva e administrada, que delinea e conduz tudo o que nela estiver contida.

Nesse sentido, a violência nas relações afetivas entre adolescentes não tem sua origem dentro da escola, mas nela está presente à medida que reproduz a desigualdade, dominação e opressão mediante regras rígidas e lógica normativa, que apaga a diversidade com o intuito de controlar e vigiar, conforme descrito por Carvalhaes (2019):

As regras e a rigidez se apresentam de forma homogênea e normatizadora, com isso “acaba promovendo o apagamento sistemático da espessura e da textura das vidas nas escolas” (RANNIERY, 2017, p. 216), desconsiderando as pluralidades e heterogeneidades sejam elas de gênero, classe, raça, culturas regionais ou etnia. Alguns estudantes não aceitam de forma passiva a imposição de regras, subvertem-nas, assim estabelecendo um jogo de força com a escola, esta por sua vez tende a enrijecer a disciplina exigida e a cobrar que seus funcionários exerçam uma maior vigilância (CARVALHAES, 2019, p.74).

A escola pode promover o apagamento das individualidades visando a uniformização, mesmo quando alguns estudantes tentam subverter a lógica ali vigente, as regras tendem a enrijecer ainda mais com o objetivo de padronizar e normatizar os sujeitos, que são obrigados a renunciar a si próprios e passar a seguir e agir de acordo com o coletivo. Os constantes ataques e o enrijecimento das disciplinas perante os movimentos de subversão vão enfraquecendo os sujeitos, tornando-os mais propensos a aceitarem as regras do jogo e a conformarem-se com o sistema. A escola, ao adotar uma postura autoritária, normativa, controladora e apenas adaptativa, corrobora com a regressão e enfraquecimento do ego, tornando-os mais susceptíveis à manipulação e

normas externas. Assim, quando a escola adota uma postura apenas adaptativa, impedindo a crítica e reflexão, se presta a uma pseudoformação (ADORNO, 1996).

Dentre as muitas regras presentes na escola, uma delas é a proibição das manifestações de relações afetivas entre seus alunos:

“Nossa, foi por pouco que não fui eu, um pouco antes eu estava com a minha namorada” (menina, 14 anos). Dizeres como esse eram repetidamente pronunciados no cotidiano escolar, ser flagrado era uma ameaça constante às parceiras, bastava andar de mãos dadas, se beijar ou dar uns “amassos” em algum canto escondido, o risco de serem levados à diretoria era iminente, afinal a regra era clara e de conhecimentos de todas e todos ‘não pode namorar na escola’ (CARVALHAES, 2019, p.73-74)

Qualquer demonstração de afeto entre os adolescentes era motivo de repreensão e de serem levados à diretoria, desde andar de mão dadas até dar uns ‘amassos’, uma vez que a regra era clara e de conhecimento de todos “não pode namorar na escola”. Mediante essa fala destacada, a autora aponta que “se o namoro entre casais heterossexuais era fiscalizado na instituição, as relações homossexuais possuíam uma maior vigilância e controle.” (CARVALHAES, 2019, p 76), pois, dado que a escola reproduz a lógica normatizadora de gênero e sexualidade, as manifestações homossexuais são ainda mais reprimidas e alvo de retaliação.

Nesse sentido, perante as proibições e regras das manifestações de afeto, Carvalhaes (2019) também aponta que perante as relações heterossexuais, as mulheres são alvo de ataques mais intensos:

No ambiente escolar, os discursos morais também transcendiam nas falas das funcionárias e do funcionário da portaria, no entanto, as moralidades apareciam apenas em torno do feminino, os rapazes não eram mencionados nas críticas: “eles vivem se agarrando por aí, as aulas dessas meninas acabam e, ao invés de irem embora, ficam aí na pouca vergonha, é cada coisa que a gente vê.” Como apontado no início do capítulo, o funcionário, além de demonstrar atitudes de controle sobre a circulação pelo espaço, tinha fala mais expressivas quanto aos valores morais do que as funcionárias: “acaba a aula dessas meninas, ao invés de irem pra casa fazer alguma coisa útil, lavar a louça, arrumar uma casa, ficam de agarrão com meninos”, “essas meninas é igual manga na mão, quando você vai comprar, é um aperta aqui, aperta ali, de mão em mão, ai quando casa já não tem mais gosto, não tem mais graça”. Essas falas, além do sexismo, reforçam as condutas esperadas das meninas, como aquelas associadas às responsabilidades pelos afazeres domésticos e a necessidade de se preservarem diante das experiências afetivo-sexuais (CARVALHAES, 2019, p.73).

Mediante a lógica da dominação, a mulher, considerada a mais frágil, é alvo de controle e opressão também dentro da escola, uma vez que a instituição reproduz o

ambiente externo. É possível notar forte controle sobre a sexualidade das estudantes que são como “manga na mão, que perde o gosto” reproduzindo a ideia de que devem ser submissas, não demonstrar nem exercer sua sexualidade, pois este é considerado o papel do homem, bem como delimitando seu espaço aos afazeres domésticos “lavar louça, limpar a casa”. Essa divisão e binarismo reproduzido entre o feminino ser caracterizado pela submissão, passividade perante o exercício da sua sexualidade e delimitando seu espaço aos afazeres doméstico, enquanto o masculino pelo poder, ativo em sua sexualidade e aberto ao espaço externo, leva à desigualdade e dominação de um sexo sobre o outro. Entretanto, a escola como um espaço formativo acaba por reproduzir e modelar os sujeitos nela presente nessa direção.

Assim, visto que quando a escola retrata esse modelo, ela age a favor da dominação e opressão, se silenciando diante dos casos de violência, conforme definido por Carvalhaes (2019):

A escola representa um local de controle, de moralidades e julgamentos da sexualidade dos adolescentes, sendo assim, é um local onde as histórias de violência são mantidas em silêncio. A escola pesquisada é desacreditada como possibilidade de auxílio na resolutividade de conflitos e violências vividos pelos adolescentes – como exemplo, retomo a violência vividas por Lígia, na unidade, em decorrência de sua orientação sexual. A maneira de lidar e de controlar as interações afetivo-sexuais na unidade exerce influência para a percepção desta como parceira ou não, mediante a busca de auxílio das violências vividas (CARVALHAES, 2019, p.116).

O caso Lígia, mencionado pela pesquisara, se refere a uma menina homossexual, que ao assumir sua sexualidade na escola, sofreu uma série de preconceitos e violências, como não tocar nem a abraçá-la por ‘nojo’, ser alvo de insultos, provocações, relatando que jogaram pedras nela e sua parceira, além de agressões físicas. Entretanto, a escola não se posicionou, nem demonstrou apoio a aluna, se apresentando como um local que silencia, nega e ignora as manifestações de preconceito e violência. A pesquisadora relata que foi convidada pela direção para fazer uma palestra sobre “disciplina e respeito” com o objetivo de reforçar o controle e repressão das manifestações de afeto dentro da instituição.

Portanto, a aceitação e a passividade com a violência fazem com que os sujeitos sejam conduzidos à conformação e apatia com a violência sofrida e praticada contra o outro, conforme descrito pela pesquisadora, a maneira com que a escola age, influi a percepção dos alunos. A tolerância passiva (MARCUSE, 2007) com a violência perante a indiferença, omissão, silenciamento ou até mesmo o consentimento, funciona como

aliada à sua perpetuação, legitimando os atos e influenciando a percepção dos alunos. Somente uma educação baseada na intolerância à violência pode conduzir a escola a capacitar seus alunos para resistir aos mecanismos de dominação e opressão, não permitindo a indiferença e apatia diante da violação do outro.

Nessa perspectiva, os professores que estão na linha de frente e tem contato direto com os adolescentes todos os dias, também se encontram submersos nos mecanismos de controle e repressão e se sentem “aleijados” e “acuados” ao trazer à tona determinados assuntos e debates, conforme aponta Oliveira (2014):

Uma falta de diálogo generalizada, em que professores, diretores, famílias e alunos não conseguem estabelecer relações mais solidárias, no sentido de construir saídas mais saudáveis para as dificuldades em comum que enfrentam. “Eu acho que não é bem a escola, é o sistema, é o contexto. Nós enquanto professores, a gente tem discutido isso, nós nos sentimos aleijados em função disso. Nós não temos muito o que fazer” (GF Educadores, Cuiabá, Pública). “[...] os professores que estão na frente de batalha, no dia a dia, a gente não tem ninguém por nós. Ninguém. As direções estão omissas... As direções estão em sua maioria com medo, recuadas, aconselhando o professor a não estabelecer nenhum conflito pra não ter problema com a comunidade, porque a comunidade tem nota boa... a gente tá acuado” (GF Educadores, Recife, Pública). (OLIVEIRA, 2014, p.114).

Perante os apontamentos da autora, é possível observar a trama de controle e repressão presente na instituição, em que a direção da escola é “omissa”, entretanto, também são pressionados pelos familiares e pela própria comunidade a “não estabelecer nenhum conflito”, como trazer à tona discursos e reflexões consideradas polêmicas, deste modo, por sua vez, também reprimem os professores, que se sentem “aleijados” e “acuados”. Assim, se forma uma trama, que não se restringe apenas aos professores ou à própria direção, mas que está envolta a um conjunto de situações e pessoas, que são regidos e modelados pelo aparato do sistema vigente, pautados pelo controle, dominação e opressão.

Diante do exposto, por outro lado, refletir, compreender e criticar determinadas forma de controle em suas contradições e omissões, pode ser uma forma de resistência. Marcuse (2007) destaca uma educação que ensine o indivíduo a pensar na direção oposta, que se incline contra o esvaziamento da mente para a manipulação e indução de práticas desumanas.

Pois se a “educação” é mais e diferente do que instruir, aprender, preparar para a sociedade existente, significa não só permitir o ser humano conhecer e entender os fatos que compõem a realidade, mas também conhecer e entender os fatores que estabelecem os fatos de tal forma que ele pode mudar a sua realidade desumana (MARCUSE, 2007, p.57).

Deste modo, é preciso ter uma tolerância diferenciada, que discrimine e se oponha com palavras e ações às situações de opressão, agressão e destrutividade dos mais fracos. Trata-se, portanto, de uma luta contra a tolerância que favorece a desigualdade e discriminação, em que a escola como um espaço de formação e socialização, é considerada um importante local para que esse processo ocorra. Embora, como descrito, a escola reproduza o modelo vigente, ela também é apontada como um local propício para o questionamento, reflexão, crítica e experiência com o outro diferente de si e de seu ambiente familiar.

Nesse sentido, Melo (2018) aponta que a inclusão no currículo escolar de programas que discutissem a violência das relações afetivas seria importante para a prevenção de determinados comportamentos:

Diferentes formas de intervenção podem ser utilizadas no sentido de prevenção da violência nas relações de intimidade. A inclusão no currículo das escolas de programas de prevenção da violência favorece o impacto no conhecimento e conseqüentemente na procura de ajuda pelos adolescentes e jovens, contribuindo para a intervenção precoce na diminuição das condutas violentas (SILVA; METTRAU, 2010; MURTA et al, 2013b). Nesse contexto, a escola apresenta-se como um espaço importante na socialização desses grupos, assim como um local privilegiado para o aparecimento e necessária sinalização de comportamentos violentos (MELO, 2018, p.34).

Conforme apontado pela pesquisadora, a escola como um local de socialização, é um espaço privilegiado para se captar a sinalização de comportamentos violentos e, assim, contribuir com intervenção, incluindo no próprio currículo atividades que se disponham à conscientização e reconhecimento das violências vividas nos relacionamentos, bem como ajudá-los na reflexão e questionamento do sistema vigente, que modelam as relações com base na opressão e agressão, conforme aponta Rezende (2017):

Assim, considerando que muitos/as jovens têm dificuldade de perceber situações de violência em seus relacionamentos, faz-se importante o desenvolvimento de trabalhos de prevenção e conscientização voltados a esse público (GUERREIRO et al, 2015; NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011). Esses trabalhos poderão auxiliá-los a dispor de recursos para o reconhecimento da violência nas relações íntimas, como também poderão ajudá-los na reflexão e questionamento de ideologias enraizadas no imaginário social, que tendem a justificar a agressão (REZENDE, 2017, p.134).

Deste modo, a educação precisa voltar-se contra a regressão, a coisificação e dominação, promovendo a conscientização e reflexão, conforme aponta Adorno (1995):

“É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica.” (ADORNO, 1995, p.121). Somente perante a percepção dos reais interesses e manipulações presentes na sociedade, como também suas influências sobre as maneiras de se comportar e relacionar, é possível conscientizar e prevenir os adolescentes de apenas seguirem as massas, reproduzirem as imposições e não reconhecerem as próprias situações violentas em que vivem.

Nessa perspectiva, o papel do professor se destaca como uma importante agente escolar para se ter acesso aos adolescentes, acolher suas demandas e ajudar em seu enfrentamento:

Foram relatados diversos casos isolados de professores mais afetuosos, mais abertos ao diálogo, e que oferecem uma escuta aberta aos adolescentes, permitindo que esses os procurem em casos de dificuldades, inclusive em suas relações afetivo-sexuais. Esse acolhimento e abertura para o diálogo é o que consideram como campo de possibilidades para o enfrentamento, não só da violência no namoro, mas também de outros problemas que possam estar afetando seus alunos. “[...] nós temos uma professora... que ela é espetacular pra ouvir os alunos. [...] ela tem um carinho especial, ela realmente tem um tato, pra conversar com os adolescentes. [...] a gente passa no corredor dando uma olhada” (GF Educadores, Cuiabá, Particular). (OLIVEIRA, 2014, p.116).

O professor, quando se dispõe a ser afetuosos, aberto ao diálogo e escuta, encontra-se mais acessível ao adolescente, seus conflitos, problemas e tensões. Wallon (1979) aponta para o papel do mestre, que vai além das questões institucionais e de instrução, mas para a compreensão dos alunos em sua individualidade mediante suas relações sociais, familiares, bem como de acordo com sua situação econômica e social, não apenas os classificando e modelando sem considerar suas histórias e vivências particulares. Entretanto, para isso, o professor também precisa estar disposto a modificar suas próprias ideias para conseguir entrar em real contato com o outro diferente de si, de suas próprias crenças e conceitos, mas perante uma realidade que é móvel e se modifica com o tempo, principalmente quando esse contato se dá por gerações diferentes, em que o professor tem significativa diferença de idade que seus alunos.

Nesse sentido, a pesquisadora aponta que o problema da violência no namoro perpassa pela reflexão dos próprios profissionais que trabalham com os adolescentes, seus próprios valores e crenças:

Assim, o trabalho de sensibilização para o problema da violência no namoro deve disparar processos de reflexão sobre os próprios valores pessoais de quem lida com adolescentes, posto que tais crenças pessoais se refletem nas práticas profissionais e influenciam a capacidade de se estar aberto a acolher, apoiar, e educar o outro (OLIVEIRA, 2014, p.118).

A violência nas relações afetivas perpassa por constantes processos de reflexão, desde quem as vivenciam até aos profissionais considerados imprescindíveis em proporcional disparadores para a reflexão, uma vez que determinado fenômeno tem suas raízes nos processos sociais, nos quais todos estão envolvidos e submetidos. Deste modo, a reflexão, a crítica e a conscientização, visando a resistência perante o fenômeno, devem ser constantes e perpassar por todos que nessa sociedade estão submetidos.

A pesquisadora Oliveira (2014) aponta que, de acordo com as intervenções de prevenção da violência no namoro em âmbito internacional, uma vez que no Brasil ainda existe uma lacuna, as intervenções que obtiveram mais sucesso, foram as que, além de desenvolvidas na escola, também alçaram os demais ambientes em que o adolescente circula, bem como discussões com os próprios professores, para que eles também criem estratégias e sejam atores nesse processo:

No Brasil existe ainda uma lacuna de programas de prevenção a esse tipo de violência, de modo que possam ser adotadas algumas ações, ao menos já implantadas. Entretanto, há uma tradição em algumas cidades do estudo na área da promoção da saúde de adolescentes. Acreditamos que dar visibilidade a experiências exitosas pode contribuir para a abordagem específica da questão. Alguns modelos de intervenção no âmbito internacional nos ensinam que as intervenções direcionadas para perpetração e vitimização de violência no namoro entre os adolescentes podem ser eficazes. Assim como nos relataram os profissionais de saúde entrevistados, a literatura mostra que são ações desenvolvidas, sobretudo nas escolas, mas algumas se estendem à comunidade e à família. As intervenções avaliadas como eficazes foram as de maior tempo de duração, e que foram implementadas em mais de um contexto, concentrando-se em pessoas chave do ambiente dos adolescentes. Entretanto, a escola não pode ser apenas um *locus* de intervenções de saúde, ou de outros setores, devendo-se então, criar estratégias em que os educadores sejam também atores principais nesse processo (OLIVEIRA, 2014, p.118-119).

A escola como um importante local de reflexão, crítica e prevenção da violência, não deve ser considerada apenas um local de intervenção, mas compreendida que está em relação com todo o ambiente externo e social. Do mesmo modo que a violência que ocorre dentro do ambiente escolar está diretamente relacionada ao modelo social vigente, os processos de reflexão e crítica, embora ocorram dentro do espaço escolar, devem ter relação com os demais espaços, principalmente, com o modelo e ideias socialmente disseminadas e impostas. A educação, nesse caso, não deve se limitar à educação formal,

mas ao esclarecimento geral, envolvendo os processos culturais e sociais (ADORNO, 1995).

Em uma sociedade altamente administrada, irracional e tecnicista, que visa a regressão e padronização de coisas e pessoas, a fim de serem facilmente controladas e manipuladas, uma forma de se opor e resistir é voltar-se à experiência, à espontaneidade e ao contato real e direto com o outro diferente de si. Na atualidade, os sujeitos são impedidos da experiência devido aos constantes ataques, repressões, disseminação e imposição de ideias já prontas, impossibilitando-os de refletirem por si só, em que o pensamento e consciência encontram-se dependentes e regredidos. Assim, mediante uma experiência real e direta com o externo, é possível uma reflexão crítica e consciente, conforme apontado por Adorno (1995): “A constituição da aptidão à experiência consistiria essencialmente na conscientização e, desta forma, na dissolução desses mecanismos de repressão e dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas sua aptidão à experiência” (ADORNO, 1995, p.150). Então, nesta perspectiva, a educação para a experiência é a educação para a emancipação e resistência, pois a aptidão à experiência consiste na conscientização, em pensar sobre a realidade e seu conteúdo, rompendo os mecanismos de repressão, em que a consciência e o pensar não dizem respeito apenas a um desenvolvimento lógico formal, mas corresponde ao contato com o externo, seu conteúdo e processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta pesquisa foi investigar a violência nas relações afetivas entre adolescentes em ambiente escolar, mediante produções científicas, a fim de analisar o que os dados apontam sobre a percepção dos adolescentes sobre as situações de violência, as principais características dessas relações e como é retratada a instituição escolar diante do cenário da violência nas relações afetivas.

Foi possível notar que a violência nas relações afetivas entre adolescentes em ambiente escolar é um campo pouco explorado, principalmente quando se buscou a relação do fenômeno com a escola, pois a maioria das pesquisas utiliza desse espaço apenas como local de investigação, não discutindo sobre determinado espaço e seu papel perante a violência nas relações afetivas entre os adolescentes. Este critério foi o que se destacou no momento da seleção, pois, mesmo utilizando o descritor ‘escola’ para a busca, ela é pouco abordada. Perante isso, outro ponto relevante foi a área do conhecimento das oito pesquisas selecionadas que atenderam os critérios estabelecidos, sendo elas da área da saúde, apontando para uma lacuna de determinadas pesquisas na área da educação.

Pesquisas que apresentam a percepção do próprio adolescente não são comuns devido à dificuldade de acessá-lo e à necessidade de autorização dos responsáveis, podendo ter corroborado para o fato de ser um campo ainda pouco explorado. Entretanto, apesar de ser um campo pouco estudado, mediante criteriosa seleção e investigação, os dados coletados nas oitos produções deram subsídio para alcançar os objetivos desta pesquisa.

Quanto ao objetivo de analisar o que os dados apontam sobre a percepção dos adolescentes sobre a violência em suas relações afetivas, destacou-se a naturalização e banalização dos comportamentos agressivos mediante aceitação, silenciamento, negação ou mesmo não percepção da violência, tendendo a considerar como algo comum e intrínseco à relação. Também se destacou a não delimitação entre as manifestações de amor e violência, havendo uma confusão ou mesmo fusão entre determinadas manifestações, visando a manipulação do outro e legitimação dos atos violentos.

Em relação às principais características dessas relações violentas, os dados apontaram para as normas de gênero introjetadas nos meninos e meninas, propensas à desigualdade e opressão do sexo masculino (considerado o dominador) sobre o feminino (considerado submisso). Mesmo que ambos os sexos possam manifestar comportamentos

violentos em seus relacionamentos, eles estão permeados por normas de gênero, diferenciando de intensidade, motivação e consequência em cada sexo distintamente. Nessa perspectiva, outro ponto que ressaltou como uma característica dessas relações, foi o ciúme e o controle do enamorado sobre o parceiro, em que tudo deve estar sobre a supervisão deste, podendo ser desencadeador de formas mais graves de violência quando o outro foge, real ou supostamente, do controle, demonstrando uma não delimitação entre o eu o outro, os próprios desejos e o desejo do parceiro.

Sobre o papel da instituição escolar diante da violência nas relações afetivas entre adolescentes, os dados apontaram para duas direções: uma que indica a escola como um local propício à adaptação, reprimindo e modelando os sujeitos e suas relações, visando uma normatização de acordo com o sistema vigente, pautados da dominação e opressão; por outro lado indica a instituição como um local de resistência, propício à reflexão e crítica do modelo imposto, a fim de se opor e resistir, objetivando reduzir a violência nas relações afetivas entre os adolescentes.

Mediante os resultados obtidos, a teoria crítica da sociedade deu importante suporte para que os dados fossem analisados perante a relação entre indivíduo e sociedade, compreendendo que ambos são mutuamente modificados, sempre permeados pelo processo histórico e não como algo natural. Nesse sentido, as relações sociais estabelecidas sofrem influências, bem como também influenciam o processo da civilização, as quais ambas têm suas bases na repressão e dominação, gerando violência e conflitos.

Em relação aos adolescentes, os dados com apoio da teoria, apontaram para uma ambivalência de atitudes e emoções, ora tendendo à crítica, ora à submissão, ora ao desejo de posse, ora ao sacrifício pelo outro. Deste modo, considera-se que a condução e orientação nessa fase se torna imprescindível, uma vez que mediante as polaridades, uma boa conduta pode levá-los à crítica, oposição e resistência. Perante isso, uma educação que se volte à reflexão e crítica do sistema vigente e sua influência nos sujeitos nela presentes é de grande importância para que se possa formar indivíduos críticos e resistentes, que se oponham à lógica instituída e disseminada, buscando relações mais igualitárias, pautadas no respeito e diferenciação.

Assim, vale ressaltar a necessidade de estudos, bem como de intervenções aos adolescentes desde as primeiras relações afetivas, que vise a desnaturalização de atos violentos, a discriminação entre ações advindas de manifestações de amor e violência,

principalmente, dos modelos de gênero socialmente impostos, uma vez que, as mulheres são as que mais sofrem e a cada dia mais o número de feminicídios aumenta.

Diante disso, suscitaram novas inquietações, pois, pensando nas meninas e mulheres que conseguiram romper com relacionamentos violentos, qual foi o papel da educação nesse processo? Como conseguiram alcançar a crítica, reflexão e desnaturalização às situações de violência, discriminadas as manifestações de amor e violência? A educação formal e/ou informal teve alguma importância para esse processo? A escola marcou de alguma forma? Como?

Deste modo, conclui-se que os elementos presentes nesta pesquisa podem enriquecer a discussão sobre o tema à medida em que se procurou analisar determinado fenômeno mediante a relação indivíduo e sociedade, retirando suas referências naturais e se propondo a crítica. Entretanto, a investigação sobre o tema não se encerra por aqui, ainda há muito a ser explorado sobre a violência nas relações afetivas entre os adolescentes em ambiente escolar, na busca pela crítica, reflexão e resistência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Tradução Virginia Helena Ferreira da Costa, Francisco Lópes Toledo Corrêa, Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Unesp, 2019.

\_\_\_\_\_. Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In: *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução: Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2015.

\_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. Teoria da semicultura. *Educação & Sociedade*, São Paulo, ano XVII, n. 56, pp. 388-410, 1996.

ADORNO Theodor W. e HORKHEIMER Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALMEIDA, Thiago de; RODRIGUES, Katia Regina Beal; SILVA, Ailton Amélio da Silva. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia*, vol. 13 n. 1, p. 83-90, 2008.

ANGELL, Robert C. e FREEDMAN, Ronald. Os estudos ex post facto. In: FESTINGER, Leon e KATZ, Daniel (coord.) *A pesquisa na psicologia social*. Tradução Gastão Jacinto Gomes. Rio de Janeiro: FGV, 1974.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução Luiz Antero Reto e Augusto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BRASIL. Fórum brasileiro de segurança pública. *Visível e invisível - A vitimização de mulheres no Brasil*. São Paulo, 2019. Disponível em: [https://assets-dossies-ipp-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2019/02/FBSP\\_2018\\_visivel-invisivel-vitimizacao-de-mulheres.pdf](https://assets-dossies-ipp-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/3/2019/02/FBSP_2018_visivel-invisivel-vitimizacao-de-mulheres.pdf) - Acesso em 15 de dez, de 2020.

BRASIL. Observatório da mulher contra a violência Senado Federal. *Boletim mulheres e seus temas emergentes: violência doméstica em tempos de COVID-19*. Abril de 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/pdfs/violencia-domestica-em-tempos-de-covid-19> - Acesso em 15 de dez, de 2020.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.340, de 07 de Agosto de 2006. Capítulo II – Das formas de violência doméstica e familiar contra a mulher. Agosto de 2006. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2006/lei-11340-7-agosto-2006-545133-publicacaooriginal-57150-pl.html> - Acesso em 15 de dez, de 2020.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. *Cadernos Pagu* (42), Campinas, pp. 249-274. Jan-Jun, 2014.

CARIDADE, Sônia; MACHADO, Carla. Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, Lisboa, v. 27, n. 1, pp. 91-113, 2013.

\_\_\_\_\_. Violência na intimidade juvenil: Da vítima à perpetração. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 24, n. 4, pp. 485-493, 2006.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam esta questão. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n.8, pp. 432-443, jul/dez. 2002.

CROCHÍK, José Leon. *A ideologia da racionalidade tecnológica e a personalidade narcisista*. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Razão, consciência e ideologia: algumas notas. In: *Teoria Crítica da Sociedade e Psicologia: alguns ensaios*. São Paulo: Junqueira&Marin, 2011.

\_\_\_\_\_. Formas de violência escolar: Preconceito e Bullying. *Revista de educação Movimento*. Rio de Janeiro, Ano 2, N. 3, 2015.

ERIKSON, Erik H. *Identidade, juventude e crise*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FERREIRA, Paula Pulgrossi. *Violência contra a mulher: atravessamentos pela juventude e escola*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2016.

FREUD, Sigmund. Mal estar na civilização. In: *Sigmund Freud. Obras complementares. Mal estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930 - 1936)*. Tradução Paulo César de Souza. 3ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

GIDDENS, Antony. *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução Magda Lopes. 4ª edição. São Paulo: UNESP, 1993.

GOMES, Romeu. Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza, ASSIS Simone Gonçalves, NJAINE Kathie (orgs). *Amor e violência: um paradoxo nas relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

HORKHEIMER, Max. Meios e fins. In: *Eclipse da razão*. 7ª edição. São Paulo: Centauro, 2000.

\_\_\_\_\_. Teoria tradicional e teoria crítica. In: *Os pensadores*. Tradução José Lino Grunwald. São Paulo: Abril Cultura, 1980.

JUSTO, José Sterza. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso na contemporaneidade. *Revista do departamento de Psicologia – UFF*, v. 17, n. 1. Jan-Jun, 2005.

LEITÃO, Maria Neto da Cruz, et al. *Violência nas relações íntimas envolvendo adolescentes à luz de gênero e geração: estudo multicêntrico luso-hispano-brasileiro-caboverdiano*. Coimbra: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E) | Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnC), 2019.

MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 6ªed. Petropolis: Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_. Tolerância repressiva. Tradução Kathlen Luana de Oliveira. *Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia*, vol. 12, Jan-Abr, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, ASSIS Simone Gonçalves, NJAINE Kathie (orgs). *Amor e violência: um paradoxo nas relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

NERI, Bruna Clézia Madeira; NASCIMENTO, Francisca Denise Silva do. A utilização de imagens como estratégia de banalização e modos de naturalização das desigualdades em notícias sobre a pobreza dentro dos jornais. *Latitude*, vol.10, n.1, p 50-82, 2016.

NOGUEIRA, M. F. M.; SILVA, R. M. da.; SILVA, T. T. N. Onde está meu crush? Interação via mídias locativas e cibersexualidade feminina no happn. *Panorama*, Goiânia, v.7, n. 1, p 6-8, 2017.

RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages, *et al.* Entre o ‘ficar’ e o namorar: relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza, ASSIS Simone Gonçalves, NJAINE Kathie (orgs). *Amor e violência: um paradoxo nas relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. 2ª Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SANTOS, Gabriela Campos dos. *Por quê não falar de gênero? Polêmica da ideologia de gênero e os planos municipais e nacional de educação*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2019.

SÃO PAULO. Núcleo de gênero Ministério Público do Estado de São Paulo. *Raio X do feminicídio em SP*. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/raio-x-do-femicidio-em-sp-e-possivel-evitar-morte-mpsp-2018/> - Acesso em 15 de dez, de 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, Jul-Dez, 1995.

SEITENFUS, Ricardo e VENTURA, Deisy. *Um diálogo entre Einstein e Freud: Por que a guerra?*. Santa Maria: FADISMA, 2005.

SILVA, Sheila Pinto da. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre os adolescentes. *Caderno Cedes*. Campinas, v. 22, n. 57, agosto, 2002.

WALLON, Henri. *Psicologia e educação da criança*. Tradução de Ana Rabaça e Calado Trindade. Lisboa: Vega, 1979.

## **FONTES DE PESQUISA**

BITTAR, Daniela Borges. *Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro e a rede de apoio social*. Tese (Doutorado Enfermagem em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

BRANCAGLIONI, Bianca de Cassia Alvarez. *Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise na perspectiva de categorias de gênero, violência de gênero e geração*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CAMPEIZ, Ana Beatriz. *A violência nas relações de intimidade entre os adolescentes sob a perspectiva do Paradigma da Complexidade*. Dissertação (Mestrado Enfermagem em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

CARVALHAES, Renata de Souza. *Entre laços e nós: narrativas de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência de uma escola na região Costa Verde (RJ)*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CASTRO, Ricardo José de Souza. *Violência no namoro entre adolescentes do Recife: Em busca de sentido*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Fundação Oswaldo Cruz – Centro de pesquisas AGGEU Magalhães, Recife, 2009.

MELO, Rosana Alves de. *Violência nas relações de namoro na adolescência*. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

OLIVEIRA, Queiti Batista Morreira. *Violência de gênero no namoro entre adolescentes sob a ótica dos adolescentes, educadores e profissionais de saúde*. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Fundação Oswaldo Cruz – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2014.

REZENDE, Ana Márcia de Almeida. *Violência contra a mulher nas relações íntimas de afeto: Representações sociais dos adolescentes*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

## ANEXO

Organização das categorias elaboradas *a posteriori* de acordo com os temas comuns que se destacaram em aparição e frequência nas oito produções acadêmicas selecionadas.

<b>Naturalização e banalização da violência</b>
<p>A respeito das experiências violentas nos relacionamentos, percebe-se que as situações identificadas como vivência de ações violentas ou abusivas foram episódios com algum impacto negativo mais forte para o adolescente. Todavia, parte das narrativas de moças e rapazes que contam episódios que podem ser categorizados como violentos não foram interpretadas como violência e tampouco como “relacionamento abusivo”. Os rapazes apresentaram maior dificuldade em perceber a violência vivida, enquanto sujeitos alvo de agressões, e as moças, parcamente reconheceram a violência praticada por elas mesmas. p 125.</p> <p>O relacionamento abusivo, por ser associado aos casos mais corriqueiros, não são interpretados como graves e podem passar despercebidos em virtudes de processos de naturalização e banalização da violência. p 126.</p> <p>Carvalhaes (2019)</p> <p>A perpetuação de práticas violentas se dá principalmente pela naturalização com que é percebida e reproduzida no cotidiano, inclusive por adolescentes. Se por um lado, os jovens apresentam uma postura crítica em relação ao que se coloca socialmente como demanda a homens e mulheres, por outro, justamente pela sua inserção na sociedade, reproduzem, muitas vezes, visões que refletem desigualdades de gênero. p 78.</p> <p>Os profissionais chamam a atenção à presença corriqueira e banalizada da violência verbal entre namorados adolescentes. Entre os profissionais de educação isso se destaca em função da convivência diária com os alunos. p 110.</p> <p>Outra questão sobre a qual me detive nesta tese diz respeito à banalização da violência verbal, que apresenta em diferentes estudos, altos índices de prevalência, além de ser banalizada, de se apresentar como uma forma corriqueira e cotidiana de comunicação e de muitas vezes não ter sido percebida como uma forma de violência. p 129.</p> <p>Oliveira (2014)</p> <p>Quando os adolescentes foram questionados sobre a ocorrência de violência no relacionamento íntimo, a passividade e a aceitação foram identificadas como fenômeno comum. “É normal, porque faz parte de um relacionamento” (P9/H-G3); “Eu acho que é normal, você tá nervoso. Acontece. Às vezes aperta o braço, segura o pescoço, na hora da raiva acontece, todo mundo sabe” (P4/H-G3), “Um beliscão faz parte, xingar faz parte” (E13/H). p 60.</p>

Dentre as estratégias que podem ser adotadas para garantir a fidelidade da relação de intimidade, a aceitação se mostrou naturalizada, tendendo à banalização. “Chantagem emocional, é besteira a mulher cair nisso.” (P4/H-G1); “Xingar, um apertozinho, beliscão, não forte, acontece, vai” (P10/H-G1). p 60.

Em suma, constatou-se que as relações dos adolescentes foram construídas com base em tabus, crenças, e senso comum propagados ao longo dos tempos, os quais foram elementos propiciadores para a aceitação/banalização de algumas dimensões da violência por esta não ser reconhecida como tal. p 62.

#### Campeiz (2018)

Resultados demonstram uma banalização da violência psicológica, que passa a ser vista como algo intrínseco às próprias relações humanas e, por isso, também acaba sendo reproduzida nos relacionamentos amorosos de forma indiscriminada. p 56.

Outro ponto importante destacar sobre a violência nas relações afetivas de adolescentes refere-se à sua banalização ou mesmo naturalização. Assim, na sociedade em geral, e especificamente entre os/as adolescentes, é comum o discurso de que não existe violência no namoro ou no ficar, ou de que esta é parte integrante da relação, como uma maneira de demonstrar carinho e cuidado. p 59.

No que diz respeito aos relacionamentos dos/as próprios/as adolescentes, a violência também aparece objetivada como uma prática comum, que faz parte de sua vivência afetiva. Desse modo, apesar de moças e rapazes representarem agressões e maus-tratos nas relações íntimas como algo inaceitável, eles/elas, muitas vezes, acabam vivenciando essas situações com seus/suas parceiros/as. Inclusive, são poucos/as os/as adolescentes que declaram a importância de se afastar do/a parceiro/a agressor/a e/ou prestar queixa formal contra o/a mesmo/a. Portanto, ainda que esses(as) jovens apresentem um discurso politicamente correto em torno da violência, condenando-a como algo que nunca deve acontecer nos relacionamentos amorosos, suas representações sociais mostram-se contraditórias. Assim, a violência ao invés de ser um acontecimento distante da vivência afetiva, faz-se presente, sendo muitas vezes velada pelos/as jovens, que evitam reconhecê-la ou mesmo denunciá-la. p 151.

#### Rezende (2017)

O fato de muitas atitudes dentro do namoro não serem reconhecidas como violência, justifica uma elevada prevalência deste problema associada à sua naturalização, indiciando que a violência integra com normalidade as relações de namoro. p 86.

Os resultados desta pesquisa mostraram que situações cotidianas no namoro, como toque nas partes íntimas, gestos sexuais e sexo contra a vontade do outro, vivenciadas pelos adolescentes, em sua maioria do sexo masculino, não são reconhecidas como violência, havendo uma naturalização de suas ocorrências e aumentando as chances destes não se reconhecerem como vítimas ou agressores. p 105.

Percebe-se que muitas situações de violência vivenciadas nas relações de namoro entre os adolescentes, são recorrentes e envolvem a naturalização, invisibilidade e se concretizam como uma violência simbólica, se tornando desafiador o seu reconhecimento e enfrentamento, uma vez que as práticas violentas se dão

principalmente pela naturalização com que são percebidas e reproduzidas no cotidiano, inclusive por adolescentes. p 105.

Melo (2018)

As construções de gênero também podem determinar a naturalização e a legitimação das agressões sofridas e perpetradas entre parceiros íntimos adolescentes, uma vez que estereótipos de gênero sobre o papel de homens e mulheres nas relações de intimidade podem ser compreendidos como parte de uma suposta natureza feminina ou masculina, e não como determinados pela construção histórica e social das relações de poder entre os sexos. p 90.

Outros conhecimentos relatados pelos participantes também determinam a naturalização e legitimação de violências sofridas e perpetradas entre os parceiros íntimos na adolescência, como os conhecimentos “zombar das opiniões do(a) namorado(a) não é violência”; “os rapazes são violentos por natureza”. “os(as) namorados(as) provocam a violência devido à forma como se vestem” e “tenho o direito de dar um beijo em meu (minha) namorado(a) sempre que eu quero”. p 107.

Outros conhecimentos que determinam a naturalização da violência por parceiro íntimo e a legitimação das agressões sofridas e perpetradas, porém que apresentaram menores frequências de respostas verdadeiras foram: “uma bofetada não faz mal a ninguém”; “um empurrão não é um comportamento violento”; “exercer o poder sobre o(a) namorado(a) não é violência”; “controlar o(a) meu(minha)namorado(a) é uma manifestação de amor”; “os(as) namorado(as) só podem sair se forem juntos(as); “se o(a) meu(minha) namorado(a) me contrariar, tenho o direito de gritar com ele(ela), mesmo que seja em público”; “quando um(a) namorado(a) diz que não quer ter atividade sexual está se fazendo de difícil”. p 108.

Brancaglioni (2016)

Como podemos perceber, a representação do homem como parte dominante da relação com a mulher em muitos dos seguimentos da sua vida acaba sendo incorporado pelo senso comum como algo natural. As próprias mulheres acabam incorporando essa relação de poder em suas vidas como algo que é irreversível, visto que já está naturalizado na sociedade, e, não percebendo sua condição de dominada, a mulher acaba reproduzindo essa forma de violência até mesmo com outras mulheres. p 43.

A participação da família no processo de naturalização da dominação masculina se constitui em uma das estruturas interiorizadas que, incorporadas pelos adolescentes, possibilitam sua orientação nas relações afetivas. p 51.

As brigas/violências são verbalizadas com naturalização: “eu já namorei por um ano, era um namoro normal, brigas, beijos, abraços.” p 79.

Apesar de os rapazes sofrerem violência física, eles não consideram tais agressões como graves. Percebem-se em vantagem em termos físicos e entendem que os atos violentos praticados pelas moças seja algo natural, assim como o são os atos de violência dos homens, pois as relações entre eles normalmente são violentas. p 89.

Bittar (2015)

As primeiras reações foram de negação desse tipo de violência (sexual), que seria muito difícil que durante uma relação de namoro acontecesse alguma violência sexual, que este tipo de violência seria cometido por um desconhecido no meio da rua e jamais por uma pessoa tão próxima como um namorado. p 78.

Essa impossibilidade dos rapazes de resistirem aos impulsos sexuais ao ponto de cometerem uma violência seria justificada pela presença dos “hormônios masculinos”, em outras palavras, o homem seria naturalmente propenso a cometer este tipo de violência a depender da situação. p 79.

As meninas falam da violência no namoro com certa naturalidade, não aparentando surpresa ou incomodo ao escutarem relatos de situações de violência. p 106.

Castro (2009)

### **Amor e violência**

A maneira de olhar para a ideia de amor também pode deixá-los suscetíveis a não interpretar atos de violência como tal. Alguns interlocutores, tantos rapazes como moças, relatam que o amor “tira todo o defeito”, “você ama pelo defeito”, assim, em “nome do amor” se aceitam e superam os problemas conforme a narrativa: “tipo assim, você aprende a gostar da pessoa dessa forma e o amor independente de tudo que aconteça na vida, a pessoa vai tá contigo e você vai estar com ela”. Essa afirmação pode fazer com que minimizem as experiências de violência, pois esse seria apenas mais um desafio a ultrapassar no relacionamento. p 117-118.

Contudo, a concepção de amor se constrói por via de uma ideia universal que maquia os paradigmas hegemônicos de gênero. Desta forma, quando as relações de poder estão articuladas com esses discursos hegemônicos e são colocadas sob tensão, apresentam como uma das possibilidades a manifestação da violência. Por outro lado, com a pouca problematização dessas ideias e paradigmas, que corrobora para a concepção de que o amor supera tudo, que em nome do amor é preciso fazer renúncias, ficando assim, suscetíveis a violências. p 118.

Carvalhaes (2019)

Além de motivar as agressões físicas, o ciúme é também valorizado entre os adolescentes como expressão de amor e cuidado. As atitudes controladoras estão também relacionadas a um compromisso com o parceiro. Nesse sentido, Gamache (1991) alerta que é frequente que vítimas de agressões confundam atos controladores e ciúmes com atenção, prova de amor e preocupação por parte do abusador. p 70.

Seus resultados apontam para a presença de uma lógica machista e androcêntrica entre os adolescentes, tanto meninos, quanto meninas, para quem o parceiro amoroso seria algo que lhes pertencesse, refletindo um sentimento de posse travestido de amor e cuidado, mas que se expressa no ciúme e na agressão física legitimada. p 129.

Oliveira (2014)

Quando o outro, o/a parceiro/a era o/a perpetrador/a da violência, muitos adolescentes atribuíram a violência ao amor que o companheiro/a sentia por ele/a, não distinguindo violência de amor. p 63.

Muitas formas de violências acabam sendo veladas, como por exemplo, a violência psicológica que, ao se disfarçar de cuidado, justifica a violência: “Mas ele não tá querendo controlar, ele está querendo prevenir a namorada dele de acontecer alguma coisa, pra evitar briga ou qualquer outra coisa”(P1/M-G1); “Às vezes é por causa do ciúme, é estranho um namorado estar com a namorada e não ter ciúme, aí insiste na senha, mas porque gosta né, porque gosta muito.” (P4/H-G4) p 63 - 64.

Constatou-se a existência da crença e da idealização do amor romântico, de que o outro é a “metade da laranja” ou a “cara metade”, de que a felicidade completa reside em estar junto do outro. p 64.

Os/as adolescentes relataram a existência do amor idealizado como justificativa para violência nas vivências relacionadas ao amor romântico. “Tipo, quando você começa a namorar, cria um vínculo, tipo você é um corpo só. O que você pode, pode, o que não pode, não pode” (P6/M-G2). “É por que ela gosta dele, e quando a mulher tem sentimento pelo homem ela aguenta qualquer coisa. Não é só a mulher, o homem também quando gosta.” (P1/M-G1) p 64.

Verificou-se que a privação de algo, o controle, a mágoa, o sofrimento, tudo foi suportado, aceito, em nome desse amor e sem que houvesse a percepção desses elementos como demonstração de violência. p 64.

Saber onde o/a parceiro/a vai; autorizá-lo/a; mostrar-se obsessivo/a e agir sem pensar; obter a aceitação da pessoa amada; e firmar quem é o/a “dono/a” seriam demonstrações de amor, de provas de amor. p 66, 67.

#### Campeiz (2018)

Os/as jovens que compreendem o amor com base nesse idealismo tendem a invisibilizar a violência presente em seus relacionamentos, pois partem da crença de que o amor requer sacrifícios, e por isso devem suportar tudo em nome desse sentimento maior. É devido a crença de que o amor é provação e supera todas as dificuldades, que muitas moças e rapazes veem o ciúme excessivo de seus/suas parceiros/as e o controle como demonstração de cuidado e atenção, enquanto os maus-tratos, ofensas e abusos físicos são entendidos como provações que precisam ser suportadas, afim de que a felicidade plena seja alcançada (NASCIMENTO E CORDEIRO, 2011). p 60.

#### Rezende (2017)

Percebe-se que muitos casais veem como difícil o rompimento de um relacionamento, mesmo sem condições de vulnerabilidade afetiva, sendo, muitas vezes, explicado por fatores emocionais e paixão exacerbada, que favorecem expectativas idealizadas de amor e de um relacionamento estável, bem como a presença de crenças e atitudes conservadoras em relação aos papéis de gênero e modelos que podem desculpar a violência (HAYNIE et al., 2013). p 27.

#### Melo (2018)

A literatura científica também aponta que a violência pode ser considerada pelos adolescentes como uma demonstração de amor e cuidado. Richmond, Peterson e Betts (2008) observaram a crença de que a violência psicológica deve ser tolerada e até mesmo esperada, uma vez que as agressões seriam uma expressão de amor. p 88.

No presente estudo, a violência por parceiro na adolescência revelou-se como um potencial de desgaste à saúde dos adolescentes que vivenciam. Além das lesões e traumas, a violência por parceiro íntimo também pode determinar intenso sofrimento aos adolescentes uma vez que as diversas agressões perpetradas e sofridas nas relações de intimidade ocorrem em contexto nos quais eles também vivenciam prazer e amor, o que potencializa os sentimentos de decepção e desesperança e dificulta o desvencilhamento das relações violentas (THONGPRIWAN e MCELMURRY, 2009). p 91.

Brancaglioni (2016)

A violência está presente nas relações afetivas no namoro entre os adolescentes e manifesta-se sob diversos aspectos – físico, sexual, psicológico, simbólico. Contudo, a violência tende a ficar invisibilizada pelo amor romântico, em que as desconfianças e o ciúme são decodificados como formas de cuidado e amor, apresentando-se a violência simbólica como a principal face da violência nas relações afetivas do namoro entre adolescentes. p 51.

Em linhas gerais, percebe-se que o ciúme aparece como um dos elementos mais importantes no âmbito das vinculações afetivo sexuais dos adolescentes, sendo considerado expressão de cuidado e de amor pela pessoa desejada, que se inscreve em uma acepção mais ampla de amor romântico. p 80.

Bittar (2015)

Um desses “perigos” é justamente a crença de que o amor pode tudo, ou no já citado texto medieval “O amor nada pode recusar ao amor”, ou seja, alguns adolescentes podem considerar que alguns obstáculos devem ser vencidos para que se possa vivenciar o verdadeiro amor, dentre eles a recusa inicial por parte do objeto amado ou mesmo expressões de violência, segundo Mendéz e Hernandez: “O romantismo facilita a permanência de relações potencialmente destrutivas” (MENDÉZ; HERNANDEZ, 2001, p. 47). p 39.

A apresentação dos resultados dos grupos-focais, trouxe novas luzes para o fenômeno da violência entre namorados adolescentes. A primeira diz respeito a influência do amor romântico nas relações de namoro entre os/as adolescentes e as implicações deste modelo no surgimento de violência no namoro (MENDEZ, HERNANDEZ, 2001), segundo a nossa análise dos grupos, essa influência se daria de forma parcial, privilegiando alguns aspectos do amor romântico. p 69.

Contudo a visão romântica do amor pode contribuir com relações asfixiantes entre adolescentes, o amor aparece como uma justificativa para o controle por parte do parceiro. Em situações mais graves o “amor” pode ser usado como estratégia para coagir a outra pessoa a fazer algo que ela realmente não queira, como ter relações sexuais. p 70.

Castro (2009)

### Normas de gênero

Outros relatos de agressões físicas foram enunciados tanto em relacionamento de namoro quando em relacionamento de “ficar”, e parece não ser algo incomum no cotidiano das relações. As discussões que antecediam os atos ocorriam por diversos motivos: “ter falado merda, ter xingado de piranha, tomava uns tapas na cara. Eu era mais novo e era idiota mesmo” (Guilherme, 18 anos); “um garoto que eu tava ficando. Ele falou uma graça pra mim, que eu não lembro o que era e meu deu um tapa. Quando me deu o tapa eu virei a mão de volta. Aí nisso que ele veio pra cima de mim, eu fui pra cima dele também” (Ana, 20 anos); “às vezes fico muito brava com meu noivo e vou pra cima dele, mas ele é bem maior que eu, aí só coloca a mão na minha testa pra me segurar e eu fico lá tentando acertar ele. É uma cena patética, depois fico rindo sozinha” (Nina, 17 anos). p 108-109.

Ingrid (19 anos, branca) relata que muitas vezes não queria ter relações sexuais com o parceiro e tentava resistir, mas diante à insistência e à mudança de humor do rapaz, por vezes, ela cedia a seus desejos para não o chatear “porque ele tá forçando e tal, aí começa a ficar bolado, não sei o que, e eu não gosto de ver ele assim. Aí acabo eu cedendo por causa disso”. Lidar com o descontentamento do parceiro pode trazer inseguranças e medos de término na relação, pois há uma crença de que o homem “não consegue controlar a vontade”, logo se ela não o satisfizesse seus desejos, ele poderia buscar outras mulheres. p 109.

Os adolescentes, ao explicarem o que consideram violências nos relacionamentos, contaram histórias de amigas e familiares que apanhavam com constância, eram humilhadas e cerceadas de suas vontades e seus comportamentos, controlados. Ao falar de terceiros, cobrava-se posturas de resolução e havia uma certa “culpabilização” das meninas permanecerem nessas relações, como explicitam as narrativas: “falta de vergonha na cara. O namorado bate nela, bate mesmo” e “tem mulher que aceita ser agredida verbalmente quanto fisicamente. Acho que a mulher, no mesmo instante que um homem olha pra ela com falta de respeito e agride, é momento dela repensar a pessoa com quem ela tá”. p 121.

Em suma, as histórias contadas pelas moças e pelos rapazes demonstram que ambos vivenciam e praticam uma série de violências nas relações afetivo-sexuais, sendo as interações afetivas uma rede atravessada de laços e nós, momentos prazerosos e incômodos e demarcados por desigualdade de gênero. p 123.

Carvalhaes (2019)

A agressão física aparece no discurso dos meninos como parte do “ser homem”: “... o homem é um pouquinho ignorante. A gente acha que é melhor do que as mulheres. Quer mostrar que tem mais força, que é superior a elas. E vai querer bater e não agredir verbalmente” (garoto, EI). Persiste a crença de que a infidelidade masculina é parte natural do homem, o que os licencia a trair ou ter várias garotas. O diálogo de meninos evidencia esses valores: “Trair não é violência (garoto 1); “Se a mulher trair é!” (garoto 2); “Na verdade isso é desde a pré-história, o homem pode, e a mulher não” (garoto 3). Ser “traído”, no entanto, é uma situação inaceitável pelos garotos durante o namoro, ou

mesmo o fato de a menina ter muitos amigos homens ou provocar admiração em outros garotos. p 66.

Embora percebidos como menos frequentes e como um recurso de defesa, a agressão das garotas contra seus parceiros é considerada banal por adolescentes de ambos os sexos, uma vez que não traz danos físicos graves. “A agressão de uma mulher para um homem é totalmente diferente (...) um tapa de uma mulher não dói! (Garota, GF misto). Se uma mulher me dá um tapa, eu não vou fazer nada, por que se eu for dar nela, eu quebro ela no cacete. O que é uma mulher, por mais brava que ela seja? É uma pessoa sensível. Ela é feita de impulso, tem que saber levar (Garoto, GF Misto)”. p 67.

Corroborando os dados quantitativos, destaca-se na abordagem qualitativa que, entre as meninas, as agressões de uma garota contra a outra por ciúmes do namorado são corriqueiras, graves e justificáveis. p 68.

A agressão física contra as garotas – rivais ou namoradas “infieis” – foi justificada, por ambos os sexos, sobretudo pelo comportamento das próprias vítimas expressarem pouco ou nenhum controle sobre sua sexualidade, falta de recato, ou seja, não se adequando aos padrões tracionais de gênero. A figura da mulher “vagabunda”, “desfrutável” emerge no discurso de ambos os sexos como provocadora de ciúmes entre os namorados, revelando preconceitos vigentes no senso comum que frequentemente incitam agressões morais e físicas muitas vezes naturalizadas sob o manto da moralidade. p 69.

Há uma visão entre os profissionais entrevistados - tanto profissionais de saúde quanto educadores - de que nos relacionamentos afetivo-sexuais os adolescentes reproduzem normas tradicionais de gênero, ao mesmo tempo em que novas práticas de se relacionar emergem, confrontando essas normas. Os relatos apontam para a coexistência de padrões de gênero sexistas, heteronormativos e de novas modalidades de vivenciar os afetos e a sexualidade. Se por um lado, reconhece-se que entre os adolescentes, há uma maior liberdade de vivenciar a sexualidade, de realizar experimentações, por outro, percebe-se certo tradicionalismo nas relações. Tais comportamentos afetivo-sexuais, baseados em normas rígidas de gênero, são percebidos também no ficar, que embora se defina como modalidade de relacionamento que expressa a possibilidade de experimentações, reproduz, mesmo que efemeramente, essas normas e valores morais sobre o feminino. p 104.

Oliveira (2014)

Os relatos também evidenciam questões relativas ao gênero e à passividade frente à violência perpetrada pela mulher, denotando um tabu ainda existente na sociedade e a reprodução de questões estigmatizantes “Acho que quando é o homem o violento, xingar pode, bater não. Pois a diferença tá na força. Se a gente der um soco nele vai sentir macio, agora se ele der, a gente vai ficar roxa (P5/M-G3)”. “No meu caso o problema não é o soco, são as unhas. Olha aqui meu braço, já apanhei todo, muito, tá todo marcado. Ela faz de propósito.” (P2/H-G3) “Na maioria sempre é o homem né, porque as mulheres não batem de verdade, tipo de dar soco no olho e quebrar nariz, igual minha tia ficou. Mulher faz coisa mais leve, se a unha tá grande arranha, dá unhada (risos), belisca, tenta puxar o cabelo também, isso quando o cara tem (risos). Mas tipo, o homem é com mais força.” (E13/H) p 61.

Alguns participantes relataram a violência como algo recíproco no relacionamento, manifestada em agressão tanto física quanto verbal e psicológica. “Eu bato, xingo, bato na cara, depois vou para casa chorar. Ele faz algo, me bate, me xinga e eu retorno também. Eu já cheguei até a desmaiar em casa, fiquei muito nervosa. Foi humilhação, mas eu não consigo guardar” (P1/M-G1) “Nos últimos dois namoros que tive, ocorreram violências físicas e verbais da minha parte e da deles também, eu unhava, dava soco, era briga todo dia, além da tentativa sexual por parte de um deles, forçava transar. (P8/MG2). p 68.

A violência em sua manifestação bidirecional, seja física, psicológica ou sexual, ou seja, provenientes de ambas as partes, demonstraram a existência de uma possível demarcação de território de um sobre o outro. A violência adquiriu contornos de previsibilidade ou mesmo de aceitação pelas partes envolvidas na relação de intimidade, pois o que estava em jogo era a manutenção do relacionamento. p 68.

#### Campeiz (2018)

Contudo, ainda se nota a diferença de gravidade das agressões cometidas pelos dois sexos. Enquanto a violência masculina é objetivada em agressões físicas que deixam hematomas, a violência feminina é representada pela ameaça ao parceiro. Essa desvantagem possivelmente relaciona-se com o próprio processo de socialização, que oferece diferentes maneiras de comportamento para homens e mulheres. p 113.

Portanto, os relatos dos/as adolescentes que apontam a infidelidade como motivo para a violência nos relacionamentos afetivos, revelam representações ancoradas em normas e valores sociais do patriarcado, em que o homem usa a violência para manter a fidelidade feminina, domesticar a sua sexualidade promíscua quando se descobre traído, e mostrar quem é o dominador no relacionamento. p 123.

Assim, embora a violência não seja perpetrada unicamente por homens, o sexo masculino tende a manifestar agressões mais graves e intensas quando comparado ao sexo feminino, que se utiliza de atos abusivos de menor intensidade. p 136.

Inclusive, é devido aos padrões estereotipados de gênero e ao patriarcado, que muitas situações de violência acontecem nas relações amorosas, sendo justificadas pelo fato de os homens serem vistos, quase sempre, como aqueles que dão a última palavra no relacionamento, pois são considerados mais fortes, racionais e provedores. Já a representação da mulher ancorada no casamento e na maternidade, contribui para que ela continue a ser percebida como alguém que é dependente, amável e desprotegido, e que necessita do homem para sobreviver, sentir-se feliz e realizado. p 149.

#### Rezende (2017)

Os resultados deste estudo evidenciaram que a maioria dos adolescentes que tiveram o potencial de não reconhecer as situações trazidas no questionário como violência perpetrada ou propagada no cotidiano de suas relações de namoro, eram do sexo masculino. Esse resultado coaduna com os achados de outras pesquisas, onde os homens são culturalmente mais violentos que as mulheres, demonstrado pelo desejo de dominar, controlar e dar a palavra final, mas, no entanto, não se reconhecem como agressores, por já terem naturalizado a relação de domínio e poder sobre suas parceiras.

(KINSFOGEL & GRYCH, 2004; SIMON & FURMAN, 2010; NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011; OLIVEIRA et al., 2014). p 100.

Ressalta-se que, apesar deste estudo ter demonstrado maior chance de naturalização da violência por parte dos homens, a violência pode ser exercida também pela mulher, igualmente, embora com diferentes dinâmicas, frequências, objetivos e consequências tendo sido evidenciado por outros dois estudos realizados com adolescentes de ambos os sexos (NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011; BARREIRA et al., 2014). Esse padrão de bidirecionalidade da violência no namoro adolescente já vem sendo discutido pela literatura internacional há mais de duas décadas (GRAY & FOSHEE, 1997; STRAUS & RAMIREZ, 2007; STRAUS, 2008), no entanto, mostrando haver uma maior aceitação da violência quando praticada pelas mulheres (FOSHEE, 1996). p 101

Os indivíduos do sexo masculino, quando se encontram na posição de vítimas de agressões, por parte da companheira, não se sentem encorajados a assumirem que foram violentados por elas, para não ferir sua masculinidade, demonstrando que estão mais preocupados com a própria moral do que com os danos físicos e emocionais sofridos (KRUG et al., 2002; SEARS et al., 2006; CECCHETTO et al., 2016). p 101.

Apesar dessas particularidades elencadas, que envolvem a bidirecionalidade da violência no namoro, enfatiza-se que as mulheres ainda são as maiores vítimas de violência de maior potencial agressivo, com maiores danos e sequelas, fruto de uma assimetria de relações de gênero e de processos históricos, culturais, políticos e ideológicos (NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011). p 101.

Melo (2018)

Quando consideradas as frequências absoluta e relativa de perpetração de violência segundo o sexo do adolescente, 95,7% (n=66) das meninas e 83,3% (n=35) dos meninos afirmaram ter perpetrado no mínimo uma das naturezas de violência. Em relação à violência vivenciada, 94,2% (n=65) das meninas e 83,3% (n=35) dos meninos afirmaram ter sofrido no mínimo umas das naturezas de violência. p 52.

Embora não tenha sido observada associação estatisticamente significativa entre sexo e reconhecer-se como agressor(a) de violência física, psicológica ou sexual, os adolescentes do sexo masculino apresentaram maiores frequências do que as do sexo feminino apenas nos itens que questionavam se os participantes reconheciam que haviam perpetrado agressão sexual e que tinham sido vítimas de violência física. p 88.

Estudo realizado por Minayo, Assis e Njaine (2011) também revelou a determinação de gênero das agressões sofridas e perpetuadas por parceiros íntimos adolescentes, uma vez que as falas dos adolescentes remeteram à construção social do masculino e feminino. Assim, a violência verbal foi identificada entre participantes de ambos os sexos como agressão “tipicamente” feminina e as posturas agressivas identificadas como características masculinas, mesmo quando perpetradas pelas meninas. Essas distinções são determinadas pela construção social hegemônica de masculinidade, que vincula os homens a força e ao exercício do poder por meio da dominação (OLIVEIRA, FONSECA, 2014). p 93.

É necessário considerar também que os insultos, deprecições e ridicularização praticados pelos adolescentes também são determinadas pelo gênero. As agressões verbais perpetradas pelas meninas frequentemente envolvem injúrias sobre a masculinidade dos parceiros (MINAYO, ASSIS, NJAINE, 2011), enquanto as agressões perpetradas pelos meninos envolvem a aparência física dos adolescentes e injúrias sobre o comportamento sexual das parceiras (SULLIVAN et al. 2010; THONGPRIWAN, MCELMURRY, 2009). p 94.

Os itens “os rapazes são violentos por natureza” e “os(as) namorados(as) provocam a violência devido à forma como se vestem” possuem evidente relação com construções de gênero que inocentam os homens e culpabilizam as mulheres pela violência sofrida. p 107.

Brancaglioni (2016)

O interlocutor 13 diz que “graças a Deus” a namorada ainda “era virgem”, deixando claro a importância da virgindade para a mulher, em sua opinião. Observa-se que as questões de gênero têm se mostrado fundamentais nas escolhas que cercam as relações. Em relação à mulher, ao mesmo tempo em que existe o desejo de se descobrir, impõe-se a necessidade de se ‘preservar’. p 74.

Apesar de os rapazes sofrerem violência física, eles não consideram tais agressões como graves. Percebem-se em vantagem em termos físicos e entendem que os atos violentos praticados pelas moças seja algo natural, assim como o são os atos de violência dos homens, pois as relações entre eles normalmente são violentas. “Geralmente, o que dá mais mídia, o que é noticiado é: ‘Homem bate em mulher e vai preso por causa da Lei Maria da Penha’. E dificilmente você vê em jornais que homem apanha de mulher, pois ele deve ter vergonha de chegar lá na delegacia e dizer que a sua mulher bateu nele. A mulher agride em palavras” (14 masculino – Grupo Focal 2) p 89.

Bittar (2015)

Segundo os rapazes a possibilidade de o homem sofrer violência por parte de sua companheira é considerado algo ridículo, uma outra possibilidade é ele ignorar a violência cometida pela parceira. Como a mulher seria fisicamente mais fraca, seus atos de agressão não causariam dano significativo no homem, além disso os homens já se tratariam normalmente de forma violenta. 73

A agressividade dos meninos apareceria como um dos motivadores da violência “o namorado é agressivo” e os “caras só querem bater” (grupo-focal meninas escola pública). Por outro lado, os rapazes relatavam que as mulheres provocavam os homens para que estes cometessem violência e fossem “enquadrados” na lei Maria da Penha, segundo eles essa “favoreceria” as mulheres que criariam situações irreais para processar os homens. 74

Durante o grupo-focal realizado com os meninos surgiu a ideia de que as meninas provocariam a agressão sexual quando se insinuavam para os meninos, estes ficavam confusos sem saber deveriam ou não forçar uma situação, até mesmo porque se essa reação fosse muito lenta poderiam ser taxados pelo grupo e pela própria menina de

homossexuais, o que seria considerado, pelos meninos, como uma situação constrangedora. p 79.

O que estudo pode apontar é que sim, a violência no namoro é cometida e sofrida por meninos e meninas das escolas públicas e privadas, mas isso não significa que o fenômeno da violência seja igual para meninos e meninas. p 85.

Ao analisarmos os discursos dos meninos e meninas observamos que a questão da violência no namoro vai além das dicotomias entre homens e mulheres, agressores e vítimas, vai além de lugares cristalizados e nos remete para posicionamentos orientados e atualizados pelas relações de gênero. p 85-86.

A violência sofrida pelas meninas está relacionada ao medo, vergonha e humilhação e a perpetrada nos remete a sentimentos de ciúmes, controle e receio da traição. p 90.

A violência sofrida pelos meninos é encarada como algo vergonhoso ou é contextualizada dentro dos padrões de relacionamentos masculinos, que seriam naturalmente violentos. A violência perpetrada pelos meninos estaria ligada ao controle do corpo e sexualidade da parceira, ao receio da traição e pela homofobia. p 90.

Castro (2009)

### **Ciúme e controle**

O ciúme aparece como um sentimento unânime das moças e nos rapazes interlocutores desta pesquisa. Está entre os principais motivadores de discussões, sendo correlacionado a diferentes manifestações da violência. p 101.

Geralmente os adolescentes justificavam o sentimento de ciúme pelo medo da perda, pela desconfiança, pela traição, pela insegurança ou pela ousadia e intimidade estabelecida com amigos e amigas, como demonstram as falas: sou quando eu preciso ser, tipo, a sua namorada pega e senta no colo do amigo, aí não, aí pra mim é um caso de ser ciumento” e “mesmo você ‘ficando’ com a pessoa, sempre acaba rolando ciúmes. Você acaba ficando insegura, sei lá, ainda mais quando a pessoa acaba tendo também muita amizade com mulher”. p 102.

Ingrid e Gustavo se relacionavam há quase 1 ano e, embora ambos fossem ciumentos, ela dizia que ele era pior por ser muito possessivo e desconfiado. Gustavo implicava com o tempo de demora nas respostas das mensagens, quando a menina não atendia suas ligações, verificava o celular e mensagens de Ingrid no WhatsApp e redes sociais, não gostava que ela saísse para festas e que andasse com os amigos e com as amigas. As cismas do rapaz fizeram com que Ingrid apagasse vários contatos do celular, evitasse conversar no WhatsApp e sair de casa para passeios e festas. Essas situações a deixavam estressada, com raiva, faziam-na chorar e discutir com Gustavo, que tendia a ficar mais irritado e “extrapolar”. p 103

O abuso digital despontou de forma marcante nesta pesquisa, principalmente através do controle de celulares de parceiras e de parceiros, também houve episódios de divulgação de fotos íntimas ou ‘nudes’, como é popularmente conhecido no Brasil. p 103.

O monitoramento do celular também foi associado ao aumento de segurança na relação “porque eu acho que a pessoa vai ta gostando de mim, porque, porra, a pessoa não ia chegar e ficar mexendo no celular do outro só por saber, mas por insegurança dela, fico me sentindo seguro”. p 104.

Carvalhaes (2019)

O comportamento controlador mostrou-se comum entre ambos os sexos, com meninas considerando os garotos mais controladores e ciumentos, em contraposição aos garotos, que por sua vez, se sentem mais controlados e cerceados em sua liberdade por suas namoradas. p 66.

O sentimento de ciúme provocado pela infidelidade – real ou suposta - foi um elemento importante entre os adolescentes no que tange à justificativa para as agressões aos parceiros. Notam-se, entre os adolescentes brasileiros, significativa concordância com a ideia de que o parceiro merece apanhar se foi infiel e com o direito de agredir outra pessoa por ciúmes de seu parceiro, sobretudo entre aqueles que praticaram violência física no namoro. p 70.

Oliveira (2014)

Quando o/a participante era o/a autor/a da violência, os relatos se concentraram no sentimento de querer controlar o outro e na expressão do ciúme. “Pra minha namorada ir num lugar, eu tenho que saber, se não, não vai” (P8/H-G3) “Se você gostar, vai ter ciúmes, é normal... Eu sei que eu sou ciumento, tento não ser obsessivo. Se a pessoa já olha pro lado, fico com aquilo na cabeça. Ai faço coisas ai, sem pensar... Mas se não tiver ciúmes você pensa que a pessoa não te ama, não gosta de você” (P3/H-G4) “Eu já tenho ciúmes psicótico possessivo, eu tenho esse tipo de problema. A pessoa que tem que aceitar como sou” (P1/M-G1) “Ah tipo, no caso de outro homem já falo: Quê que você tá olhando, ela é minha” (P1/H-G3). p 66.

Por meio das redes sociais, a violência se manifestou através da insistência do/a parceiro/a em querer os acessos ao celular e às redes sociais digitais do outro, e obter a senha dos mesmos, ocasionando manipulação e controle sobre a outra pessoa, ou seja, a ausência da privacidade de uma das partes. “Quando fica insistindo muito é tipo violência né, por causa da senha... tem gente que quebra até celular por causa do Facebook e mensagem de WhatsApp... Ai eu acho violência, você está tirando espaço da pessoa e tirando a privacidade dela.” (E5/M); “O que gera violência é o ciúme por causa de celular, whatsapp, facebook e internet... todos os tipos de redes sociais que existe na vida, porque sempre tem coisa que um ou outro não gosta, ou que alguém faz, ai quer “ficar” controlando o celular do outro, olhando senha e o que faz” (P5/H-G4); “Meu ex era de outra cidade. Ele chegava a ligar pra minha mãe meia-noite, pra perguntar por que eu não estava respondendo mais ele. Ele não confiava e desgastava muito. Nossa, ele era muito doido, acho que possessivo. A gente se via de final de semana, a primeira coisa que ele fazia quando ia lá em casa, era pedir pra ver meu celular. E isso pra mim é a pior coisa num relacionamento” (P5/M-G1). p 71-72.

O sentimento de medo citado pelos adolescentes foi sempre referente ao rompimento, focado na situação e no medo da perda do/a parceiro/a e não na violência sofrida pela outra pessoa. Ou seja, os adolescentes apenas se concentram na dor e no sofrimento de não terem a pessoa amada por perto, explicitando assim uma forte dependência emocional. Em outros relatos, o sentimento de medo também surgiu quando o/a autor/a da violência, ao perceber que estava em risco o seu controle sobre a vida do outro, acabou agindo com mais violência ainda. Desse modo, muitos adolescentes que vivenciaram a violência permaneceram no relacionamento íntimo por medo da reação do/a parceiro/a caso decidissem pelo rompimento. p 82.

#### Campeiz (2018)

A segunda subcategoria revela outros dois motivos que têm sido evocados pelos/as adolescentes como razões para a violência nas relações íntimas de afeto. Em relação ao ciúme, de acordo com os relatos, nota-se que este aparece objetivado como um sentimento intenso, que atinge principalmente os homens, levando-os a uma postura de dominação sobre suas parceiras. p 119

Portanto, é o ciúme patológico, que se encontra relacionado com a presença de emoções danosas como a ansiedade, depressão, insegurança e raiva nos relacionamentos amorosos, que leva ao desejo de controle total dos sentimentos e comportamentos do/a parceiro/a (ALMEIDA et al, 2008), o que inclusive pode levar a atos de violência muitas vezes brutais, como os relatados nesta pesquisa. p 121.

Nos relatos dos/as adolescentes o ciúme é representado como um sentimento exagerado, que é ruim para o relacionamento, levando a agressões e maus-tratos. Essas representações indicam que os/as jovens não conseguem perceber a tenuidade desse sentimento, que, quando desregulado, produz males no relacionamento, mas, se vivido na dosagem correta, pode ser bom e fortalecer o vínculo amoroso. p 121.

#### Rezende (2017)

O controle comportamental e o uso de poder exacerbado têm sido associados aos parceiros violentos, e tem sido mostrado que o controle do comportamento e o ciúme nas relações de namoro são importantes determinantes da agressão física na relação marital (CARIDADE, 2011). p 30.

O ciúme alavancou a maioria dos conflitos e brigas durante o namoro, sendo valorizado como expressão de amor e cuidado, e justificando a maior aceitação de condutas violentas com o parceiro entre aqueles que já praticaram agressão verbal nas relações de namoro. Tal observação sempre vem acompanhada da justificativa e agressões mais exacerbadas dentro da relação, onde o fato de um dos dois provocar ciúme é motivo para a violência física ser efetivada (FERNANDEZ-FUERTES & FUERTES, 2010; GOMEZ et al, 2011). p 104.

E no geral, o motivo das maiores desavenças é o ciúme e sensação de posse do outro. p 111.

#### Melo (2018)

Os adolescentes do sexo masculino também apresentaram maiores frequências de respostas verdadeiras nos itens “o ciúme é sinal de amor”, “quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada o outro”, “o(a) namorado(a) só controla o outro porque gosta

muito dele (a)” e “os(as) namorados(as) devem vestir-se para agradar um (a) ao (à) outro(a)”, todos com associação estatisticamente significativa. Esses conhecimentos podem ser utilizados para legitimar ou naturalizar comportamentos controladores perpetrados ou vivenciados nas relações de intimidade. p 105.

No presente estudo, também observou-se entre as meninas elevados percentuais de conhecimentos que podem determinar a naturalização e a legitimação de comportamentos controladores, como os presentes nos itens “quando se namora, devemos fazer aquilo que agrada ao outro(a), “os(as) namorados(as) devem informar os parceiros sempre onde estão”, “os(as) namorados(as) podem ler as mensagens de celular um(a) do(a) outro(a)”, “os(as) namorados(as) devem informar os parceiros sempre com quem estão” e “o ciúmes é sinal de amor”. p 105-106.

Destaca-se considerável percentual de adolescentes que respondeu verdadeiro no item “os(as) namorados(as) podem ler as mensagens de celular um(a) do(a) outro(a)”. Dessa maneira, com o advento da internet e das redes sociais, os comportamentos controladores podem ocorrer também nas interações virtuais estabelecidas entre os adolescentes, achados também relatados por Minayo, Assis e Njaine (2011) e por Nascimento e Cordeiro (2011). p 106.

Observou-se que considerável percentual de adolescentes declarou que “os amigos não comuns prejudicam a relação de namoro”, conhecimento que pode determinar a vivência e perpetração de comportamentos controladores, como restringir o convívio social do(a) parceiro(a), aspecto apontado com frequência na literatura científica (THONGRPIWAN, MCELMURRY, 2009; WIKLUND et al, 2010; MURPHY, SMITH, 2010) e compreendido por alguns adolescentes como um direito dos(as) parceiros(as), como pode ser observado no item “temos o direito de escolher os(as) amigos(as) do(a) nosso(a) namorado(a)”. p 107-108.

#### Brancaglioni (2016)

O ciúme aparece como um componente-chave das falas constituídas pelos adolescentes protagonistas do estudo quando abordam e debatem acerca das relações de namoro e ficar, de maneira que suas experiências e sentidos parecem revelar a ciúme, nesse primeiro momento, como expressão de amor e cuidado, ou seja, como aquele componente que dá um toque extra às relações amorosas. p 77.

No segundo núcleo de sentido, isolamento social – “se você não pode o outro também não pode” - os significados presentes nas relações de namoro dos adolescentes são marcados pelo controle recíproco da vida do(a) parceiro(a), no sentido de desejar saber tudo o que ocorre em seu cotidiano e de se afastar de seus círculos sociais devido ao namoro e ao ciúme que ronda a relação permanentemente, como vemos pelas falas seguintes: “O que eu prezo é contar. Porque eu conto tudo pra ela, então que quero tudo dela pra mim. Então, vamos supor, se ela conta por cima e eu pergunto por que ela não contou tudo pra mim, ela responde: Porque não, eu achei que você ia ficar bravo. Se eu falo que estou conversando com umas meninas lá na escola, ela já vira o capeta! Eu só posso ter amigo homem” (13 masculino – Grupo focal 1); “Eu acho que as amizades também levam a discussões no namoro. Porque o seu namorado não quer que você tenha amizade masculina, e a gente não quer que eles tenham feminina. Se você não pode o outro também não pode (...), a gente acaba que corta um pouco a amizade. Se quiser ter amizade, vamos sair entre casais...” (15 feminino – Grupo focal 1); “Eu só

dava atenção pra minha namorada e estava esquecendo os amigos. Saía só com ela, não saía com os amigos, aí chagou um ponto que não dava mais. Estava esquecendo os amigos” (17 masculino – Grupo focal 2); “Eu e meu namorado, a gente estuda junto, final de semana a gente fica junto, a gente come junto, tudo junto! O certo é final de semana ficar junto. Se não, não tem respeito se você sair...” (18 feminino – Grupo focal 2). p 79.

Dentre as formas de agressão, em nosso estudo, a violência psicológica – gritar com o outro, ameaçar, controlar a vida do parceiro, perseguir, dentre outros exemplos – aparece de forma marcante no cotidiano das relações afetivo-sexuais dos adolescentes. p 86.

Estudos mostram que as formas comuns de tentativa de controle sobre a vida do outro nas relações afetivas-sexuais entre os adolescentes são o controle de comportamentos, das roupas usadas pelo parceiro, dos nomes nas agendas dos celulares, dos acessos às redes sociais, das pessoas com quem conversam, dos lugares que frequentam e das formas de expressar afetos pelos amigos. Há circunstâncias em que o controle ganha contornos de obsessão e toma forma de perseguição, podendo desencadear agressões físicas. p 87.

Bittar (2015)

Os elementos de perda de liberdade, ciúmes e controle por parte do outro apareceram com frequência em relação ao namoro. A presença destes elementos traria elementos negativos para a vivência do namoro. p 65

Nesses trechos e em vários outros momentos dos grupos-focais, apareceram falas em que adolescentes relatavam que o namorado ou namorada tentavam estabelecer alguma forma de controle em suas vidas, ou quando eles e elas mesmos relatavam a dificuldade de lidar com a idas sozinhas a festas, cinemas ou mesmo na rua, sendo comum que o controle aconteça entre as duas partes. 66

Durante a apresentação dos resultados, podemos observar que alguns elementos presentes nas relações de namoro poderiam criar “ambiências” para o surgimento da violência, dentre elas os comportamentos de controle exercido por meninos e meninas em suas relações de namoro, o medo de ser abandonado/a pelo parceiro/a, papéis tradicionais de gênero, a influência da homofobia e do machismo. 82

Castro (2009)

### **Ambiente escolar: adaptação e resistência**

#### **Adaptação**

A escola em que foi realizada esta pesquisa tende a reproduzir a lógica normativa e padronizada sobre a saúde sexual e reprodutiva. Mesmo com esforços, possui dificuldade de pensar a diversidade sexual, o gênero e a sexualidade de forma mais

ampla e possui um comportamento tutelar, de controle e disciplinamento da sexualidade – fato que gerava uma série de conflitos dentro da instituição. p 37

No ambiente escolar, os discursos morais também transcendiam nas falas das funcionárias e do funcionário da portaria, no entanto, as moralidades apareciam apenas em torno do feminino, os rapazes não eram mencionados nas críticas: “eles vivem se agarrando por aí, as aulas dessas meninas acabam e, ao invés de irem embora, ficam aí na pouca vergonha, é cada coisa que a gente vê.” Como apontado no início do capítulo, além de demonstrar atitudes de controle sobre a circulação pelo espaço, tinha fala mais expressivas quanto aos valores morais do que as funcionárias: “acaba a aula dessas meninas, ao invés de irem pra casa fazer alguma coisa útil, lavar a louça, arrumar uma casa, ficam de agarração com meninos”, “essas meninas é igual manga na mão, quando você vai comprar, é um aperta aqui, aperta ali, de mão em mão, aí quando casa já não tem mais gosto, não tem mais graça”. Essas falas, além do sexismo, reforçam as condutas esperadas das meninas, como aquelas associadas às responsabilidades pelos afazeres domésticos e a necessidade de se preservarem diante das experiências afetivo-sexuais. p 73.

“Nossa, foi por pouco que não fui eu, um pouco antes eu estava com a minha namorada” (menina, 14 anos). Dizeres como esse eram repetidamente pronunciados no cotidiano escolar, ser flagrado era uma ameaça constante às parceiras, bastava andar de mãos dadas, se beijar ou dar uns “amassos” em algum canto escondido, o risco de serem levados à diretoria era iminente, afinal a regra era clara e de conhecimentos de todas e todos ‘não pode namorar na escola’. p 73-74

As regras e a rigidez se apresentam de forma homogênea e normatizadora, com isso “acaba promovendo o apagamento sistemático da espessura e da textura das vidas nas escolas” (RANNIERY, 2017, p. 216), desconsiderando as pluralidades e heterogeneidades sejam elas de gênero, classe, raça, culturas regionais ou etnia. Alguns estudantes não aceitam de forma passiva a imposição de regras, subvertem-nas, assim estabelecendo um jogo de força com a escola, esta por sua vez tende a enrijecer a disciplina exigida e a cobrar que seus funcionários exerçam uma maior vigilância. p 74.

As funcionárias explicaram que só levavam para a direção quando os casais estavam trancados em salas de aula ou quando eram vistos se tocando de formas mais ousadas: “eles ficam, não pode, a gente faz vista grossa, mas tem horas que fica demais aí precisa chamar a atenção”. Em oposição a essa fala, algumas alunas se queixavam que a escola repreendia qualquer atitude, como por exemplo, quando estavam abraçadas com amigos. Alguns relatos sugeriam que havia uma seleção das pessoas que eram interpeladas, como transpareceu na fala de Ana: “sei lá, um monte de gente beija no portão, beija lá fora, na frente da direção e ninguém fala nada, aí a gente tá abraçada com um amigo e vem alguém e chama a atenção” p 75.

Se o namoro entre casais heterossexuais era fiscalizado na instituição, as relações homossexuais possuíam uma maior vigilância e controle. p 76.

A participação nas atividades promovidas na escola possibilitou perceber que mesmo havendo um esforço em problematizar questões da sexualidade e da violência, ainda eram reproduzidos estereótipos de gênero a partir de discursos hegemônicos e

heteronormativos, e havia um silenciamento dos profissionais em momentos possivelmente cruciais para uma intervenção. p 84.

A escola representa um local de controle, de moralidades e julgamentos da sexualidade dos adolescentes, sendo assim, é um local onde as histórias de violência são mantidas em silêncio. A escola pesquisada é desacreditada como possibilidade de auxílio na resolutividade de conflitos e violências vividos pelos adolescentes – como exemplo, retomo a violência vividas por Lígia, na unidade, em decorrência de sua orientação sexual. A maneira de lidar e de controlar as interações afetivo-sexuais na unidade exerce influência para a percepção desta como parceira ou não, mediante a busca de auxílio das violências vividas. p 116.

Carvalhoes (2019)

Destaca-se a percepção de que as meninas estão mais ativas em sua vida afetivo-sexual e, frequentemente, isso foi colocado como motivo de preocupação por parte dos profissionais, revelando o quanto ainda causa estranheza o fato de a mulher explicar seus desejos sexuais, já que a tradição sexista exige uma conduta mais contida delas. Em se tratando de adolescentes, tal estranheza provoca desde a surpresa em seu sentido positivo, em que os profissionais se sentiam demandados a estarem mais abertos para compreender e lidar com práticas antes não tão visíveis em suas experiências pessoais; até a preocupação e o rechaço dessa liberdade de expressão da sexualidade feminina, qualificando isso como “inversão” ou “falta” de valores, despertando nos profissionais uma atitude mais controladora do exercício da sexualidade dos adolescentes, especialmente das meninas. Tal atitude controladora foi mais relatada entre os educadores, talvez em função da existência de regras de conduta no espaço escolar que coíbem comportamentos de expressão afetivo-sexual, destacando-se que esse controle se dirige mais às meninas do que aos meninos. p 106.

Entre os professores das escolas públicas, por exemplo, foi comum um discurso de impotência e solidão, de sobrecarga de funções, de falta de apoio e comunicação com suas direções. Esse contexto de desamparo se verifica também nas relações com os alunos e suas famílias, que são acusadas pelos professores de serem negligentes com a educação dos filhos ao delegarem para escola essa responsabilidade, o que não seria de competência da mesma. Uma falta de diálogo generalizada, em que professores, diretores, famílias e alunos não conseguem estabelecer relações mais solidárias, no sentido de construir saídas mais saudáveis para as dificuldades em comum que enfrentam. “Eu acho que não é bem a escola, é o sistema, é o contexto. Nós enquanto professores, a gente tem discutido isso, nós nos sentimos aleijados em função disso. Nós não temos muito o que fazer” (GF Educadores, Cuiabá, Pública). “[...] os professores que estão na frente de batalha, no dia a dia, a gente não tem ninguém por nós. Ninguém. As direções estão omissas... As direções estão em sua maioria com medo, recuadas, aconselhando o professor a não estabelecer nenhum conflito pra não ter problema com a comunidade, porque a comunidade tem nota boa... a gente tá acuado” (GF Educadores, Recife, Pública). p 114.

Nossos resultados apontam para a forma pela qual os discursos/práticas dos profissionais podem corroborar padrões machistas e violentos de vivenciar os conflitos nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes, ou romper com tais padrões,

oferecendo apoio, escuta, proporcionando reflexões, discussões que levem a relacionamentos mais igualitários. p 117-118.

Oliveira (2014)

Considerando que diferentes instituições sociais estão impregnadas da ideologia androcêntrica, as famílias, as escolas e os serviços de saúde constituem espaços de reprodução dessa ideologia. Portanto, a problematização e compreensão da dominação masculina também é limitada entre os adultos, o que pode determinar que familiares e profissionais de saúde e educação também naturalizam e legitimam a violência por parceiro íntimo na adolescência, dificultando assim o enfrentamento desse fenômeno. p 119.

Brancaglioni (2016)

Como será discutido durante o texto, vários mitos e preconceitos sobre gênero, amor romântico, sexualidade e adolescência contribuem para que o tema da violência no namoro ainda seja pouco percebido e debatido por instituições como a escola, o serviço de saúde ou mesmo pela família. p 14.

Castro (2009)

### **Resistência**

É necessário, portanto, um maior investimento de diversos setores – saúde, educação, mídia - no sentido de desenvolver ações voltadas para os adolescentes visando à desconstrução de estereótipos de gênero. Se o objetivo é promover relações mais igualitárias, a violência como forma de resolver os conflitos nas relações afetivo-sexuais precisa ser seriamente problematizada e, sobretudo, desnaturalizada. p 78.

Embora tenham relatado procurar pouco a ajuda de professores em situações de violência no namoro, o espaço escolar foi também escolhido pelos adolescentes brasileiros como lugar privilegiado para o desenvolvimento dessas ações de prevenção e de promoção à saúde, ainda que apontem o frágil diálogo entre professores e estudantes no que se refere à questão do namoro entre os jovens. Entretanto, os adolescentes acreditam que a existência de um elo de confiança, entre educadores e alunos, pode possibilitar um trabalho de orientação sobre a questão da violência no namoro. p 101.

Entre os educadores, as falas não apontam especificamente para possíveis ações de prevenção à violência. O que se destaca em relação ao enfrentamento da violência entre namorados é a visão que têm de si mesmos como potenciais acolhedores dos adolescentes com os quais convivem cotidianamente, dando um direcionamento à situação, quando ela aparece. Para tanto, relatam diferentes estratégias, tais como, conversas em particular com o aluno, reunião com a família, ou mesmo, encaminhamentos às unidades de saúde ou Conselho Tutelar. p 114.

Foram relatados diversos casos isolados de professores mais afetuosos, mais abertos ao diálogo, e que oferecem uma escuta aberta aos adolescentes, permitindo que esses os procurem em casos de dificuldades, inclusive em suas relações afetivo-sexuais. Esse acolhimento e abertura para o diálogo é o que consideram como campo de possibilidades para o enfrentamento, não só da violência no namoro, mas também de

outros problemas que possam estar afetando seus alunos. “[...] nós temos uma professora... que ela é espetacular pra ouvir os alunos. [...] ela tem um carinho especial, ela realmente tem um tato, pra conversar com os adolescentes. [...] a gente passa no corredor dando uma olhada” (GF Educadores, Cuiabá, Particular). p 116.

Assim, o trabalho de sensibilização para o problema da violência no namoro deve disparar processos de reflexão sobre os próprios valores pessoais de quem lida com adolescentes, posto que tais crenças pessoais se refletem nas práticas profissionais e influenciam a capacidade de se estar aberto a acolher, apoiar, e educar o outro. p 118.

No Brasil existe ainda uma lacuna de programas de prevenção a esse tipo de violência, de modo que possam ser adotadas algumas ações, ao menos já implantadas. Entretanto, há uma tradição em algumas cidades do estudo na área da promoção da saúde de adolescentes. Acreditamos que dar visibilidade a experiências exitosas pode contribuir para a abordagem específica da questão. Alguns modelos de intervenção no âmbito internacional nos ensinam que as intervenções direcionadas para perpetração e vitimização de violência no namoro entre os adolescentes podem ser eficazes. Assim como nos relataram os profissionais de saúde entrevistados, a literatura mostra que são ações desenvolvidas, sobretudo nas escolas, mas algumas se estendem à comunidade e à família. As intervenções avaliadas como eficazes foram as de maior tempo de duração, e que foram implementadas em mais de um contexto, concentrando-se em pessoas-chave do ambiente dos adolescentes. Entretanto, a escola não pode ser apenas um *locus* de intervenções de saúde, ou de outros setores, devendo-se então, criar estratégias em que os educadores sejam também atores principais nesse processo. p 118-119.

Oliveira (2014)

Isso (produção de novos conhecimentos e práticas capazes de enfrentar o fenômeno da violência) só será possível por meio de uma verdadeira pedagogia dentro da instituição escolar, nas unidades básicas de saúde, mas também em diversas outras áreas institucionais. Debates fundamentados em referenciais e o Paradigma Complexo são essenciais para (i) a construção de um currículo escolar atento ao fenômeno entre os adolescentes, sua dimensão e gravidade e (ii) para a formação e preparo dos professores e enfermeiros que lidam com o fenômeno no cotidiano, para que não só desenvolvem um olhar integral sobre o mesmo, mas também obtenha respaldo, tendo em vista o forte impacto emocional a que muitos estão sujeitos, e uma adequada proteção perante os casos de denúncia. p 115.

Campeiz (2018)

Esse conhecimento (da dissertação), além de permitir verificar o posicionamento assumido pelos/as jovens acerca da violência, também pode servir como guia para o desenvolvimento de políticas educacionais, visando a conscientização dos/as mesmos/as, que podem ser desenvolvidas no espaço escolar e disseminadas na sociedade. p 14-15.

Assim, considerando que muitos/as jovens têm dificuldade de perceber situações de violência em seus relacionamentos, faz-se importante o desenvolvimento de trabalhos de prevenção e conscientização voltados a esse público (GUERREIRO et al, 2015; NASCIMENTO & CORDEIRO, 2011). Esses trabalhos poderão auxiliá-los a dispor de recursos para o reconhecimento da violência nas relações íntimas, como também

poderão ajudá-los na reflexão e questionamento de ideologias enraizadas no imaginário social, que tendem a justificar a agressão. p 134.

Rezende (2017)

Diversos pesquisadores na área da violência afetiva, afirmam que é fundamental a realização de ações de intervenção com os adolescentes e jovens desde cedo, quando iniciam essas primeiras relações, reforçando a importância da desconstrução de crenças que legitimam os comportamentos violentos, e prevenindo a banalização da violência de uma maior compreensão da gravidade deste problema, sensibilizando os mesmos para a utilização de comportamentos não violentos nas suas relações de intimidade (SHOREY et al, 2012; MURTA et al, 2013a; MURTA et al, 2015). p 34.

Diferentes formas de intervenção podem ser utilizadas no sentido de prevenção da violência nas relações de intimidade. A inclusão no currículo das escolas de programas de prevenção da violência favorece o impacto no conhecimento e conseqüentemente na procura de ajuda pelos adolescentes e jovens, contribuindo para a intervenção precoce na diminuição das condutas violentas (SILVA; METTRAU, 2010; MURTA et al, 2013b). Nesse contexto, a escola apresenta-se como um espaço importante na socialização desses grupos, assim como um local privilegiado para o aparecimento e necessária sinalização de comportamentos violentos. p 34.

Melo (2018)

Considera-se necessária a capacitação de profissionais que atuam junto aos adolescentes, como nas áreas da saúde e educação, para a identificação, prevenção e enfrentamento em rede da violência por parceiro íntimo na adolescência (GESSNER, BRANCAGLIONI, FONSECA, 2015). p 111.

Brancaglioni (2016)

A instituição escola tem grande responsabilidade no processo de formação de futuros cidadãos e cidadãs ao desnaturalizar e desconstruir as diferenças de gênero, questionando as desigualdades daí decorrentes. O processo de socialização, na infância e na adolescência, é fundamental para a construção de identidade de gênero. Essa seria uma importante justificativa da opção de o campo de estudo desse trabalho ser a escola, um espaço fundamental para ampliar a compreensão e fortalecer a ação de combate à discriminação e ao preconceito. p 54.

No âmbito da pesquisa, o investimento em educação, elaborando estratégias de aprendizagem sensíveis aos aspectos sociais e culturais, privilegiando relacionamentos interpessoais saudáveis. p 114.

Assim, os programas de formação de profissionais precisam levar em consideração as diferenças de gênero, de classe, de etnia, de pluralidade de gênero e orientação sexual. Há de se repensar a sexualidade humana de maneira mais abrangente, tendo em vista tanto as singularidades de homens, quanto as singularidades das mulheres. Além disso, os profissionais ainda precisam ser formados e estarem atentos para as coocorrências dos diversos tipos de violência, através de uma escuta profissional efetiva e comprometida. p 114.

Bittar (2015)

Recomenda-se que programas voltados para a prevenção de violência entre namorados/as adolescentes se dê no âmbito da educação e da educação em saúde. p 90.

Castro (2009)